

EXCERPTOS

DAS

MEMORIAS E VIAGENS

DO CORONEL BONIFACIO DE AMARANTE

PUBLICADOS COM NOTAS E ADDICÇÕES

PELO

Tenente Tiburcio de Amarante

LENTE DE HISTORIA DO COLLEGIO DE PETROPOLIS.



RIO DE JANEIRO

Typ. da Empreza — DOUS DE DEZEMBRO — DE PAULA BRITO,

IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

—
1852.

SENHORES GUANABARENSES.

No anno de 1848, do nascimento do *Irís*, concebi a idéa de publicar pouco a pouco alguns excerptos dos escriptos de meu tio, com o fim honesto de preparar o publico para bem receber o livro de um Brasileiro tão notavel, e impedir ao mesmo tempo que o editor das suas obras, eu, ou não eu, não tivesse o maior dezar que pôde haver nestas empresas pecuniarias.

Conheço o enthusiasmo litterario da época, e o quanto os livros sérios são acceitos no vasto e rico imperio, e por isso me abalanço a tirar á luz da imprensa esta obra, que na minha opinião é igual á Biblia em merecimento. A Escriptura foi feita para as almas asceticas, e a obra de meu tio para a sociedade: uma nos falla do céo, e a outra nos descreve a terra, e todas as maravilhas do engenho humano.

Meu tio, que era um homem superior, e formado na celebre universidade de Greisen, fez seus estudos em companhia do barão de Munchausen, e com elle viajou por algum tempo, não só na Europa, como na Asia; e á semelhança do seu illustre amigo escreveu um diario das suas peregrinações, que possuo, em quatorze volumes in-folio, e do qual farei os extractos que offereço á nação brasileira, não com aquella pompa com que José Agostinho de Macedo offereceu o seu Oriente, mas com a modestia que me é propria. A minha dedicatoria devia ser aos homens politicos, cuja sinceridade caminha á par e passo das verdades deste livro; mas não quero, e so-bejam-me razões.

O nosso Brasil em materias scientificas está ainda muito por baixo: contenta-se com quatro jornaes, duas revistas, e alguns folhetos vindos da estranja; e nas materias transcendentales está inteiramente na infancia: começa por inventar os balões aerostaticos, e deixa a Herschel e a Leverrier a descoberta de dous planetões: foi rompante de leão, e

Quando os nossos sabichões de papada e beijo cabido, não entendem o que se lhes mostra, escarram duvidas, e acabam por affirmar que tudo é mentira, e que os progressos do espirito humano, a razão e a critica ali estão para comprovar o que dizem. Isto só acontece quando falla um filho do paiz. Se escreve, e insere uma idéa nova, os aferidores passam-lhe a rasoura de sua omnisciencia, e fica tudo como se nada houvesse. Mas se Mr. Lavernu, Lavernoff, Lavernson, ou Lavernini o escreve, ou proclama, ficam todos boquiabertos, e curvam-se como os musulmanos aos versos do alkorão, que não entendem: são escravos do mysterio, e vão echoando e businando

as virtudes e os talentos daquelles genios de arribação, que tem o unico merito de não haver largado aqui o cordão umbilical, e o de não terem andado em fraldas de camisa.

Para os nossos escriptores tem um estomago de bolha de sabão, mas para os de fóra um estomago de guta percha, um bucho de aço temperado, com succo gastrico de ema, ou de sucuriuba.

Oh! infancia maldicta, verdadeira serpente que se enrosca nos pés do homem modesto, e que o impede de caminhar sem dar pulos de corça ou pinotes de chibarro.

Para desfiar esta malha intrincada de opiniões ácerca do que vio, estudou, e presenciou meu tio, e para poder lutar heroicamente pela gloria da familia dos Amarantes de Icarahy, puz-me a pannos, sahi pela barra fóra, e viajei tres annos consecutivos, não com o intuito de imposturar com os *visas* de um passaporte longo e roto, mas com o nobre fim de verificar e commentar o livro de meu tio. Andei por todos os lugares por onde andou, passei os mares que passou, e vi o que elle vio, e mais ainda, porque vi que meu tio era o homem mais modesto do mundo, e um varão de consummada prudencia. O coronel Bonifacio de Amarante escreveu aquillo que podia ser avaliado pelo povo, bem povo, porque sabia para quem escrevia, e deixou á margem uma parte sublime das suas viagens e descobertas, que me proponho de restituir, e de commentar para cabal instrucção da nossa gente, que de tudo duvida, e que tudo acredita.

Somos dous agora, tio e sobrinho, Bonifacio e Tibureio; somos dous agora, Srs. sabichões, e vemos se ainda se atrevem a duvidar. Chateaubriand, diz: « Nenhuma philosophia faz o homem credulo, pouca philosophia incredulo, e muita philosophia credulo: os extremos tocam-se!

Não é para os sabios de meia tigela, de que abunda tanto a época actual, que dou á luz esta obra de meu tio, este escripto immortal: é sim para os espiritos elevados, que depois de percorrerem toda a escala dos conhecimentos humanos, voltam ao ponto da partida, confessam sua ignorancia, e passam o resto da vida extasiados diante das maravilhas da creação, e dos variaveis e infinitos phenomenos que apresenta.

Não é para os sabios de meia tigela, para esses Orates possuidos da mania de tudo explicar, que offerecemos esta luz tão primorosa, mas sim para os espiritos graves e sensatos: os papagaios scientificos são derrotados por novos papagaios na gaiola dourada dos systemas, como acontece no calidoscopio philosophico das theorias impalpaveis, do eu, e não eu, ou no redomoinho da bemaventurada politica com os seus pennachos humanitarios, com a sua rosa ventorum, com os seus confeitos salvadores do genero humano, e com o préstito de todos os seus apostolos, martyres e oradores, que confundem a algibeira com o coração pela pressa em que andam, no tremedal das agitações.

Creio tanto no amor de Ledru Rolin á França, como no de Ratdezki á Lombardia.

Meu tio não falla a este, ou áquelle, na sua obra, e nem tão pouco olha para tres palmos do horizonte com o relógio na mão; a sua obra é um monumento que tem por horizonte o futuro e por duração a eternidade; é um livro que vale uma bibliotheca inteira, é enfim a mais vasta e modernissima encyclopedia dos conhecimentos humanos.

Sei, e me comprazo com isso, que a vaidade européa se offenderá com a revelação de tantos factos que importam seu aniquilamento; sei que o orgulho dos Prometheos da actualidade se achará abatido e encadeado neste novo Caucaso, erguido por meu tio no centro da terra americana, mas que importa, direi como elle disse no momento de morrer, ao entregar-me a chave do bahú que encerrava as suas obras: « O seculo em que vives é um seculo de charlatães: tudo é velho, e só parece novo aquillo que está esquecido, ou que se ignora ainda na Europa... Os sabios, philosophos, e estadistas do seculo XIX são uns jogadores de pião, que nunca acabam de enrolar a ficra, e. . . . »

Fechou os olhos, e deixou de existir. Para os homens daquella especie a sepultura é uma nova vida, porque começam a sua verdadeira existencia por aquella que lhe prepara a imprensa no mundo do idealismo.

Acabo de vêr a exposição de Londres, e de admirar aquella ratocira immensa de ferro e crystal, onde os inglezes prenderam uma parte da industria do universo, para compararem com a sua, e melhorarem de sorte; e muito me ri quando ouvia dizer aos Francezes que a idéa era velha, e que pertencia á França essa gloria; e logo, segundo esta theoria, abri as portas do paraizo dos asnos e comecei a viajar por todos os planetas, e a collocar pontes pensiles de uns para os outros, assim como a imaginar uma estrada subterranea por toda a terra, para mais commodamente viajar por meio do vapor, gaz, e electricidade, e ter a gloria de tambem ser inventor daquillo que um dia se realizar em terra estranha.

Em Pekim vi uma igual festa da industria humana, e lá encontrei o que não vi em Londres: goiabada de Campos, cobertores de Minas, cochinchos de Buenos-Ayres, arreios do Rio-Grande, doce de Pernambuco, quartinhas da Bahia, arroz do Maranhão, flores de pennas, de Santa Catbarina, e ferro do Ipanema!!!

Estive na terra onde se vai buscar lenha ao mar e sal ao matto! e lá encontrei um sabio, velho amigo de meu tio, que me encheu de admiração. Era um Persa que tinha viajado todo o mundo, e que fallava todas as linguas humanas; era um mago da antiguidade, e tinha o aspecto de um daquelles sacerdotes egypcios, que tudo sabiam, e que de tudo discorriam.

« O Brasil, me disse elle, é terra de macacos e de papagaios; imita-se pouco o bom do velho mundo, e falla-se mais do que se escreve. Olhai: traja-se á européa, vivendo-se na zona torrida; dansa-se no estio a valsa, que o Allemão inventou para suavisar o rigor do inverno; andam todos de preto, como os Inglezes, sem que a isso os obrigue o fumo do carvão de pedra; preferem os vossos patricios o ardor dos raios do sol á frescura de bellas e fragrantas avenidas de arvoredo; tendes pedra magnifica, e fazeis pontes de madeira; podeis ser uma nação livre, e importaes escravos e senhores; tendes tudo e nada tendes, porque vos falta o siso nacional e a precisa fé em vossas instituições.

« Achei-me em alguns circulos, na vossa terra, e pratiquei com poucos homens de algum merito real; porque a maior parte são ainda muito ignorantes das cousas de seu bello paiz, e mesmo não tem interesse em conhecel-as. Se perguntava a um moço pelo estado da sua litteratura, este me fallava de Racine e Voltaire, ou vinha com uma longa dissertação sobre romantismo e classicismo, trazendo logo os

« nomes de Lamartine, Hugo, Dumas, Turquety, ou Delavigne. Se lhe pedia uma
 « explicação succinta sobre o estado das sciencias, desenrolava-me logo um manual
 « encyclopedico, e ia por esses ares até o ultimo dos planetas; se lhe fallava
 « de sciencias sociaes, vinha-me logo com o parlamento inglez e o francez, e mais
 « meia duzia de escriptores estrangeiros; se queria saber quantas braças tem qualquer
 « dos vossos rios gigantescos, os vossos patricios me respondiam com as dimensões
 « do Sena, Tamisa, Rheno; emfim nada podia colher dos taes papagaios idealistas.

« E como poderão os vossos patricios pensar no futuro, se elles ainda não come-
 « çaram um sério inventario das riquezas que tem á mão; como poderão traçar uma
 « estrada segura, e um plano seu, se de dia em dia se escravizam ás idéas européas,
 « e querem imitar, na infancia, o que pertence a um velho? O fructo só se colhe na
 « estação propria; porque a natureza não dá saltos. Uma só cousa vos annuncio com
 « prazer, que vem a ser, que os vossos compatriotas tem muito talento, e ainda
 « algumas virtudes; e que com estes dous elementos poderão fazer alguma cousa, se
 « deixarem um tanto o espirito de imitação, e pensarem por sua conta e risco. »

Eu disse-lhe que essa mania estava em decadencia, e que já começavamos a distin-
 guir o apparente do real, e o falso do verdadeiro.

— • Larguem as vistas européas; conheçam-se, como no interior, uns aos outros:
 « o habito sempre fez o monge; e lembrem-se que o sirgo nasce nas vossas matas e
 « vos dá uma seda admiravel, e assim como o vosso algodão, e os mil e um linhos de
 « vossas plantas. Olhai para a Turquia, e vede a sua decadencia nessas mudanças de
 « trajas: o casacão francez é a mortalha do imperio de Mahomet, que se desmorona
 « entre as presas das aguias do norte da Europa: o Czar ha de vingar os Cezares!

« A Europa, vossa mãe, tem optimas cousas, e muito superiores a nós, os pais da
 « civilisação do genero humano; mas tomai della o que é bom, e não aquillo que
 « vos não convém: não façais como nos oratorios dos meninos, que querendo ter tudo
 « o que ha nos nossos templos, o tem sim, mas de chumbo e papelão, e tudo mais
 « em relação.

« Tendes um clima admiravel por sua doçura, e dansaes em estufas; tendes insti-
 « tuições nacionaes, que exercem suas funcções em miseraveis edificios; emfim
 « tendes uma terra que edifica palacios para os doudos, casas provisorias para o
 « governo, e não tem um magnifico palacio para o seu Imperador! Ide dizer aos
 « vossos patricios, que o provisório é o cancro do futuro, o alimento da decadencia,
 « e a destruição do progresso. O provisório é um aborto do egoismo, e o egoismo é
 « o carrasco das nações, o assassino do bello, do justo, do santo, e do consagrado pela
 « razão eterna. Enquanto o sol fôr o cantoneiro das vossas estradas, e uma escada
 « de páo o cáe: do desembarque principal, nenhum estrangeiro vos dará a conside-
 « ração que já mereceis, porque as obras materiaes, as bellas construcções, são como
 « as vestes do individuo nação: é por ellas que se julga de um povo, e nunca se erra
 « neste pensar: com a propriedade material vem sempre a intellectual: quem anda
 « sujo não vive alegre.

Assim se pensa em Ormuz, e assim se ouve por toda essa Asia magnifica, e tão
 sabia, que bem se pôde acreditar no orgulho chinez quando diz: que a Europa tem
 sómente um olho aberto, e a China os dous.

As maravilhas estupendas que meu tio encontrou na sua volta pelo pacifico ; os phenomenos extraordinarios que observou nos Andes, e que esqueceram, ou foram ignorados por Humboldt, são dignos de todo o conceito, de toda a consideração e de serem estampados.

Meu tio nos seus escriptos mostrou-se parco como o foi em toda a sua vida ; porque era um varão que amava a gloria no recanto da modestia e a sciencia na obscuridade domestica ; escreveu para mim como elle o dizia ; mas como eu não quero que o meu paiz soffra uma especie de furto na privação deste novo Cosmos, vou imprimil-o.

Considero a publicação das obras de meu tio como um relevantissimo serviço á civilisação, e espero da bondade dos nossos leitores aquella benevolencia que minha modestia sempre exige em semelhantes casos.

Para não interromper o fio da obra, começarei por reimprimir o que já sahio em 1848 no periodico *Iris*, mas de uma maneira mais clara, e mais fecunda, pela addicção de notas, esclarecimentos e comparações que faço, não só do que vi, mas do que é patente e constante na utilidade universal.

Para os Brasileiros, depois de concluida esta tarefa, bastam-lhe dous livros : a Biblia, e as Memorias do immortal coronel Bonifacio de Amarante, que um dia sahirão por extenso, e sem os saltos extraordinarios que apresentam estes excerptos : quero dar uma parte da essencia da obra e motivar nestes fragmentos a esperanza de uma reputação universal, qual teve o livro do muito spirituso barão Munchausen, que sendo um Allemão, não apresenta aquelle espirito observador e critico da sua nação, deixando essa gloria, quem o diria ! a meu digno tio, de sempre feliz e estupenda memoria.

S. João de Icarahy, 12 de outubro de 1851.— O tenente *Tiburcio de Amarante*, lente de historia no collegio de Petropolis.

— Previno a todos os leitores que os artigos precedidos por este signal .- são meus e que sempre o porei no começo de todos os periodos.



1.º EXCERPTO.

AS MARAVILHAS DO GALVANISMO.

● *theatro necromantico.*

Achava-me em Milão no anno de 1792. Era no dia 3 de novembro, vespera da festa de S. Carlos Borromeo: sentado no botequim fronteiro a cathedral, conversava com o meu intimo amigo o doutor Lappo di Castel di Venere, lente de physica na Universidade de Pavia, e pratica com aquelle sabio, não sobre pontos scientificos, pois o haviamos feito toda a noite, calculando e futurando as vantagens da descoberta do Dr. Galvani, e os immensos resultados que um dia a industria deveria colher com o emprego de semelhante agente. Fallavamos da belleza incomparavel do corucheo de marmore que o architecto Omodeo ousara levantar tão alto e tão habilmente; e discorrendo sobre a bella vista que dahi se goza, e do entusiasmo de Montaigne, quando por ali passara, e da vida daquelle monumento, criado por cento e setenta e quatro architectos; passamos a projectar um gyro pitoresco aos tres lagos, para fazer uma colheita scientifica de alguns objectos de historia natural.

Depois do almoço, fomos á Bibliotheca Ambrosiana passar algumas horas de celeste recreio, ou percorrendo o magnifico Virgilio, que pertenceu a Petrarca, ou contemplando o estupendo cartão de Raphael, que representa a Escola de Athenas, e que é de uma superioridade incontestavel ao *fresco* executado em uma das Camaras do Vaticano.

Corria o tempo como em horas de amor. Passamos a vêr o precioso papyro das antiguidades judaicas, de Joseph, que Rufino traduzio em latim, e dahi fomos á sala baixa para admirar o magnifico primor de Bernardino Luini, que representa a coroação de espinhos de Nosso Senhor; obra de mestre, que reúne quasi todas as nobres qualidades do pincel de Leonardo da Vinci.

A respeito deste quadro, assim como de outras obras de primeira ordem, fazia-me o doutor uma observação bem exacta:—As obras dos pintores lombardos em geral não ferem a vista como as dos artistas venezianos, porque os nossos pintores não se escravizam tanto á harmonia das côres como

os de Adria; mas em compensação, a nossa escola, que é da classe dos desenhadores e compositores, falla mais ao coração do que aos olhos: somos poetas como o Dante, e elles como o Tasso; somos da escola das idéas, e elles da que adora o estylo; apenas o nosso Corregio sahio fóra desta regra, mas Corregio era uma individualidade, era enfim aquelle pintor que disse, á vista das obras de Raphael: *anch'io so no pittore!* Esta palavra, como sabeis, foi recebida pelos sabios, assim como o — *pur si muove* de Galilleo; e mais grande se tornou depois que della se apropriou Montesquieu.

Ao sabirmos da Bibliotheca, encontramos um homem tão preocupado, que caminhava ziguezagueando, como se estivesse ébrio. Ao ouvir a voz do meu companheiro, que não sabia fallar baixo, e gesticulava como um napolitano, o nosso homem voltou-se repentinamente, tão alegre, e tão garrido, como um mathematico que acaba de descobrir entre as pernas de um x, ou de y, alguma verdade microscopica.

Fallaram-se ao ouvido com muito segredo, e depois de trocarem um longo fio de cochichos mysteriosos, fui apresentado formalmente ao Snr. professor Galvani! O homem da nova descoberta! era um grande achado para mim.

Fiz-lhe os meus sinceros protestos de alta estima e respeito, e dei-lhe os parabens pela sua immortalidade.

— Não é nada ainda, me respondeu elle, porque ainda se não conhecem as applicações da minha descoberta: tenho até medo de ennumerar-as, porque temo o titulo de charlatão. Sei quem sois, e vos conheço perfeitamente pela palavra do nosso amigo; sei que vos será grato o conhecimento de uma nova luz, que nos tempos de Savonarola, ou Gallileo, me lançaria nas trevas de uma masmorra da inquisição santissima, e por isso vos quero convidar para assistir a uma experiencia secreta, e fóra dos muros da cidade: dai-me a vossa palavra de honra de guardardes um inviolavel segredo do que virdes?

Dou-a, e juro.— Basta, proseguio Galvani, que amanhã vos encontre passeando junto as columnas, que o povo chama— Escola de Virgilio.

Acabada a festa, que esteve magnifica, e onde ouvimos uma missa de Cimarosa, fomos em ar de passeio nos dirigindo para o prazo dado da vespera, e ali achamos já o Dr. Galvani. Junto á porta Ticinense, n'uma pequena estalagem, jantamos admiravelmente á lombarda, e partimos em ar de passeio.

A tarde estava fresquissima, e o céu de toda a belleza. A experiencia devia ser feita em uma antiga habitação solitaria, que está afastada da estrada de Pavia, e onde, segundo a opinião vulgar, se costumavam ajuntar todos os salteadores e bravos, que assolavam aquelles lugares.

Tremi da proposição, mas o meu amigo assegurou-me que esse terror era infundado; tanto mais que elle mesmo e outras pessoas tratavam de o engrandecer, para mais facilmente afastar qualquer suspeita que pudesse haver dos sabios ajuntamentos que se ali faziam, mórmente n'uma época de agitação, e de grandes suspeitas, pelo estado em que se achava a França.

Disse-me mais, que uma bella occasião se apresentava para eu relacionar-me com os primeiros talentos da Lombardia, com alguns lentes da universidade, e sobretudo conhecer alguns moços que promettiam grandes esperanças.

Atravessamos todos esses imaginários perigos á uma hora que os engrandece, mas ao chegarmos junto de um muro velho tive algum susto quando vi dous vultos dirigirem-se para nós, e darem um assovio! Mas tudo se dissipou logo que o meu companheiro respondeo com outro, e que os vultos se approximaram mais rapidamente, e nos saudaram com alegre cordialidade.

« Animo, disse o professor Galvani, animo, meu americano. Ides ver
« uma cousa que se não repetirá mais na terra, porque levarei para a sepul-
« tura o meu segredo: a sua divulgação causaria uma desordem physica e
« moral no mundo, cujas consequencias não posso calcular. Parecerá uma
« grande profanação a scena terrivel e inesperada que vos aguarda; o espe-
« ctaculo medonho que ides observar é tão novo e tão fóra das raias da ima-
« ginação humana, que a humanidade nunca o presentio, e nem o passado
« e o futuro o poderiam jámais comprehender, porque ha nelle uma que-
« bra das leis que se acreditam immutaveis, ha nelle tudo quanto nos reve-
« lam de sobrenatural e de incrível: eu mesmo, eu, o descobridor deste se-
« gredo, estou como duvidando da possibilidade do que vi: tanto pôdem as
« crenças no homem, e o respeito ás maximas que recebemos no correr da
« vida! Entremos, e na porta repetirei ao ouvido do guarda esta palavra:
« — *Progressivo*—que é nosso santo e senha desta semana. »

Entrámos n'um velho atrio, onde encontrámos tres jovens, em cujas physionomias se estampava o genio; fui apresentado a elles, e acolhido com toda aquella graça que distingue a sociedade milaneza: um se chamava *Volta*, e os outros dous *Tamburini*, e *Scarpa*.

Galvani despedio-se de nós, e ali ficámos conversando, e cumprimentando os convidados que chegavam pouco a pouco: é uma sensação singular aquella que experimentamos quando chegamos a um lugar secreto, e que lá encontramos pessoas que nos são familiares e com as quaes havíamos fallado ha pouco: o nosso coração parece revoltar-se contra o segredo, mas immediatamente se fecha e o acolhe com triplicado amor.

Fomos todos levados para uma grande sala de architectura lombarda, fechada por uma bella abobada ornada de formosões, artezões, de bocetes e penduraes de marmore, que ao clarão de um lustre do seculo XVI

sobresahiam com suas esculpturas variadas, todas no gosto da época de João Galeazzo Visconti. Algumas estatuas de marmore de *Candoglia* ali se viam, e sobretudo uma representando um doge, que me pareceo de mestre. Por entre a humidade do tecto, e alguns pedaços de caliça, viamos uns restos de antigos *frescos* representando grupos de figuras mui bem lançadas; cabeças com um gosto e correcção de desenho admiraveis: pareciam obra de André Mantegna, ou de algum valentissimo mestre da mesma época: a arte ali já se achava em um nivel muito superior ao de Orcagna, e mesmo ao de alguns mestres que pintaram as paredes do campo santo de Pisa.

No fundo da sala havia um tablado pouco elevado, e sobre este descia uma cortina preta, toda semeada de caveiras e de lagrimas. Por diante desta cortina estava uma mesa grande, que me fez saudades do Brasil: era tal qual a uma que havia em minha casa, e que pertencera aos Jesuitas: remocei com a sua vista, e cahi por alguns momentos n'aquella dormitação encantadora que nos abre duas existencias.

Convidaram-nos a tomar assento á roda da mesa sobre uma archibancada improvisada.

Alguns minutos depois veio o professor Galvani, carregado com uma caixa de páu-santo, collocou-a sobre a mesa, e nos disse: » Vamos ás pri-
« meiras experiencias: começaremos pelas mais simples, para passarmos ás
« mais notaveis. Os senhores já tem idéas claras sobre a minha desco-
« berta, mas ainda não conhecem os resultados de suas applicações: vamos
« a isto. »

Deu signal, e um rapaz lhe apresentou n'um prato de estanho uma vibora e um sapo: ambos os animaes estavam mortos e resequidos pelo sol, ou pelo fogo; o caso é que estavam inteiramente myrrados. Dous fios metallicos, que sahiam da caixa foram applicados ás extremidades da vibora; e depois de abrir com muito cuidado uma botija, abrio tambem a caixa, e derramou dentro della não sei que liquido claro, e fechou-a! . . . mas qual não foi o nosso espanto quando principiámos a ver os primeiros movimentos da serpente, a observar as voltas que ia fazendo, a ver seus olhos se reanimarem pouco a pouco, a abrir a boca, e a subitamente começar a enrolar-se e a assoviar, sahir do prato, percorrer a mesa com a mesma velocidade e meneio, que outr'ora possuia quando era livre nos bosques onde nascera! E mais ainda: parar tudo isto, logo que elle arrancou-lhe um dos fios!

A mesma cousa fez ao sapo, que deu saltos logo, engorgitou-se, ficou parado e estourou! Explicou-nos elle o phenomeno da fascinação, ou do magnetismo animal, e disse-nos que assim costumava matar sapos: bastava-lhe olhar fixamente para o animal cinco minutos, que logo arrebetava; e que um dia estando elle neste divertimento teve de passar por amargores e sustos. Eram tantos os camponezes que se ajuntavam para saber o motivo

daquelles tiros, que o tomaram pelo diabo olhando para o inferno, e fazendo lá taes cousas, que vinham diabinhos em fórma de sapos á flor da terra rebentarem com estrondo; e todos tapavam o nariz, por causa do cheiro de enxofre que sentiam. Contou-nos o proveito que o cura tirou desta crença, das promessas que houveram, das preces que se fizeram, e sobretudo o lucro que obtivera um frade com a venda de breves e orações contra o maleficio desses diabinhos sapudos que o céo mandara para castigar os crimes dos homens; até se attribuiu aos pobres sapos a má colheita de arroz que houve, e a um andaço de sarampões que percorreo na visinhança.

Rimo-nos bastante, e passou-se á outra experiencia.

Afastou-se a mesa: vimos por baixo da coberta um cavallo murzello deitado, e tão morto estava, que já exhalava algum máu cheiro; depois de espantado, e livre de algumas moscas, o professor Galvani começou a desenvolver umas espiraes de arame, e a estabelecer um tal encrusamento com ellas, que me parecia uma teia de aranha. Mandou vir por dous *suqueiros* herculeos outra caixa maior que a precedente, e nella derramou todo o garrafão do liquido mysterioso; unio depois, com umas correias de fivellas, esta caixa ao costado do cavallo e depois lhe introduzio os grupos de arames, que hia retorcendo uns com os outros, e parou pedindo-nos que esperassemos.

Os mesmos phenomenos que observamos no sapo, vimos reaparecer no cavallo! Começou o animal a respirar lentamente e com difficuldade, foi indo a mais, começou a bracejar e a dar patadas no ar; entrou n'uma grande convulsão, tremia todo a fazer medo; foi abrindo os olhos, foi rocegando, e depois começou a fazer esforços para se levantar; fez varias tentativas, e no fim ergueo-se, e parou todo espantado; quiz sacudir o peso que tinha nas costas, escarvou o chão, rinchou, deu quatro pinotes, e de repente precipitou-se do estrado abaixo, corcoveando, e meneando-se com toda a graça de um bello cavallo.

O doutor Galvani mandou que um creado o montasse, e que outro tocasse uma fanfarra; e qual não foi a nossa admiração quando vimos o brioso animal corresponder ao som do combate com toda a sua galhardia, e obedecer ao freio como se vivo fosse! Foi levado para a estrebaria, com ordem de lhe não tirar a caixa das costas, e nem lhe bolir nos fios metallicos que lhe atravessavam as extremidades.

Eu o montei muitas vezes, e tinha um optimo commodo para se andar á gineta. Neste singular cavallo que me foi dado pelo Dr. Galvani, passeei muitas vezes de Milão á Pavia, até que um dia cahio exangue na estrada, e me deixou mal, pois tive de carregar a tal sella-caixa ás costas, para restituil-a a seu dono; e inquirindo a causa desta segunda morte, soube que era devida á evaporação do liquido, apressada pelo calor do animal nas corridas que dei, sem saber que tinha o meu bichinho uma vida temporal.

O professor Galvani, e seus amigos, desse dia em diante nunca andaram senão em cavallos galvanizados, e uma parelha arabe que lhe conheci era a inveja de toda a cidade de Milão, e das outras por onde passava.

Debaixo das maravilhas desta descoberta se achavam as seguintes vantagens: 1.º, o preço commodo porque se compravam os cavallos; 2.º, a nenhuma despeza que faziam com a comida; e 3.º o nunca serem roubados, porque logo que entravam para a estribaria, se lhes tirava a caixa magica, e cahiam como mortos a espera de serem resuscitados.

Mas tudo quanto meus olhos haviam visto, nada tinha de comparavel com o que se seguiu. Oh poder do ingenho humano! Oh admiravel força da intelligencia quando se encosta á natureza e a interroga com paciencia e constancia!

Trouxeram os criados para a mesa, que foi de novo collocada, um caixão de defunto, que encerrava o corpo de um moço, que fôra morto a pancadas por seu pai, por nunca ter podido comprehender o valor das notas musicas: havia nelle completa negação para a musica, e seu pai assentou pelos meios os mais brutaes de o fazer avaliar o compasso com o bater de um varapáu; e vendo que na cabeça não lhe entrava o conhecimento de uma só chave, assentou de lh'a abrir com uma pancada tal, que o estendeu por morto immediatamente.

Preparado o cadaver, como era preciso, o professor Galvani, com muita paciencia lhe poz uma flauta entre os dedos, e lh'a amarrou á boca, tendo o cuidado de arranjar tudo perfeitamente. Tremi de horror, de espanto, de admiração, e de não sei que mais, quando vi aquelle cadaver começar a reanimar-se, e mais ainda depois que se lhe collocou uma estante pequena defronte, com um caderno de musica, e que ouvi o defunto soprar na flauta e mover os dedos com tanta rapidez.

« Isto não é nada ainda, disse o Dr. Galvani, o melhor é o seguinte. » — E depois de passar-lhe uma das extremidades do fio pelos labios, veio com a outra furar a *chave de sol* do principio da musica, o que feito foi immediatamente correspondido por uma arieta na flauta, tão seguida e tão expressiva, que ficamos todos suspensos.

Que immensa descoberta para a humanidade, aonde pelem dia e noite as posições sociaes contra as vocações; como se não regeneraria depressa um paiz onde o mascate legisla, governa o traficante, faz voto de castidade e entra para um claustro o homem nascido para colono, para cumprir a palavra da escriptura: *crescei e multiplicai-vos!* Não viriamos essa inversão da ordem natural, que força a andar na boleia aquelle que devia ir na sege, e a collocar nas fileiras de uma cohorte a alma de Cezar, e o valor de Scipião.

Varro poderia restituir as legiões perdidas, e o homem reduzir seus codigos aos desmandamentos sem mais nem menos.

Rasgou-se, depois da musica, a cortina, e vimos cinco caixões, rodeados de todo o apparatus lugubre dos funeraes ! Fomos convidados a examinar os cadaveres, que eram de tres homens e duas mulheres. Conhecia-se bem que estavam mortos, não só pelo cheiro cadaverico que exhalavam, como tambem por essa frialdade notavel que apresenta o morto. Todos estes cadaveres tinham sido embalsamados por um novo systema, pelo joven Scarpa, e havia seis mezes que tinham sido roubados da capella mortuaria do cemiterio de Pavia.

O desaparecimento successivo destes defuntos tinha dado aso a mil contos extravagantes e a um milhão de superstições: affirmavam as velhas terem visto n'uma nuvem de fogo passar um anjo, outras um diabo, carregando debaixo do braço os caixões, como um menino que foge da escola com os compendios, sem olhar para traz; outros affirmavam que em certas noites tinham ouvido um grande estalo, e após horriveis gemidos, e um barulho semelhante ao da trovoadá longinqua. Alguns espertalhões tiraram proveito do caso, e diziam, não o sei com certeza, que a tal fuga dos defuntos fôra causa da entrada de muito boa mortadela, salame e outras pitaças para a casa de uns religiosos, que aproveitaram o caso. O que sei é, que o diabo é um dos maiores banqueiros do mundo, e que tem dado de comer a muita gente boa.

Voltados aos nossos lugares, o doutor Galvani nos disse : « Estes já estão preparados; faltam-nos as applicações diversas. »

Começaram os defuntos a fazer horriveis caretas, a abrir e a fechar os olhos; depois gesticularam á maneira de uma aranha que envolve uma mosca nos fios de sua teia; levantaram-se e as suas vestes cahiram ! Nesta horrivel nudez e balanceamento, o joven Scarpa foi de um a um, e fez-lhe um furo nos labios com um bisturi, e outro na garganta, e depois de lhe atravessar um arame, seguiu-se o medonho phenomeno que escrevo, ainda duvidando se eu mesmo o vi !

A um tempo começaram a cantar com voz cavernosa, que se foi tornando mais clara, a lenda de Carmagnola, e a da morte de Beatriz de Tenda !

Ficamos estupefactos, e o professor Galvani sorriu-se, como quem ainda tinha mais que dar-nos. Parado o canto, por seu mando, collocou nas cabeças dos cantores uns diademas metallicos, e começou a trajal-os com riquissimas vestes.

A moça, que era formosa e perfeita de corpo, com 19 annos de idade, ficou como a estatua da bella Faustina que se acha no Capitolio; a velha parecia uma das feiticeiras de Shakspear; e o velho, que tinha sido um sapatiro muito arrenegado, ficou como um Baccho Indico, ou um Sardana-palo: era uma estatua desenterrada, e panejada por algum Phydias desconhecido; os outros igualmente foram bem trajados, principalmente um

chapeleiro, que morava na rua dos *Tres Reis*, e que fôra o flagello de sua familia, a quem encapelava dia e noite com horriveis cascudos. Não faria peor effeito um celebre cambista theatral, que por muito tempo zombou de todas as providencias policiaes, e que acabara dono de um theatrinho de bonecos. formando uma escola, que ainda existe personificada nos famosos *Cassandros* e *Cassandrinós* do theatro *Fianni*, que faz as delicias do povo de Roma nos momentos em que *Pasquino* não escreve ao preguiçoso *Marphorio*, para incommodar o Papa e os *Cardeaes* com agulhas envenenadas.

Depois de firmados no tablado os cantores de *postumo cartello*, mandou o nosso mestre vir um banquinho com quatro pés de vidro e o poz defronte: collocou-lhe um volume todo enrolado em arames: era uma tragedia de *Eschylo*. Passou pelo volume uns fios que foram atravessar os labios e garganta dos cinco defuntos, e os fez voltar á caixa grande que estava por traz delles.

Ouvimos um zunido, como o som do zumbir de muitas abelhas, e immediatamente uma grande agitação nos cadaveres; mandou baixar a cortina, e logo começou-se a ouvir um quinteto em lingua estranha!

Rasga-se a cortina, e o que apparece?! Representavam os novos actores uma scena de *Orestes*, tão ao vivo, que iam, voltavam, e manobravam como se vivos fossem! O que era mais admiravel, segundo o que nos disse o celebre hellenista *Grecchiacara*, era a pronuncia delles no verdadeiro dialecto attico, como se fossem contemporaneos de *Platão* ou de *Alcibiades*!

Varias pessoas objectaram sobre a affirmativa do hellemita, e disseram que elle não podia adivinhar sons abafados pela morte, e modificados por tantos seculos, e trouxeram logo alguns exemp'os não só de latinidade, como da propria lingua italiana. Outros disseram que tal livro não era grego, e mesmo passaram a querer mostrar que o *Dr. Galvani* lhe preparara aquelle divertimento jocoso, como para mais alegremente finalizar uma cousa, que daria muito a pensar seriamente.

Mandou vir um livro italiano, mas escripto na Toscana, para provar que elles se enganavam. Substituiu o *Orestes* pela *Mandragora* de *Machiavel*, e os fez incontinente representar aquella obra, que marca o nascimento da comedia moderna: viram-se labios milanezes do povo mudar o som do *u* francez para o do *u* toscano; e logo passar o sapateiro a narrar um conto do *Boccacio*, que fez rir a toda a gente.

Deu por completa a sessão o *Dr. Galvani*, que foi rodeado dos nossos agradecimentos; despedimo-nos todos, e protegidos pela escuridão e solidão da estrada, voltámos para *Milão*, cada um por sua porta diversa, para que a policia não suspeitasse nada. Eu tive a lembrança de arrancar alguns galhos de arbustos e de fingir com o meu amigo uma disputa sobre botanica,

ao passar pela guarda, para que se pensasse que voltavamos de uma longa herborisação.

O Dr. Galvani em outra sessão oral, que nos deu, teve a bondade de nos explicar toda a sua descoberta, e de exigir um inviolavel segredo. Sei que até hoje ainda se não rompeo este mysterio, que por minha parte nunca será sabido.

Toda a noite não dormi, e só levava a dizer comigo: *Quem mais vive, mais vê; quem mais anda, mais conhece!*

Appendice ao Galvanismo.

Meu illustre tio, assim como todos os outros sabios, que assistiram ás experiencias do Dr. Galvani, fizeram um beneficio immenso á sociedade moderna, guardando inviolavel o segredo de dar a palavra aos mortos; porque do contrario, seria a California a mais gigantesca, o Potosi inexgotavel de todos os vivorios: a grande familia dos Lavernos não deixaria um só Arpagão, ou Ferrabraz, passar á eternidade, sem deixar o seu testamento, adubado com todas as fórmulas judicarias, e feito pela mão de um mestraço na arte de herdar fortunas alheias.

O cofre dos ausentes existiria como uma lembrança do passado; e nelle poderiam colher o ar mais puro e mais saudavel, que é possivel, todos os amadores do metal das meias doblas.

Quanta gente, nascida para folgar no meio do luxo e dos prazeres, deixaria de ter o pequeno desgosto de passar alguns annos na casa de correcção, ou o incommodo de descer as profundidades do dique, arrastando uma corrente, que ainda não mudou de moda?

Ah! si se achasse de novo um tal segredo, que parentescos admiraveis não appareceriam, que mysteriosas perfilhações e amizades não surgiriam: teriamos de vêr padrinhos mais moços que os afillhados, e pais que nunca souberam o nome de seus filhos!

Mas tudo o que Deos faz é por melhor, e honra seja feita a meu tio e seus companheiros, que previdentes bem conheceram o alcance de uma tal invenção, que podia transtornar toda a ordem social: a *pilha* do immortal italiano havia de estabelecer o reinado do *pilha*, que sem tal soccorro faz tantas maravilhas, quanto mais ajudado por semelhante invento.

Como já tive a honra de annunciar, no começo destes excerptos, não quero deixar de mencionar ligeiramente mais alguns factos que presenciei na minha viagem relativos ao galvanismo. Todos elles foram observados por mim, que sou homem da tempera de meu tio, e incapaz de escrever

aéreamente, como o faz essa caterva de fabricantes de livros, e de especuladores litterarios.

A nossa velha Europa está ainda muito atrazada relativamente á Asia : caminha as apalpadelas, sem saber o que quer, e o que pretende : o que lhe acontece em politica, succede na philosophia, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A Asia, e tão sómente ella é que comprehendeu o verdadeiro systema de harmonisar a versatilidade humana com um principio de estabilidade, e de fecundar o egoismo por meio de instituições sabias, filhas de um longo estudo e de uma acurada experiencia. Ella será sempre a mãe do genero humano, e a placenta de todos os seres bem organisados, que comprehendem o que é a vida.

A immensidade de applicações do galvanismo é tal, que seria necessario um livro immenso para o seu indice : contentarei os meus amados e pacientes leitores com a indicação de alguns factos mais salientes, e proveitosos para o cathalogo de seus conhecimentos scientificos.

A Prussia, que está muito ufana com o seu novo systema de telegraphia electrica, e que pensa ter feito uma descoberta maravilhosa, mal sabe que ha sessenta annos existe já na China um perfeito systema de telegraphos, e de uma maneira mais completa e mais universal que a do seu, que não passa de uns poucos de fios, formando um jasmim, cujo centro é Berlin.

As pessoas que leram as viagens de Fernão Mendes Pinto, têm uma ligeira idéa de alguns lugares da China, assim como do antigo palacio do imperador ; mas tudo está mudado, e a não ser fóra do sujeito a que me proponho, teria de fazer uma descripção daquelle edificio, que encerra todas as maravilhas imaginaveis, e onde se encontram cousas, que fariam uma completa revolução nos conhecimentos artisticos, como sejam quadros originaes de Apelles e de Zeuxis, e esculpturas dos melhores mestres da antiguidade tanto egypcia como grega.

Ha no paço imperial do celeste torrão uma torre de porcellana dourada, onde está collocado o telegrapho geral, que communica todos os actos do governo, e recebe igualmente na mesma hora todas as participações dos diversos cantões, e se corresponde particularmente com todos os mandarins.

Esta torre, que serve de atalaia para os incendios, e de archivo imperial, está dividida em tantas salas quantos são os ramos de ensino dos conhecimentos humanos ; e a ordem e divisão das materias está tão bem classificada, que excede em tudo e por tudo ao livro de Mr. Ampere, que tanta bulha fez no mundo scientifico.

Em cada sala ha um teclado immenso, que se communica com o telegrapho geral, que concentra nove mil tresentos e vinte quatro fios metallicos,

que vem de todo o imperio ali convergir, e que igualmente dali partem para todos os lugares principaes e autoridades.

E' com esta singular aranha metallica, que actualmente se faz tudo na terra do chá e do charão. Os nossos financeiros, que levam o tempo a ler livros e a sommar, não podem imaginar, nem mesmo calcular todas as economias providas de um semelhante systema; nem tão pouco os nossos legisladores são capazes de apreciar a utilidade de um tal invento.

Os liberaes patriotas, que gritam contra a centralisação, sem saber o que ella é, e o que vale, ficariam de queixo cahido á vista dos beneficios da telegraphia que poupa tempo e milhões, e planta n'um estado o bello sonho da unidade de pensamento, fazendo da capital o cerebro, e do imperio os membros que se movem immediatamente.

Certamente, que a um genio atrapalhador e chicaneiro não pôde um tal systema agradar; nem tão pouco áquelles grandes legistas, que decretaram os direitos de ancoragem, e agora o monopolio dos enterros, e o famigerado projecto para se obter um senso; que para uma perfeita execução seria necessario que a cada esquina da cidade, que em todas as fazendas, e mesmo nos ranchos e pelas estradas, morasse um Ganal, para embalsamar os corpos, afim de poderem esperar, sem apodrecimento pela ordem necessaria para se sepultarem, visto que taes cousas eram necessarias, e que em menos de sessenta horas seria impossivel enterrar-se um defunto.

E terá bom senso quem quer tal senso?

Feliz da terra que não conhece a divindade do voto, nem a influencia da urna funerea da moral publica: o seu governo não se assemelha á taboa de uma sege de aluguel, que é disputada pelos rapazes vadios e travessos! Ahi não pôde a intriga substituir ao valor, nem a cabala ao merito; ahi não se observa a guerra perpetua dos pygmeos titâens, querendo escalar o Olympo em balões de folhas de jornaes, e cahindo ás pedradas dos rapazes, ao som da mais terrivel pateada. Tanta lida para tão curta vida!

Vamos para o celeste imperio e deixemos de pregar aos peixinhos, que nos dizem: *palavras louras, orelhas moucas*.

Nove mil trezentos e vinte e quatro fios, como dissemos, são os vehiculos de todos os pensamentos do governo chinez, e é com esta famosa aranha que se prende o mais populoso imperio da terra, e que se faz da China uma só casa, habitada por uma só familia.

Ha no celeste imperio um numero igual de atalaias que resumem todos os commodos da principal, que está bem no centro de Pekim; n'estas torres estão os empregados do governo, armados, já se sabe, da competente bosina; assim como os lentes e professores que tem de exercer o magisterio publico, e pago á custa do governo imperial. A liberdade de pensar existe em toda a plenitude no celeste imperio, mas o governo não consente que

se propaguem outras idéas além das officiaes; porque podem estas destruir a sublime unidade, e sobretudo a logica governamental, que acha harmonias até na desharmonia.

No curto espaço de cinco minutos sabe toda a China o que ha de fazer, e o seu governo o estado do paiz.

Os beneficios d'estes telegraphos são os seguintes:

Não ha necessidade de expressos, correios, e temor de se abrirem as communicações; e muito menos o receio de se violar algum segredo governamental, porque a providencia do grão ministro levou seu zelo ao ponto de mandar cortar a lingua, e arrombar os tympanos dos ouvidos dos empregados pertencentes ao fio dos despachos secretos: não ouvem, não fallam.

O governo paga tão sómente a um professor de cada materia: este se vai sentar ao teclado galvanico, e ali durante a hora faz a sua lição de astronomia, rhetorica, ou explica Confucius. Acabada esta hora vêm sentar-se outro, e outros, que estão em diversas camaras, e assim se communica o ensino, e se obtem uma escala que representa a mesma communhão de idéas, e que marcha na mesma via progressiva.

Os alumnos, que cursam as differentes materias da universidade telegraphica de Pekim, vão á hora certa sentar-se defronte da bosina scientifica que está na torre da praça, e ahi, armados de sua mesa de taquarussú, apanham as licções do lente capital; e passam de uma materia a outra, sem dar a seus pais o trabalho e despeza de compendios, e sem passarem pela aborrecida vida de ir aqui, e ali, soffrerem ponto, e andarem de compendios debaixo do braço, que é o maior peso que pôde haver para os madraços e peraltas.

O governo chinéz, evita com o seu novo systema o grande embaraço na escolha de mestres; evita uma despeza enorme com um grande pessoal; e evita sobretudo o aviltar-se uma classe de homens, que sendo a mais nobre da sociedade humana, é encarada de uma maneira vesga por todos os individuos que não sabem o que elles sabem, ou que prezam mais o peso da gaveta do que o numero das idéas.

Para melhor se apreciar este sublime invento, contarei o que observei no anno de 1850, estando a passear na praça imperial em uma bella noite de luar. Ví repentinamente illuminar-se o pavilhão dourado, e immenso povo a correr para elle; cheguei, e lí em um dos pharóes, á maneira theatral, que Sua Magestade no dia seguinte assistiria em pessoa a uma revista de todas as forças de mar e terra do seu celeste imperio, e que iria commandar a manobra, sentado no seu throno.

E assim foi. Puzeram-se todos os soldados em ordem de marcha á hora aprazada, em todo o imperio, e por meio do telegrapho galvanico iam e vinham ás vozes do commando e da execução da manobra, de uma

maneira tão satisfactoria, que foi ordenado que se dependurassem duas luminarias nos bicos do chapéo do busto de Napoleão, que é olhado na China como um filho do Dragão, que passou os mares, e foi habitar em uma ilha defronte da patria de Cezar e de Annibal.

Um mandarim, meu visinho, gabando-me a excellencia do ensino electrico apontou-me mais uma especie que me passaria por alto, a não estar em terra de christãos. É que o novo systema matou uma vibora chamada Empenho que tudo arruina, e que tudo desmoralisa; assim como acabou com o jornalismo, que em materia de noticias, e em explicações de factos, não é lá das cousas as mais exactas; além de tudo isto, o governo não se vê forçado a aceitar este ou aquelle individuo para mestre, sem saber o que elle vale; porque o Empenho é o magico o mais estupendo que póde haver: faz de um cavallo um Leibnitz, de um burro um Newton, e de uma anta um financeiro ou um legislador.

O celebre *maestro* do pagode imperial, Rian-ton-tin, que é o Rossini celestial, achou um meio engenhoso e util de propagar a musica por meio da electricidade galvanica; porque, dizia elle, era uma injustiça revoltante o gozar da bella musica sómente a capital, e estarem as provincias a secco neste mar de delicias.

Todo o imperio da China se converte hoje em uma grande orchestra a hora aprazada dos dias festivos; não contando as tres regulares serenatas diarias, tocadas em todo o paiz á hora em que almoça, janta, e toma o bom chá Sua Magestade Celestial. Toda aquella grande nação tem a fortuna de acompanhar o seu soberano nas horas da comida, e de cadencear o movimento dos queixos ao som da harmonia musical; e os chins já tem isto tão graduado, que guardam os pratos mais tenros para os *alegros*, e os mais duros para os andamentos mais lentos.

Sigo a regra de meu tio, e por isso não posso descobrir o segredo da propagação dos sons por meio da electricidade, e tanto mais o devo assim fazer por que não quero arruinar as duas empresas theatraes de S. Vicente de Fóra, e do Rocio. Em todas as capitaes ha um grande numero de gauderios e de mendigos: pertence ao governo o dar-lhes este divertimento gratuito, se quizer, e não a mim, que pago quando quero musica desafinada ou meia afinada.

Se o governo se resolver, para melhor satisfazer a mania da época que é a dos bailes mascarados e desmascarados, eu não porei duvida de arranjar uma orchestra galvanica para servir em todos os bailes: creio que esta innovação será mais aceita do que foi a da outra companhia Galvani; e inclino-me a vêr um grande beneficio nesta nova empresa. O governo lucrará immenso com esta orchestra, por muitos motivos, além do principal, que é o seguinte. Os Brasileiros não são todos que andam na melhor harmonia,

e por isso dançam do todos pela mesma orchestra, se acostumaram a caminhar ao mesmo tempo e compaço; e caminhando assim, igualmente começaram a harmonisar-se. Será um grande bem o ver um luzia e um saquarema dançando no mesmo pé, e fazendo as mesmas voltas igualmente e ao mesmo tempo, sem ter o terrível enjôo de esperar por uma mudança total, e de passar por umas longas ferias politicas, sentado no chão em quanto o seu emulo se repimpa no galarim.

Preparem-se os amados e queridos leitores para ouvirem as maiores maravilhas da galvanoplastica, e para admirarem os prodigios do celeste imperio.

Os jardins imperiaes são de uma magnificencia a deixar a cem leguas de distancia os de Versailles, do palacio Pitti, e de Caserta. Circulados de florestas colossaes, onde se encontram todas as plantas do mundo, tem no centro um lugar chamado *Piau-rin*, que quer dizer — *Vergel d'ouro*, o qual ultrapassa tudo quanto se pôde imaginar de mais bello. Um grande dragão de porcellana elevado á altura de cem palmos, vomita uma massa d'agua dez vezes maior que a do Maracanan, e esta massa se derrama em cinco bacias de crystal que enchem um grande tanque de prata, todo ornado de tubos de vidro em fórma de serpentinas, por onde corre a agua. Esta agua é côr de ouro e luzente como esse metal: é uma agua dourada, obtida por um processo particular do galvanismo, que nunca cessa, e se renova continuamente. O brilho metallico do liquido, as espadanas que fórma á semelhança das franjas de umas dragonas de capitão, e o effeito surpreendedor que fórma na grande bacia, onde espuma, e onde gira nos tubos de vidro está ácima da comprehensão humana.

Tudo o que se mergulha naquella fonte sabe dourado immediatamente; mas é prohibido, sob pena de morte, ali molhar nem se quer uma flor, pois pertence sómente ao imperador, ou ao seu herdeiro presumptivo o fazel-o, quando ali vai: eu possuo uma rosa d'ouro que me dêram, em tão bom estado que convido a todos os curiosos a irem a S. João de Icarahy para vel-a, e certificarem-se do que digo; por que não sou destes meninos que contam cousas que não provam.

Ninguém pense que é alguma rosa de ouro, das que costuma o Papa mandar ás soberanas catholicas, por que não sou soberano, e menos do genero feminino: é uma rosa, e uma rosa como ourives nenhum é capaz de fazel-a, e muito menos o celebre Constantino; uma rosa tão rosa, que ainda conserva o seu cheiro. Como são admiraveis aquelles chins, como são inimitaveis aquelles architectos de bambú?!

Esta bella fonte está situada na encruzilhada de uma alameda de cassuarinas de prata, que fórma o mais singular e brilhante effeito.

Toda esta nova maravilha é rodeada por um bosque metallico tão bem

matizado e tão frondente, que o homem que o vê sente uma sensação estranha, e parece estar collocado em algum desses planetas que vagam na immensidade e que são habitados por seres diversos de nós outros, no meio de uma nova vegetação.

Os Arabes, que imitaram a sua architectura das grutas de estalactites, imaginaram no meio dos seus bellos salões as fontes de azougue, assim como o cegarem os rouxinões, para melhor cantarem; mas as fontes de azougue nada tem de commum com a fonte d'ouro de Pekim, por que o azougue não tem a fluidez e a transparencia da agua dourada, nem aquelle murmurio suave, e aquella espuma que tanto anima a torrente e lhe dá maior variedade.

O processo empregado na vegetação é o de galvanisarem as sementes e a terra, e entregarem o resto aos cuidados da natureza. Admira que os abelhudos europeus ainda não fizessem uso deste processo, e que logo o déssem como obra sua, sem se lembrarem que havia, já antes do frade allemão, muita polvora na China, assim como antes de Gioia, o uso da agulha magnetica, o do vapor, das estradas de ferro, e outras bagatellas que estão virando o mundo de pernas ao ar.

As fontes douradas se obtem por outro processo. Os habilissimos geologos, mineiros do celeste imperio, vão logo ao *olho* d'agua e lhe collocam na *pupilla* uma chapa d'ouro, e uma pilha ao lado, de maneira que esta vai decompondo a quantidade precisa do metal e dourando toda a massa d'agua que corre; e este ouro é todo aproveitado em raros de um tecido de crina, entrançado de uma maneira propria e mysteriosa.

Sabem todos a maneira sumptuosa porque é servido o soberano do celeste imperio, e o luxo que ostenta no seu particular, que está acima de todas as festas da rainha Victoria, das que dava Luiz Philippe, e das que ostenta o czar, lá na terra do terrivel Iwan.

O gran-chinez tem uma guarda de honra, composta de homens e mulheres: esta guarda se chama o povo de ouro, porque foram todos os individuos galvanisados, e parecem estatuas deste metal em movimento. Longas foram as experiencias para se chegar a este extraordinario resultado, que a não ser descripto, daria muito que fazer aos pobres naturalistas, obrigando-os a crear mais uma nova especie, entre as já tanto complicadas e cruzadas raças que habitam a superficie da terra e as ilhas do mar.

Nos dias de grande gala, sahe esta guarda, e marcha diante do soberano, segundo suas cathogorias e castas.

A arte chinesa chegou á singular perfeição de metallisar com diferentes metaes varias partes do corpo, differençando com ouro, prata e platina as carnes dos cabellos, e das unhas. Quando vi este phenomeno, cuidei assistir a uma grande mascarada, porque estava longe dos meus presentimentos o

esperar ver uma legião humana de ouro e prata, movendo-se e cantando, e tocando charemellas.

No dia da victoria do dragão, que é na quarta lua, presenciei toda essa louçania desfilar, primeiro diante do balcão do sol, onde estava o soberano, e depois formar o prestito que o ladeava até chegar ao Pagode.

As mulheres, sobretudo, me pareceram formosissimas, principalmente as chamadas *Nymphas de prata*, que até no brilho metallico, tinham fórmas ideaes; e a não ser o terrivel defeito dos pés, poderiam superar todas as estatuas antigas e modernas.

Começa o cortejo pela raça Trin-kai, que é composta de homens chumbados; seguem-se os estanhados e os ferrados, junto á estes os palatinados, e depois os prateados, e finalisa com os dourados, que teem a honra de guardar a celestial pessoa; que aqui para nós, mais parece um diabo velho, e caquetico, do que o filho do sol e neto da lua.

O Dr. Kamouki, primeiro physico de Sua Magestade Celestial, concebeu a idéa de curiosas experiencias sobre o galvanismo, e teve o singular arrojio de querer tirar raça galvanizada, mas parece-me que recebeu ordens contrarias da natureza, porque abandonou o intento.

Ha um decreto muito longo, e muito arrasoado, que prohibe o uso de metallisar os mortos, exceptuando-se os membros da familia imperial, e as pessoas, cuja gerarchia, ou talento merecer tal honra.

E' uma grande sabedoria a de um governo que não consente, que cada um se estanhe, se ferre, ou se doure á sua vontade, e a razão é obvia, e muito bem meditada.

Passou por um milagre a douradura galvanica, e toda a Europa e America ficaram espantadas com o aspecto de uma fivella, ou de um castiçal, dourado em poucos segundos, sem saber que na Asia se doura um palacio e um Pagode no mesmo tempo, e isto sem rufar atabales e tocar pifanos e charamellas.

O grande Pagode, no dia da exaltação ao throno do novo monarcha, começou por cobrir-se de chumbo, logo que entrou nelle a cohorte chumbada, e foi successivamente se ennobrecendo e acompanhando todas as outras cohortes metallicas, até que resplandeceu todo em ouro quando entrou Sua Magestade Celeste.

Corria na boa sociedade de Pekim, que os taes entes galvanizados ficam privados de muitas operações mechanicas, e que adquirem uma insensibilidade espantosa: posso-o affirmar quanto aos *ferrados*, *chumbados*, e *estanhados*; estes ultimos sobretudo, teem uma face affeita a todas as tempestades mundanas: são umas verdadeiras maravilhas de insensibilidade, e vão sempre avante.

O que posso jurar, pela alma do meu adorado tio, é que nada vi de mais

extraordinario e bello do que os jardins imperiaes ! Contrastam admiravelmente esses vergeis de ouro e prata com os bosques naturaes, com a verdura e com as flores das outras arvores, que nós outros conhecemos ; e sobretudo com a formosura indisivel da fonte de ouro ! Os meus olhos não se cançavam de ver aquelle extraordinario phenomeno, e sobretudo os sons que despren- diam as arvores, balançadas pelo vento : pareciam uma caixinha de musica.

Os Chins cultivam a musica como uma arte de summa utilidade, e não de mero recreio ; muitas molestias ali se curam com a musica, e este estudo fórma uma especialidade na medicina chinesa : já existem arias proprias para taes e taes molestias, e contradanças que convalescem um doente em menos de seis horas do mais horrivel ataque de nervos.

Uma outra maneira de curar, e muito curiosa, é a seguinte:—De todas as materias empregadas como especificos na medicina, fazem os Chins instru- mentos diversos, os quaes tocados a certa hora e predisposição dos doentes, estes saram immediatamente. As flautas de quina são infalliveis para as febres intermitentes, assim como os pandeiros de mercurio para outros males. Eu vi uma menina purgar-se com quatro compaços de uma arieta, tocada n'uma flauta de rhuibarbo; assim como quasi vomitar as tripas um mandarim que apenas percorrera os dedos n'um teclado de jalapa. Esta descoberta foi feita por aquelle celebre philosopho, que compoz a famosa dança, intitulada — Ou-Ouang—, que é uma maravilha choreographica, porque deleita e ins- true, narrando a historia e as péripicias do famoso imperador, desde o co- meço das suas victorias até a sua subida ao throno.

O povo baixo, o grande consumidor do opio inglez, ainda não conhece a virtude magica de outras plantas em uso na alta sociedade, e por meio das quaes se ensina a geographia na China.

Se o opio tem a virtude de embriagar, e fazer o fumista adormecer, e ter os sonhos os mais agradaveis possivel, ha tambem uma maneira, ainda se- creta, de preparar outras plantas, que teem a virtude, uma vez postas no ca- chimbo, de fazerem ver ao vivo, através da fumaça, o paiz em que nasceram. Duvidei disto, e o tal mandarim, meu amigo, querendo provar-me a reali- dade desta descoberta, deu-me a fumar algumas plantas de paizes que eu bem conhecia, e com effeito os vi a ponto de lá me crer ; mas sobretudo o que me foi mais grato, foi ver de tão longe o meu querido Rio de Janeiro.

Confesso que fiquei horrorisado logo que tirei as primeiras fumaças, e que comecei a ver em um azulado brando a fórma da Serra dos Orgãos, o Pão d'Assucar, e sobretudo as torres da Candelaria: fiquei tão fóra de mim, que disse : *os Chins teem razão do seu orgulho !*

Quando meu tio tratar outra vez da China, terei occasião de fallar de ou- tras maravilhas, principalmente da cirurgia chinesa.

2.º EXCERPTO.

Os raios engarrafados.

A *China*, antes dos inglezes lhe-terem embutido o verdadeiro opio, borbotalava vomitos de um orgulho capaz de confundir o *Idameel* creado por *Alexandre Soumet* na sua encantadora—*Divina Epopea*. Diziam os homens do celeste imperio, que se a *Europa* tinha um olho aberto elles tinham os olhos, e que o resto do mundo era cego; abaixo delles seguiam-se os hollandezes que tambem roncam em alta voz o seguinte jacto de amor proprio: *Deus creou a terra, fez os mundos, mas cá a Hollanda, fomos nós que a fizemos!* O oceano lhes-responderá um dia, quando lhe engulir o resto dos taboleiros cercados de diques, em que vivem estes phlegmaticos navegantes, e onde fabricam os seus rotundos queijos que rôlam por todas as sobremesas do universo.

Londres, Paris, Roma, Berlim, S. Petersburgo, são as cidades que nos zunem nos ouvidos como os fôcos do movimento, do progresso, do luxo, e da belleza; e ninguem se-lembrava do que vai por esse mundo de *Mafoma*, por essa *Asia*, berço de tudo quanto é grande e creadora das mais sublimes realidades. Os homens da raça européa tambem são chins a respeito do resto do mundo.

Na minha missão secreta por mando de *Napoleão*, foi-me preciso atravessar todos os mares biblicos e todas as terras que *Herodoto* conhecia e desconhecia; e ahi tive de observar que a pobre *Europa* tão desvanecida de seus papeis pintados e alfaias de casquinha e vidro fiado, nada era em relação ao que por lá se passa. Todas as invenções alli se engrandecem e tomam um caracter de utilidade espantosa em suas applicações; o homem fica aturdido do immenso saber e recurso dos asiaticos, quando compara o germen de um invento no paiz onde nascera com a arvore frondosa e gigantesca no paiz para onde se transplantou.

Franklin tinha povoado todas as casas dos *Estados-Unidos da America* de conductores, e ainda a *França* não tinha uma só destas grandes agulhas de enfiar raios, e mandal-os plantar batatas!—Esta invenção americana que

foi lá pescar raios no mar dos céos, é igual ás do Voador brasileiro quando em *Lisboa* subiu pelos ares acima, e provou que o sul da *America* era a verdadeira patria dos *Titães*, e que os gregos não fizeram mais que sonhar aquillo que se devia realizar no mundo de *Colombo*, e por um Paulista.

Este invento maravilhoso não passou das cumieiras das casas no mundo de *Christo*, e assim se tem conservado; mas no mundo de *Mahomet* não aconteceu assim, porque teve altissimas applicações; e segundo vereis, não se dirá de hoje em diante que a terra dos *serralhos* não é propria para o roteio e cultura das sciencias, e que um soldado do *Muphty* seja um palerma que apenas saiba livrar sua alma do *Araph*, e ruminar as letras do alcorão no canto de uma mesquita.

No anno de 1804 achava-me naquella formosa cidade e capital da *Persia*, que os arabes chamão *Esphahan*, os persas *Sephaon*, e nós outros que tudo barbarisâmos—*Ispahan*.

As emoções experimentadas por um filho da *America*, por um homem virgem de preconceitos patrios, devem ser respeitadas, que são ellas de uma sinceridade angelica.

Morava eu no quarteirão oriental entre o palacio de *Mahamed-Alybec* védormór e o de *Mirzachefti* seu eterno rival, e astrologo-mór da *Persia*.

Como diplomata de surda missão, tinha por officio vadiar, colher factos, archivar todos os cochichos sobre a chronica escandalosa da côrte e espalhar boatos insidiosos contra a Inglaterra: o ponto de mira era esquadriñar modo de aniquilar as colonias inglezas, cercando-as de inimigos poderosos. Tudo foi baldado; o meu companheiro *Monsieur Ganache*, que era homem de muita experiencia e sagacidade, tinha apenas o pequenino defeito de uma indiscrição illimitada: pertencia áquella raça de homens que juntam ás suas excellentes qualidades a de se levantarem da cama, com oitenta annos de idade pelo siso que manifestam, mas que ao meio dia tem apenas sete, á noite vinte e quatro, e ás vezes são peiores que um filho unico de morgado, nos caprichos, na intolerancia, e até na má creação. A natureza com tudo o havia favorecido até com belleza physica, mas negou-lhe a bagatella do juizo prudencial: diziam que elle ficára doudo de amores e de colera: sua alma, sua palma!

‡ Que bella cidade, que sumptuosa morada, não é a de *Ispahan*! Parece uma floresta de marmore e de porcellana! Edificios de todos os seculos e variedades; gente de todas as côres e religiões, até gentios adoradores do fogo; mercadores do mundo inteiro alli se cotovelam; 1802 caravançarás; 273 casas de banhos de um luxo asiatico; 162 mesquitas, que, aos raios do sol e sob o azul dos céos, rutilam crescentes dourados, cúpulas prateadas, atalayas de marmore, e mirantes revestidos de porcellana: tem 48 collegios inclusive o *Collegio dos asnos* que é uma satyra aos arabes e gregos na deca-

dencia de sua sabedoria; tem mais 12 cimiterios fóra da cidade que são doze cidades de mortos cubertas de monumentos e de respeito para com os restos dos paes da geração que herdou a terra; ar puro e secco; frio e calor bem caracterizados; neve; chuva; boas trovoadas; alamedas sumptuosas; canaes; pontes que parecem jardins, e praças que offuscam as de *S. Marcos* em *Veneza*, *S. Pedro* em *Roma*, *Concordia* em *Paris*, e *Trafalgar* em *Londres*; o rio *Zenderoud*, que divide a cidade, é ladeado de dous renques de maravilhas, de pyramides com cúspides douradas, de mausoleos, que parecem palacios, e de pontes orladas de alamedas de plátanos, de cedros e de flores. Cavallos, elephantes, camellos, e pelotiqueiros ornam as praças e ruas, uns cruzando-as e outros enchendo-as de povo e fazendo prodigios, que ultrapassam a comprehensão européa.

O nome de *Abas II* enche todos os corações, assim como na *Russia* o de *Pedro-o-Grande*: contam que *Abas* em 8 dias fizera construir a *Praça dos Funeraes*, e neste espaço levantára todos esses edificios de marmore e porcellana que a circulam: muita gente affirma que sua alma vem pairar em certas sextas feiras do anno sobre as mesquitas da cidade, como a sombra de *Pedro-o-Grande* sobre as cúpulas douradas do *Kremlin* na vespera do natal, aopé da cruz de prata, hoje de bronze dourado, pois os francezes precisaram della para se aquecerem do frio... desse frio de que eu tanto zombei, sendo brasileiro e do qual adiante verão.... enfim não previnamos.

Na côrte de *Ispahan* lê-se em marmore e em pedra e cal a realidade da monarchia pura, e a prova de que sem artigos de constituições, podem viver armenios, gregos, catholicos, judeos, e mouros em perfeita harmonia como se fossem da mesma lei e da mesma crença. O admiravel e divino *Fiat* que é a eterna placenta da criação, alli se vê realisado e sem pedidores da palavra, sem coveiros discutidores e sem conferencias oratorias junto ao cadaver de um magro *Budjet*, cujas sangrias não chegam para se argamagarem com pedras e cal. Os demosthenicos pedaços de architectura traçados na prancheta das interminaveis e prosaicas recriminações, e formulados pela alta civilisação de um alfaiate e de um cabelleireiro de *Paris*, oraculos dos mundos *Cassinenses*, alli são desconhecidos: o persa, o grave e sapiente persa, ainda não construiu salões para fazerem descer aos calcanhares, e estes escreverem sobre o chão á maneira de periquitos andando, o immortal *chassez-croisez* que ha de no futuro ser mais bello e mais solido que a columna de *Nelson*, que o poema de *Camões*, as obras do visconde de *Cairé* e o retrato de *Lindóia*. *Ispahan* é a cidade dos encantos, das delicias, do movimento da mais alta industria oriental; porém para os homens effeminados e que gostam do circulo do madamismo, é um arido deserto, um páramo rodeado de rochedos onde roncam surucucús e grasnam caracarás.

Aopé da praça *Maendan-chac*, morava um judeo portuguez, sobrinho do

famoso *Spinosa* que me chupou muito boas patacas, mas que me foi muito útil, pois era um *Argos* incarnado na *Persia*, e sabia de tudo quanto se passava no *Oriente*: uma gazetta de *Londres*, mesmo daquellas de nove palmos de alto, nada sabia em relação ao meu homem, que viajava para se instruir e enriquecer, tendo sempre o cuidado de mudar de religião logo que lhe fosse útil e seguro, e mais que tudo conveniente á sua bolsa.

Uma tarde, depois de ouvirmos, no *Mercado Imperial*, de sobre as janelas das galerias, que elles chamam — *Nakare-Kkone* —, a clangorosa musica de trombetas e atabales, que marca as horas do *Angelus* entre nós, e a elles a entrada da noite, correu um horrivel boato de que os *Tartaros* tinham declarado guerra á *Persia*, e logo começado a marchar sobre a capital; tudo se agitou, e *Ispahan* se transformou em uma praça d'armas, da noite para o dia. As olarias se mudaram em fabricas de polvora, os teares em machinas de fazer buxas, e os basares em arsenaes: nunca vi tantas espadas e alfanges tão bonitos, e tão singularmente tauxiados. Os *Tartaros* não são melhores que os *Affgans* na arte de fazer a barba estrategicamente: têm bons cavallos, coragem e tudo a ganhar: diga-o o *Celeste Imperio*.

N'um vastissimo campo, á margem do doce e clarissimo rio *Zenderoud*, passou no dia seguinte uma revista, em ordem de marcha, o rei em pessoa, ao seu exercito, que apenas era de 500 mil homens. Que variedades de uniformes! que riqueza! que cavallos! e que homens admiraveis o compunham! a victoria pairava sobre todas aquellas physionomias, e a conquista se estendia sob as plantas do exercito.

O rei arengou, em vinte cinco dialectos, um discurso cheio de imagens e de dignidade: cuidei ouvir o general *Buonaparte*, depois da batalha de *Montenote*; ou dictando a *Lascasas*, em *Santa Helena*, o quadro do desmoronamento da revolução e dos altares da razão, com aquelle poderio de sua original eloquencia.

No meio deste apparatuso spectaculo, desta scena grave, cujos actores marchavam á morte, apparece um *Derviche*, que, depois de curvar-se ante o rei, e pedir a graça da palavra, fallou dest'arte:

« Rei dos reis da terra, filho do sol, irmão do crescente, herdeiro da força
 « e santidade do Propheta, dominador do mundo, e senhor de quantas joias
 « e metaes encerra a terra! A' vossa palavra, ao vosso mando, o mundo es-
 « tremece e geme como um escravo; á vossa voz, milhões de lanças, de
 « espadas e canhões reluzem nos ares e turbam sua pureza: ella é mais
 « melodiosa que a voz do *Koknos*, que respira por cincoentas boccas o canto
 « das ouris, e renova um povo, como o *Koknos* se renova de suas proprias
 « cinzas, ante a luz do sol, e dentro da fogueira, que elle mesmo accendêra
 « como um leito de redempção.

« ¶ Para que tamanho exercito? para que tantas despezas, se a sciencia

« que possuo vos fará, senhor, poupar sangue e ouro, e vos dará uma victoria completa, como nunca houvera o maior conquistador da terra? Mandai para suas casas estes vossos filhos; embotai essas espadas: quebrai essas lanças; cravai esses canhões; que eu só, eu só, vou vencer e aniquilar essa nuvem de Tartaros que vem sobre nós, e vos dar uma victoria segura, igual á da mão de *Allah*, pedida pelo Propheta.... »

— « Morra o traidor, — gritam de toda a parte, — morra o impostor ! »
E nos ares immediatamente se vio surgir uma pala ponteaguda, e caminhando, na mão do povo, para o lugar onde estava o *Derviche*.

« Suspendei, diz o rei, que diante de mim, que sou a lei viva, toda a justiça da terra é nulla. Prenda-se este homem : se fôr culpado, morra ! se fôr um louco, acabe n'um hospital ! »

— « A' guerra, á guerra, — gritam todos : e o pobre *Derviche* chorando, e já algemado entre soldados, gritava : — « Todos haveis de morrer, e eu não vos poderei salvar. »

Guarnecidas as portas da capital, partio o exercito, composto de quatrocentos mil homens, a encontrar os Tartaros. Na primeira batalha, ficaram sobre o campo mais de cem mil Persas ; e esta noticia, e a da proximidade dos Tartaros, fez com que o rei mandasse buscar o pobre *Derviche*, e o ouvisse ; mas o *Derviche*, depois de o exprobrar, não annuo a uma audiencia publica, e disse-lhe que só em particular lhe revelaria o seu segredo, e para que nada temesse, o mandasse algemar de novo : não consentio o rei em tal proposta, e, ordenando a todos que se retirassem, mandou que o *Derviche* fallasse, e este lhe tornou, nos termos seguintes : « Tenho a conquista do mundo na minha mão ; posso aniquilar todos os exercitos da terra, sem polvora nem ferro, e posso municiar e nutrir todo o teu reino armado e percorrendo pelo mundo, com uma caixa do tamanho dessa tarima real, e que não excede á carga de um camello. »

— « O que dizes, *Derviche* ? estás allucinado ? »

— « A minha vida é uma ; se o não fizer, separa-me a cabeça do corpo, ou manda-me empalar como traidor a ti, e á patria. Já perdeste mais de cem mil homens, talvez hoje te chegue a triste nova da perda de outros tantos ; e tu, ainda mergulhado na cegueira do erro, não queres ouvir um homem que *Allah* manda a libertar a patria, e a collocar o teu throno no centro da paz e da gloria, no cume da mais alta montanha do mundo, onde nem mesmo os passaros poderão chegar para conquistal-o. Tudo está prompto, e em tres dias podes, ao som de festas e regosijos, cantar o hymno da victoria : um só Tartaro não existirá na *Persia* ; e o teu nome será o terror do mundo inteiro : se me queres, rei, seja já, e antes que os Tartaros atravessem o desfiladeiro de *Bermandel-Barruka*, porque ali é que eu os pretendo exterminar. »

— « Seja, responde o rei, e prepara-te. Mas qual é o teu segredo, que « tanto póde; e como farei para nutrir um exercito com a carga de um « camello?

— « Quero coroar a tua victoria com a revelação desse singular segredo, « que por ora reservo para mim. Na *America* se fez ha annos um descobri- « mento importante, que livra os edificios dos estragos dos raios; puz-me a « estudar esse maravilhoso invento, e achei um meio de conservar por mui- « tos annos, e intactas, as mais horriveis trovoadas, e raios dentro de « garrafas de vidro: possuo no meu laboratorio mais de trezentos globos, « um só dos quaes seria capaz de pulverisar a maior mesquita desta cidade, « e de reduzir a cinzas o teu palacio em dous minutos. Não percamos tempo, « manda-me, que uma hora de tardança póde causar mil males. »

— « Vai, e ahí tens gente ás tuas ordens! »

No dia seguinte partio o *Derviche*, com um camello carregado, e foi pos- tar-se no lugar mais alto e alcantilado do desfiladeiro, a esperar o exercito tartaro. Deu-se ordem ao exercito persa de voltar para traz, e postar-se a um quarto de legua perto do desfiladeiro, e prompto ou para cantar a victoria, ou para, depois de combater os Tartaros, assistir ao delicioso espe- ctaculo da empalação do *Derviche*.

Passou todo o exercito, e cinco dias depois, appareceram os Tartaros, como uma bicharia n'um charco! O *Derviche*, vendo a disposição que elles tinham de conservarem duas columnas de cavallaria nas extremidades, e a infantaria no centro, bradou victoria!

Manda collocar no meio do desfiladeiro cem garrafas no chão, cobertas de relva; e sobe, e posta-se sobre os cabeços alcantilados, e grutas escuras, com toda a sua gente, a esperar que os Tartaros comecem a entrar na ratoeira. Logo que os pilhou dentro do desfiladeiro, largou-lhe pela retaguarda umas quarenta garrafas, que arreventaram no chão, despedindo mais de cem raios, e um ribombo, que o fez estremecer no pôsto em que se achava, pois grande parte das rochas estalaram e cahiram, obstruindo a estrada com medonho estampido.

Que horrivel confusão! Os cavallos da primeira columna da vanguarda se precipitaram desenfreados, pelo desfiladeiro fóra, e quebrando as garrafas que se achavam na estrada, rebentaram a segunda descarga, e os raios in- crusando-se, fulminaram todo o exercito: os que não foram tocados, mor- reram asphixiados, e o resto assombrado. Não escapou um só Tartaro!

No cume das mais altas montanhas soaram os clarins; o brado da victoria percorreu logo toda a *Persia*; e o mesmo exercito do rei sentio-se horrorisa- do com o terremoto e o fragor que ouvira, e a nuvem de pó, que se levan- tou da terra e fez do dia noite! Serenado tudo, correm ao lugar da scena, e nada vêem! as rochas, que desabaram, tinham servido de campa a todo o

exercito: até ahí uma arida e vasta planície se estendia naquella terrivel passagem, rodeada de montes quasi inaccessiveis: apenas no meio deste espaço via-se o *Derviche*, tripudiando, com um riso convulsivo, imagem de Satanaz dansando sobre as covas de um cemiterio de condemnados.

No dia seguinte o rei veio ao lugar; e, no meio dos vivas e dos triumphos, abraçou o *Derviche*, e nomeou-o *Muphty da Persia*, cuja dignidade passaria a toda a sua descendencia, em quanto na terra houvesse o reino da *Persia*. A seu lado, cheio de gloria, levava o novo Pontifice, e entrou em *Ispahan*, como entra um soberano que acaba de triumphar de seus inimigos, e de exterminal-os para todo o sempre. Mandou recolher ao oratorio, onde se guardava com todo o respeito, a camisa de *Iman-Hassein*, (inda tinta de sangue das feridas de que morrêra), como um traste inutil, pois na guerra de 1722 ella desmentio a crença, que bastava ser avistada na ponta da lança pelo inimigo, para que todo o exercito cahisse por terra, sem jámais se levantar.

Houve grandes festas; e o rei, além do palacio que edificou para o *Muphty*, senhor do raio, deu-lhe mais cem mil escravos, quatrocentos camellos carregados de ouro, quinhentos cavallos ajaezados ricamente, inclusive uma egua descendente da do Propheta, e o gozo perpetuo de apanagios opulentissimos, ficando o pobre *Derviche* mais rico que a familia *Rothschild*, ou o banqueiro *Strelitz*, que apenas tem em *S. Petersburgo* a bagatella de seiscentos milhões de rublos.

Desejoso o rei de conhecer o processo empregado pelo salvador da patria, na maneira de engarrafar os raios, este o satisfez, e descobriu-lhe outro segredo, ainda de maior importancia para a humanidade, pois com elle acabava com o flagello da fome, e podia viajar um homem pelo mundo inteiro, quer por terra quer por mar, sem precisar de estalagem e casas de pasto, e exempto de ser envenenado na comida; tendo sempre manjares e fructas deliciosas a toda a hora e em toda a estação, e gozando a mais perfeita saúde: tambem é a applicação de um achádego moderno, que os homens da *Europa* têm desprezado, e de que apenas fazem leves applicações á saúde.

Todos sabem que a força progressiva dos medicamentos, empregados pela *homœopathia*, augmenta na razão directa do maior gráo de dinamisação que a estes se dá; e que as virtudes do altrito são incommensuraveis e até infinitas. Estribado neste principio, o *Derviche* mandou vir uma libra de bom rostbeef, succulento e feito pelo melhor cosinheiro da *Asia*. Metteu-o na machina de triturar com farinha de sagú: e, depois de o haver elevado á trigesima quinta dinamisação, passou-o no raro que granúla os globos homœopathicos. Um globulo destes basta para nutrir por dia o mais esfaimado comilão, tendo a grande virtude de conservar o soldado, ou quem quer

que seja, sempre em boa saúde, com uma digestão imperturbavel, e, fresco e forte, a viver como um *Mathusalem*.

O mesmo se pratica com a água, vinhos, liquores, fructas e todos os accipies imaginaveis, de maneira que um homem, um general, um rei, pôde, durante um cerco, durante longas viagens, gozar de todas as delicias gastronomicas, tendo na palma da mão o maior banquete do mundo, sem precisar de talheres, vasos, pratos, bandejas, e todo esse apparatus que mata a fome, apodrece os dentes, e manda com uma indigestão um homem á eternidade.

Diziam os que assim eram nutridos, que, logo que o globulo cahia no estomago e lá se desfazia, sentiam elles um prazer indisivel por todo o corpo, e até um cheiro activissimo da materia que elle continha; que havia uma verdadeira beatificação, um sonho elysio, uma sensação fóra do mundo da masticação.

Se o grande *Napoleão* tivesse accedido a minha proposta, não perderia um exercito na *Hespanha*, outro na *Russia*; tinha vencido em *Waterloo*, e não acabava em *Sancta Helena*. Com raios engarrafados se pôde conquistar o mundo inteiro; com globulos homœopathicos nutrir-se o exercito mais poderoso do supradito mundo; e tudo isto por pouco, e de mui facil transporte.

Eu o vi, em *Ispahan*. . . . e o affirmo, em face da incredulidade de um seculo de pedantismo.



3.º EXCERPTO.

● Magnetismo.

Em 1806, recebi ordem do governo imperial para ir percorrer o rio *Mosa*, desde *Charleville* até *Liege*, e fazer um relatório circunstanciado do estado das fortificações existentes, no qual dêsse a minha opinião sobre seus melhoramentos, e mesmo ácerca de alguns pontos que eu pensasse serem necessarios fortificar-se : o imperador tinha em mente vastos projectos, e queria abarcar a Europa pelo sul e pelo norte.

Parti de *Charleville*, á meia hora da tarde, n'uma barca de Mr. *Husson*, já meu conhecido antigo, e fomos parar a *Monsi-Saint-Pierre*, que fica á direita do rio. Ahi encontrei *M.^{lle} Zoé*, rapariga de setenta e tantos janeiros, e em cuja cara o habil tempo, á força de passar, tinha increspado o mais bello roquete do mundo : ella lembrou-se de mim e de mais outro brasileiro, que alli passára commigo, no tempo em que obtivemos uma licença para viajar, e fomos ver o famoso castello de *Godofredo de Bulhões*, rei de Jerusalem, e heroe da epopéa do Tasso.

Proseguindo, passámos á esquerda *la Folie*, e suas fabricas de carvão animal : o paiz é mui pitoresco, e muito mais o enfeitam as ruinas de um antigo castello, que está sobre um rochedo muito escarpado. Em *Monsi-Notre-Dame*, que fica á direita, vieram-nos uma chuva de pedra e dous arcos-iris festejar ; foi uma scena bella e rapida; mas eu desejaría que o graniso me deixasse nas costas a mesma impressão, que os arcos da velha nos olhos.

Desci á terra para caminhar e sacudir a imminente constipação, que ameaçava de me deixar na terra estendido, por ahi em algum leito de estalagem, e tratado com toda affeição que denotasse.... o barometro da minha bolsa ; pois naquelles paizes não ha a charidade americana ; e muito menos a brasileira.

Chegámos a *Nouson*, cujo aspecto é bellissimo. Os lombardos ensinaram

toda a Europa a fazer da agricultura tambem uma arte, bordando as suas estradas de esguios e lindissimos olmos, de espaço a espaço, e ingrinaldando-os com festões de parreira, de maneira tal, que parecem estradas triumphaes, em dia de festa. Em *Nouson* estão plantadas estas arvores com muita symetria, e muito mais bello se nos mostrou o paiz, logo que o sol derramou sobre seus valles e montanhas aquella belleza e vida, com que sempre reveste a natureza: o imperador mandou aqui fazer um cães que é!... daquellas obras de Napoleão.

As margens do *Mosa* são um manancial perenne de bellezas para os pintores e poetas contempladores; tudo alli é grande e variado em relação á Europa, mas não soffre comparação com os sitios americanos, que mais adiante descreverei, quando tratar da minha passagem dos *Andes*, porque então, adeus *Simplon*, adeus *monte Cenisio*, e tudo quanto vi nos *Pyreneos*.

Passamos *Bogny* á direita, que é uma pobre aldêa, mas aformoseada por uma ilha, que lhe fica fronteira; e continuamos a navegar *au gré du courant*, que era uma verdadeira delicia; veio a noite, e o espectáculo mudou: era chegada a hora da saudade e da reflexão; a ausencia da luz parece que nos afasta do mundo em que vivemos, e que nos passa a outra habilação, onde nos recordamos da primeira, e onde o pensamento, sem a prisão dos olhos na variedade dos objectos, abre as azas pelo espaço, e atira consigo até o *Paraiso dos Asnos*, que é todo circulado das creações, que os fancezes chamam: —CASTELLOS NA HESPAÑA.

Outro espectáculo, outro colorido, outras vozes nos seios d'alma, e outras sensações. O céu cobrio-se de nuvens, e um vento fresco e puro as lacerava; as estrellas, através daquelle véo de algodão cardado, rompiam em pleiades luminosas, em vastos espaços recamados de seu brilho, e se sumiam; o negrume das montanhas assombreava todo o nosso horisonte; parecia-me que, a cada minuto, ia esbarrar de encontro áquella massa negra e precipitar-men'uma voragem. Este silencio era interrompido pelo chocallar dos guisos dos cavallos, que trotavam na estrada, á esquerda do rio, e pelos gritos do conductor que se repetiam e se alongavam como os uivos de uma onça, nas margens do *Parahyba*. De vez em quando aqui e alli appareciam algumas luzes solitarias na margem do rio, outras nos cumes dos montes, cuja vivacidade e côr incendiada contrastavam com o macio clarão das estrellas, que sempre, apparecendo e desaparecendo, faziam um jogo variado e encantador através das nuvens; o clarão do céu nas aguas se assimilava a uma chapa de chumbo; as montanhas e o seu reflexo se desenhavam nesta planicie acinzentada, ora em fórma de aqueductos, ora de porticos e arcadas de castellos desmoronados, ora como a silhoeta de um enorme candelabro, deitado no espaço e suspenso entre dous rochedos.

Este espectáculo horroroso e sublime era harmonisado grandiosamente

pelo mysterio da noite, pelo silencio, e pelas saudades, que eu sentia da minha America e da minha familia; e muito mais se engrandecia com o badalar dos sinos, que entrecortavam minhas sensações, minhas creações, albeias ao mundo do coração. Os rochedos de ardósia são um tympano maravilhoso para a repercussão dos sons; as sete horas, que ao longe soaram se repercutiram de mil fórmulas: diriam um immenso carrilhão, soando uma aria desconhecida, uma musica de uma tragedia de *Eschylo*.

Às oito horas justas, chegamos a *Montermait*; batemos na primeira estalagem que encontramos e não havia pousada; fomos a outra, e ahi nos recebeu uma divindade campestre: é uma delicia indisivel o encontro de uma formosura, depois da solidão e dos monologos da alma, no mundo do silencio.

M.^{lle} Virginia inda estava tinta do prazer da festa do local, e inda em sua alma, seu peito e suas mãos sentia as doces commoções que recebera, todo o dia, durante o baile, no meio desse templo, que acoberta o céu, e cujas columnas são as hastes enramadas de olmos formosissimos; e aproximando a vella á minha caraça, perguntou-me o que ia fazer naquella terra, e se eu era algum inimigo da França, que ella não me receberia em sua casa; mas ao vêr despir-me do capote, e o brilho do meu habito da *legião de honra*, sorriu-se, chamou sua mãe, e, mais prompta que um dos genios da *lampada maravilhosa*, serviu-me uma ceia ajantarada, que foi o mais sublime concheço de corpo e alma, que eu podia desejar. *M.^{lle} Virginia* era a rainha da festa de *Montermait*; e o seu noivo tinha tido um numero feliz na sorte da conscripção. Oh! destino immensuravel e incomprehensivell... Eu o vi morrer, como um sparthano, ao pé de mim, em *Waterloo*!

Dormi maravilhosamente um somno de nove horas, e acordei, no dia seguinte, com aquella alegria da alma e leveza de corpo, que denota uma perfeita saude. O firmamento estava chumbado; choveu algumas horas até que um vento horrivel veio varrer o céu de todas aquellas nuvens pejudas de agua; e á uma hora da tarde sahi a visitar a famosa fabrica de vidros de *Mr. Desruisseaux*, o qual me recebeu com toda a urbanidade e franqueza, tendo a bondade de me mostrar minuciosamente toda a fabrica, e as novas construcções que elle preparava para seu engrandecimento. Um plano vasto, bem disposto e com uma conveniente fórmula architectonica, reunia o todo do estabelecimento: segredo raro, e muito difficil de encontrar-se, mórmente neste genero de fabricas, onde as mais das vezes a necessidade vai creando um montão de gaiolinhas, que se gruppam, contrarias ao commodo, ao lucro do tempo, e á hygiene dos trabalhadores.

Do outro lado do rio está a freguezia, com uma igreja do caracter dos monumentos do XVI seculo, depois da construcção do palacio de *Fontaine-bleau*, que muito foi imitado.

O interior apresenta tres épocas, e com ellas os tres caracteres de architectura que predominaram: a capella-mór é do XV seculo, com suas frestas gothicas e seus vidros variegados de côres e de imagens; a volta do tecto era arraiada de artezões, mas o arco-cruzeiro já tinha ornatos do tempo de Luiz XIV: a peste borrominica, e sobretudo a ignorancia é um grande mal para todas as obras da arte. O que não tenho eu visto na minha terra, depois que cheguei! O pobre *S. Francisco de Paula*, como está mettido entre os maiores absurdos de arte, que a imaginação pôde conceber?! Vamos á nossa viagem.

O incendio que houve na igreja, poupou algumas cadeiras antigas de cerne de carvalho, cuja esculptura não fica atraz das da quadratura dos conegos da Sé de *Peruggia*, que foram desenhadas pelo *Raphael*. Havia alguns quadros da eschola de *Rubens*, muito conhecida pelo character physionómico, colorido, atitudes, e ordenação geral na composição. O organo era uma bella obra; e o pavimento coberto de lousas, entre as quaes havia duas campas esculpidas em 1589, notaveis pela semelhança e imitação do celebre pavimento da Sé de *Siena*, na *Toscana*, pois tinham as extremidades superiores de marmore branco, é de um desenho purissimo. O cura me conduzio a sua casa, e ahi encontrei uma boa bibliotheca: passei por um retrato de Luiz XVI, e fiz que o não vi. O cura não estava contente com a restauração da religião feita por Napoleão, nem com toda essa massa de gloria que elle accarrelava á França! É cousa muito dura a ingratição; e muito mais revoltante vêr um homem no seio da felicidade, a chorar pelas cebolas do *Egypto*!.... Este bom homem, despoetisou-me a sua aldêa, e me fez logo passar o rio, e vir para a patria de *M.^{he} Virginia*, da amiga e protectora dos amigos do imperador. De tarde fui ao baile campestre.

As festas nas aldêas francezas fazem-se segundo os usos locaes: é nestes entretenimentos populares que se encontram ainda muitos usos dos senhores da idade média, que passaram com os tempos para o povo, e ahi ficaram, ainda que modificados, revelando muitas das antigas ceremonias daquelles tempos.

Em *Montermail*, são nomeados quatro mancebos para dirigirem a festa, e estes nomeiam suas amasias, parentas ou noivas para os ajudarem: os quatro pares nomeiam a rainha da festa, e esta é a dispenseira de todas as graças e encantos: goza naquelles dias dos mais altos foros, e como é sempre uma das mais bellas raparigas do lugar, todos os mancebos porfiam a honra de lhe dar o braço e colherem della um sorriso de bondade, e a preeminencia de com ella dançarem.

Na manhã do dia festival, vão os quatro directores, acompanhados de uma orchestra, buscar a rainha, e depois de darem um descante ao *maire*, que é a suprema autoridade, o convidam para que os acompanhe á igreja: depois do officio divino voltam com a musica ao lugar do baile, que é

ordinariamente no meio de algum passeio ou praça, debaixo de algum mercado, ou na rotonda dos olmos, circulada de bancos, como acontece em *Montermait*.

É um singular espectáculo, para um americano, o de um baile campestre, seja na Bretanha, onde se dança com as nadeças, bătendo umas de encontro ás outras, ou com as solas dos sapatões de quatro baterias, bătendo reciprocamente! Nas *Ardenas* muda a scena; ha mais urbanidade, mais delicadeza, e parece que as tradições parisienses correm mais depressa nas planicies de *Rocroy*, do que nas montanhas e cafundos de *Saint-Brieux* e de *Morlaix*.

As orelhas dos francezes não tem a delicadeza das dos allemães, nem dos belgas; a musica pouco influe para os pôr em campo a saracotear e sapa-tear: é necessario que uma assuada semi-harmonica os invide naquelle jogo de movimentos: o mais dispensam.

Uma rabeca indefluxada e rouca, uma trompa gembunda como a da procição dos mortos, um tromboni que desafina, a fazer calafrios, a irriçar todos os cabellos e vellos do corpo, e um zabumba e triangulo, formam geralmente a orchestra das aldêas. Mas contrasta com este concerto infernal o riso celestes das raparigas, e a franqueza e gallardia dos rapazes: casacas, camisolas, botas e sócos, tudo tripudia e tudo igualmente se diverte.

Des paizes visinhos vêm toda a gente á festa, e a mania de dançar é tal, que alguns amanteticos vem a pé, de dez leguas de distancia, repousar o seu cançasso com duas duzias de contradanças e uma de valsas, no meio de poeira e de alegria.

Tudo o que a caça produz de mais escolhido, as fructas do outomno, os peixes do rio, são guardados para a festa, e convertidos em pasteis e tortas collossaes. Vestidos novos, rendas, cruces d'ouro, cordões, bonéts, tudo sahe á luz nesses dias de comida, de dança, e de prazer. As familias reúnem-se em grandes mesas, e acabam quasi sempre por desafinadas canções, que a etiqueta e os usos fazem circumfluir: apparecem cousas admiraveis; mas tambem é digna de toda a consideração a timidez, e algumas vezes a afinação, com que as donzellas cantam ao seu turno, e o como são applaudidas por uma trovoada de bravos e palmas, que se afoga repentinamente em copos cheios de vinho.

Tambem me forçaram a cantar; e lastimando eu não ter instrumento que me accompanhasse, *M.^{lle} Virginia* correu a buscar um violão, com o qual cantei a novissima canção!

« *Portrait charmant, portrait de mon amic,*
« *Gage d'amour, pour amour obtenu, etc.* »

Depois que a liberdade circulou, e que aquella boa gente vio em mim um

homem como elles, levantou-se um velho, um respeitavel velho, cujo pai tinha servido a Luiz XIV, e me disse :

— Capitão, de que paiz sois?

— Da America, lhe respondi eu: sou da legião portugueza, e estou ao serviço da França.

— Cantai-nos, na vossa lingoa, alguma cousa, se por acaso na America se conhece a musica.

E eu, pegando de novo no violão, improvisei as seguintes coplas :

« A' sombra virente e odora		« O' minha querida mãe,
« Da magestosa mangueira,		« Anjo de amor e doçura;
« Minha saudade nest'hora		« Terei acaso a ventura
« Me transporta lisonjeira.		« De ver-te e beijar-te um dia?

E uma lagrima involuntaria, repassada de todas as commoções do meu peito, rolou na minha face: um mundo de recordações veio pousar entre o meu peito e os meus labios: fiquei mudo. Olhei para toda a companhia: todos estavam tristes, e *M.^{lle} Virginia* segurando-me na mão, disse: — A vossa cançoneta, que eu não percebi, foi com tudo entendida por minha alma: vós fallastes na vossa mãe, e as idéas da vossa patria, de vossa familia em terra estranha, e n'uma carreira que tem por perspectiva a morte ou o triumpho, vos assaltaram. Levantemo-nos, americano, que a vossa musica é bella como a da Italia, e a vossa lingoa doce como a dos anjos.

Ausentaram-se muitos dos convivas: já tinhamos entrado pela noite. Rolou a conversação sobre muitas cousas, e principalmente sobre uma mina abandonada, onde, diziam elles, se haviam occultado muitos thesouros no tempo da revolução, mas que um homem daquelles lugares, que tinha pacto com o diabo, havia alli tecido um sem numero de perigos e desgraças; e apontaram muitos nomes de gente do paiz, que tinha ido e desaparecido para sempre. Disse mais o velho, que tendo-se tapado um dia a bocca da mina, no outro se achára destapada, e que as pessoas, que por alli passavam, ouviam gemidos e gargalhadas, que pareciam de alguma victima que tractavam insensiveis algozes.

O cura tinha lá ido algumas vezes, de cruz alçada, benzer o lugar; e n'um dia que, arrojado de impeto celeste, lá penetrára, sahio de repente, porque todas as luzes se apagaram logo que elle se ajoelhou, e todos fugiram.

Tive curiosidade de lá ir, e no dia seguinte assim o fiz. No dia seguinte, sem nada dizer á gente da casa, encaminhei-me para o lugar, e munido de um archote, e da minha espada, penetrei pela gruta e fui descendo até uma boa distancia. De vez em quando parava para contemplar os ornatos com que a natureza tinha vindo aformosear a obra do homem; havia formosos stalactites, que pendiam do tecto como roupagens, e graciosos stalagmites

formavam no chão grupos de phantasmas, tumulos, ruínas e mil outras visões. De tempos a tempos feriam os olhos veios metallicos de sulphureto de ferro, cujas facetas, ao clarão da luz brilhavam como ouro. Achei, é verdade, n'um canto para onde me dirigi, através de precipícios, um esqueleto sentado, e outro que denotava as grandes contorsões, que fizera aquella victima da desgraça no momento de morrer. Fiquei horrorisado e voltei á estrada. A luz do meu archote se enfraquecia pouco a pouco, e estando quasi a extinguir-se, agitei-o para avival-o, mas no momento em que o levei a terra para o esborrachar, apagou-se!...

Então conheci todo o horror da minha posição; então todas as idéas, que se tinham apoderado de mim no centro da terra, se engrandeceram: olhei, olhei por toda a parte, e só vi trevas, e trevas como nunca tinham visto meus olhos!

O silencio sepulchral do meu proximo tumulo era apenas interrompido por uma goteira, cujo philtro monotono e compassado soava naquella profundidade e escuridão, como o malho de um cyclope, ou como o canto de uma araponga!

Muito ao longe, e quasi inapercebido, se ouviam o estridulo de uma co-ruja, e os gritos de alguns morcegos: eram estes sons exactamente como os de uma victima que chora, circulada dos risos de uma orgia.

Um suor frio percorreu-me todo o corpo; as pernas se me enfraqueceram, e cahi no chão, como um homem que tem os membros paralyticos.

Alguns momentos depois, reflectindo na minha posição, e ganhando coragem, senti-me reanimado, esperançoso; vi o mundo em sonhos, todo illuminado, todo risonho, daquelle profundo cahos onde me achava; senti lavar em meu seio um calor, uma alegria!... Era a religião que vinha em meu soccorro. Apalpei-me com avidéz, e encontro no meu peito a imagem de Nossa Senhora da Conceição, aquella imagem de ouro, que me tinha dado minha mãe, quando me embarquei para Lisboa, e que ella me disse que conservasse, e que em quanto eu a tivesse no peito, havia de triumphar de todos os perigos, e de todos me havia de sahir perfeitamente.

Ajoelhei-me, e orei com tanto fervor, tanta fé, como pôde ter um crente na hora do perigo. Mas que fazer, como sahir dalli, e por onde? Nada me occorria.

Orei segunda e tereceira vez, e ao cahir prostrado em terra, senti que o lugar da estrada era mais liso que os outros, e de joelhos fui apalpando e caminhando: ¿ mas para onde caminhava eu? para baixo ou para cima? Tudo alli era negro, e as idéas do homem se baralhavam no meio das trevas. Parei, e fazendo um movimento de desespero, senti umas centelhas de fogo nos meus olhos.

Sentei-me por muito tempo. O que rolou na minha imaginação, o tropel

de idéas terríveis que me assaltavam com rapidez incrível, sem deixar completar um quadro, é um tormento, que dá idéa perfeita do inferno de Dante, desse lugar escuro, onde cada um se acha entregue aos remorsos de sua consciencia. Gritei, gritei muito, e depois de gritar, revoltei-me contra mim mesmo; e só meus gritos, reboando pelo concavo daquellas abobadas, daquella noite eterna, pareciam as imprecações de um reprobó.

Passei longas horas, que me pareceram mezes, ora em acessos de desesperação, ora contrito e resignado a allí morrer. Minha mãe e o imperador eram os dous cirios, que me allumiavam á porta da eternidade; o resto uma agonia, toldada de esperanças vãs.

Veio-me a fome, e que fome cruel! como nunca a senti nos dias de marchas forçadas; nesses jejuns, carregado de armas e da pesada mochila! Veio-me a sede, e que sede devoradora!

Lembrei-me da minha ultima enfermidade, do meu perigo de vida no hospital, e... veio á lembrança, não sei como, *Mesmer*, e um livro seu, que havia lido em horas de descanso.

Lembrei-me da lucidez dos magnetizados, e, como por instincto, puz-me a magnetisar todo o meu corpo, e sentia um não sei que de vigor, e centelhas de fogo nos olhos, logo que por elles passava a mão, de fórma que, reunindo toda a energia da minha vontade, e concentrando todo meu fluido magnetico naquelles órgãos, sentia de minuto em minuto augmentar-se o clarão, e pouco a pouco comecei a distinguir a *silhoeta* da minha mão quando passava, as fórmas dos dedos, e a mais a mais, a minha roupa, e finalmente o chão sobre que estava; continuei, e em breve um grande clarão me veio esclarecer o lugar, como se eu allí tivesse uns seis ou sete vagalumes do Brasil, e com elles me esclarecesse.

Orei mais, e levantei-me; e continuando a magnetisar-me, fui caminhando sem tropeçar: a estrada me parecia tão longa!

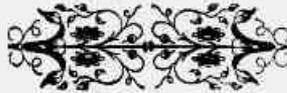
Caminhei, caminhei, até que n'uma volta da subida, vi um clarão azulado, e ouvi o canto de um passaro: o prazer que tive foi tão grande que cahi desmaiado.

Voltando a mim, prosegui o meu caminho, e em breve cheguei á boca da mina: a escuridão e o tormento alongaram a minha estrada. Orei e beijei a imagem que me havia dado minha mãe, e agradecei ao céu o immenso achado que acabava de fazer. Ri-me dos homens, que não conhecem e não procuram os segredos de Deos; ri-me do mundo com seus archotes, lampadas, bogias e vellas; ri-me do incançavel trabalho do homem, que anda procurando a felicidade, que elle tem consigo mesmo.

Desse dia memoravel por diante, nunca mais fiz uso de vella ou lampada, para lêr ou escrever no meu quarto: entrava para elle, magnetisava-me, e logo que em meus olhos apparecia a luz magnetica, punha-me a trabalhar, e

só tinha de vez em quando de a espreitar com meia duzia de *passes*, para continuar sem o menor incommodo da vista. Tinha luz para as visitas; e cheguei á idade de oitenta annos, graças ao magnetismo animal, com uma vista de lynce, e sem usar de oculos, nem para vêr ao longe.

Consagro, neste meu diario, este facto, porque um dia poderão as camaras mandar abrir aulas publicas e gratuitas de magnetismo, e por esta maneira ensinar a todos a dispensar luz á noite, e evitar o fétido e despeza que se faz, em todas as cidades, com uma illuminação má; dando o nosso Brasil o espectáculo de uma sociedade de pirilampos. Ha de ser um riquissimo espectáculo, o de um baile illuminado por esta maneira; e que luz tão bella não derramarão os olhos das brasileiras? Quando elles, sem este recurso, já são tão rutilantes, | que será quando estiverem magnetisados!



4.º EXCERPTO.

Prodigios da pintura chineza.

Depois das festas reaes, que em Ispahan confundiram o dia com a noite, depois de todas as prodigalidades orientaes, tive mais uma occasião de observar, nas vespervas de minha viagem á China, que os homens são os mesmíssimos em toda a parte; e que o turbante, o gorro, ou chapéo armado, são apenas exterioridades que nada contendem com as operações do cerebro.

O rei, satisfeito com a victoria que alcançou, e muito mais com o terror que se espalhou em toda a Tartaria, quiz erigir um monumento para perpetuar este facto de uma maneira solemne; e para que elle resumisse o voto e a intelligencia de toda a Persia, mandou convocar todos os sabios do reino, para se reunirem na capital sob a presidencia do novo muphti, e heroe do facto, offerecendo-lhes o seu palacio para ahi trabalharem e deliberarem qual a fórma, emblemas e inscripções que convinham a uma obra toda nacional.

Reunida a assembléa na galeria do palacio real, chamada—*Tchehel seston* ou *os quarenta pilares*—, ahi começou os seus trabalhos. Depois de sancionado um projecto de regulamento, que foi bordado com longuissimos discursos sobre materias alheias, o muphti, em grande gala, fez uma arenga muito longa, e annunciou que se iam começar os trabalhos, pois já tinham uma lei que evitava discussões dialogadas, trialogadas, quadralogadas, etc.

Sessenta e nove dias haviam decorrido, sem que se houvesse pronunciado uma só palavra ácerca do monumento, mórmente tendo regulado a discussão umas nove ou dez horas por dia.

Todos os muderis, mollaks, derviches e astrologos que ali se achavam só tinham o direito de fallar uma vez sobre a materia e outra para explicações, e conhecendo os oradores que este artigo não os satisfazia, resolveram alterar o regulamento nesta parte, e votou-se, por grande maioria, que cada membro tivesse a palavra sómente nove vezes, e o dobro para explicações.

Os deputados que tinham memorias, plantas e desenhos a apresentar, re-

cuavam de dia em dia, á vista da effervescencia dos animos, e do vivo calor da discussão, sobre a verdadeira intelligencia que se devia dar ao verso 92 do capitulo 5.º do alkorão; e depois de se ter feito a historia dos progressos da lingua sanskrita, e de se ter muito contestado o numero de columnas que existem nas ruinas de Persepolis, decretaram aquelles senhores, como primeira parte do monumento, o seguinte :— « O rei de ora em diante não poderá fazer mais uso, no jogo do xadrez, do cavallo ; porque é a representação de um ser animado, e contra a orthodoxia do islamismo puro ».

Os derviches queixaram-se amargamente do scisma, que ia lavrando com a velocidade do raio, e ameaçava uma grande perturbação no futuro dos verdadeiros crentes. Os mollaks queriam uma conciliação, mas o muphti e os muderes opinavam pela exterminação de tudo quanto não fosse puro, e animados deste santo desejo votaram para que assim se praticasse, ficando a cidade de Ispahan d'ora em diante a primeira cidade do islamismo, e o centro e a representação da religião do propheta em todo o universo.

O astrologo real pediu que se lhe aclarasse bem o que queria dizer, na oração dos mortos, a palavra *Ias*, que está em frente do capitulo XXXVI, chamado pelo propheta o coração do alkorão.

Um derviche se oppoz, provando que essa palavra era composta de letras mysteriosas, e que isso era um segredo que o propheta levára consigo.

Agita-se a questão, pedem vinte membros a palavra, como se cantassem um côro, ou rezassem alguma oração; agita-se de novo a qual pertencia a palavra; jorram discursos, explicações, e começam a carambolar as indirectas, e pouco a pouco eil-os no campo das rasteiras recriminações! Passam, como povo em tumulto e sem chefe, de uma cousa para a outra ; fallam quarenta ao mesmo tempo, e no meio desta grande desordem, desta trovoadas e granizo de palavrórios, o muphti mandou tocar silencio no *tamtam* de arame, e depois de restabelecida a calma, fez um valentissimo discurso, provando que não houve nunca allucinação mental no propheta quando elle disse que *Allozza* e *Allah* eram duas donzellas dignas de adoração; e que este dito não era mais que uma recordação respeitosa ao primeiro culto dos arabes, a estas suas queridas divindades.

Uns regeitaram a conclusão como o resultado de uma logica capciosa, e accusaram o muphti de heresia; outros julgaram-na ociosa, e um pequeno numero a proclamaram por um outro mysterio.

O muphti, insistindo na discussão, reprehendeu ao congresso o abuso que fazia da palavra, e sobre tudo o fallarem em logica, que é cousa de infieis, e disse mais que elle trouxera aquella questão para della tirar a conclusão seguinte, que punha por escripto :

« O melhor monumento que o homem pôde levantar para agradecer a *Allah* as victorias que este lhe consegue, é um templo ao mesmo *Allah*. Con-

vencido desta verdade, como vós todos meus filhos e irmãos de minha alma, proponho:—Seja dado o palacio de El-Minar-Bassan, suas minas, florestas, rios, e campinas ao chefe da religião, para que elle ahi guarde o alcorão e a camisa de Iman-Hassein n'um templo digno de objectos tão sagrados; juntando mais a esta doação nacional o numero de quatro mil escravos para trabalharem naquellas terras e minas. »

A esta santa proposta se juntou uma outra do astrologo-mór do reino, que era da maneira seguinte: « Requeiro que el-rei mande dar um subsidio vitalicio a todos os membros deste immortal e sabio, e luminoso congresso, tirando o quantitativo das rendas das mesquitas reaes, e que este subsidio seja igualmente consignado na conformidade da nobreza e postos dos membros desta republica litteraria e scientifica ».

O muphti oppoz-se e o projecto cahio por não estar bem redigido. Sobre as suas ruinas vieram outros menos liberaes, mas o muphti, derviches, mollaks e muderis, cahiram-lhes em cima, que os despedaçaram, gritando contra a desigualdade, e a heresia.

O rei vendo a marcha que o congresso tomava, mandou-lhe intimar que se cingisse ao ponto para que fôra convocado, e não andasse por estradas alheias ao seu mandato; e que elle havia de fazer uso de cavallos quer na estribaria quer no jogo do xadrez.

E elles responderam ao ministro: «Dizei ao rei que nós somos a suprema intelligencia da intelligencia, a sabedoria da sabedoria, e a luz da luz; e que aonde estamos, está tambem a força suprema das forças, e com ella a supremacia de todas as cousas do universo; e que muito respeitosamente o saudamos como ao nosso delegado na terra ».

O rei com a sua costumada prudencia os mandou de novo intimar que viessem ao ponto da sua reunião; e que lhes dava sómente oito dias para deliberarem sobre o monumento.

E elles respeitosamente responderam que o rei não podia limitar um tempo á intelligencia, e que retirasse a sua menção, sob pena de ser taxado de tyranno; e que muito respeitosamente o saudavam de novo, como ao seu delegado na terra. Estas palavras, pronunciadas pelo muphti de uma maneira significativa ao ministro, fizeram com que o rei prudentemente obrasse em consequencia.

Duas horas depois entrou o ministro, e saudando respeitosamente a todos, mandou abrir as trinta e nove janellas da sala, que davam para a praça, e com todo o acatamento devido entregou ao muphti da parte de el-rei uma salva de ouro coberta; e o muphti, no meio do curioso silencio de toda a assembléa, depois de muito agradecer a bondade de sua alteza, levantou o véo de tella de ouro, e empallideceu: havia na bandeja um almofariz de agatha em cuja borda estava escripta esta sentença de Amurat 4.º, Impera-

dor de Constantinopla, e muito sabida em todo o mundo de mafoma: « *As cabeças que a lei isenta do ferro, não isenta do pilão; os cães gostam de caldos de substancia* ». Um rapido cochicho correu electricamente por todos os assentos, e não sei que houve naquelle presente que todas as vozes se reprezaram na garganta.

O ministro, com uma gravidade estatica depois de recolher em sua alma todas aquellas impressões, saudou o congresso com um respeito extraordinario e disse-lhe: palavra de rei não torna atraz; tendes oito dias: os soldados estão ociosos, e desejam ouvir os vossos luminosos discursos: cada pilar desta nobre regia, para maior segurança publica, e particularmente vossa, se acha fortificado com uma columna de bronze perforada, e que tem um ouvido para vos escutar: Allah vos salve senhores.

E todos olhando para a praça viram quarenta canhões, com morrões accesos, e uma seara de lanças e espadas!

O muphti ergueu-se, e com voz tremula, disse: estamos como vêdes; vamos orar, e pedir uma salvação deste araph; e todos mui silenciosos e respeitosamente se levantaram e o acompanharam á mesquita real.

Aquelle almofariz e aquelle pilão não saham da mente do muphti; as duas agathas reflectiam em sua alma a imagem dos dous terriveis anjos *Munkir* e *Nekir* com suas vozes horrendas como o trovão, e com seus azuragues de ferro e fogo.

Naquelle mesma noite se espalharam boatos de uma summa prudencia, que bem manifestavam a gratidão geral daquelles senhores para com el-rei. Espalhavam os oradores que o rei estava enganando ao povo, e que os reunira para mais o escravisar; e que elles não o querendo ajudar nesse trama infernal, elle os ameaçara da maneira que todos viram. Este crivo lisongeiro, passando de mão a mão, ia recebendo cada vez mais novos florões, de maneira que ao amanhecer todos cuidavam que o congresso tinha sido quintado e empalado.

Eram aquelles sabios os homens mais notaveis da Persia, pois tinham toda a sua vida amecalhado os thesouros da intelligencia; os padres comungando versos do alkorão; e os astrologos o brilho das estrellas e as rugas da palma da mão: a buena dicha foi sempre rendosa.

Nada ha de mais breve para complanar as sinuosidades do que o ferro e a polvora. Voltaram os sabios aos quarenta pilares, e depois de alguns discursos sobre a situação, appareceram differentes projectos de monumentos, que todos foram remettidos ás commissões. O astrologo-real, homem dos seus setenta e tantos annos, pediu que se votasse, como o melhor monumento daquella victoria, a liberdade das mulheres, e que uma só bastasse a cada individuo: foi morto immediatamente, e seus membros lançados em uma fogueira na praça, e alguns que com elle votaram, mal pode-

ram fugir da sala; pois os janeiros lhe rheumatismavam as pernas de uma maneira incuravel.

Em consequencia deste facto, o rei mandou-os de novo intimar, para, que dali não sahissem sem ter definitivamente votado o monumento pedido, e que lhe ficava fechado o bofete, e prohibido o café de que tanto abusavam, assim como fumar e sahir da sala : e estas palavras foram escriptas com alabardas e alfanges nas portas, escadas e avenidas.

« Votos, votos »; gritavam todos como energumenos, não percamos um tempo precioso; a nação e o rei esperam hoje mesmo, agora mesmo de nossa sabedoria um resultado. Fervem os projectos, voltam as memorias de canaes, pontes e monumentos, mas ninguem se entende, ninguem as tinha visto, e ninguem as quer ver, e todos só gritam: « votos, votos; vamos acabar com isto; faça-se a vontade, e obedeça-se as ordens de nosso amado, querido e piedoso rei, nosso senhor, e delegado de Allah, pelo profeta.

Sitiados os oradores pela garganta, e privados, do gratuito e exquisito bofete, do amavel soberano, e de todas as suas esperanças, estavam em uma febril inquietação, que degenerava de vez em quando em um mormaço silencioso, verdadeiro contraste dos dias passados de cachimbo fumegante, pitança e valentia.

O muphti, aproveitando a circumstancia propoz de novo o seu projecto, e tomando a palavra para o apoiar, fez um breve discurso, que pareceu ao congresso de uma enorme extensão.

Rebateu a idéa do subsidio tirados dos rendimentos das mesquitas reaes, com um calor verdadeiramente oratorio; e vindo outra vez as terras de El-Minar-Bassan, citou estes versos do alkorão:

« É elle (Allah!) que faz brilhar o relampago ás vossas vistas, para vos inspirar temor e esperança. É elle quem levanta as nuvenspejadas de tormentas.

« O trovão celebra os seus louvores, e os anjos o glorificam penetrados de medo. É elle quem lança os raios, e fere os que elle quer, em quanto se disputam..... »

E provou que a victoria havida era obra do alkorão, e da camisa de Iman-Hassein sómente, e que elle nada fizera por si, pois não foi mais que um vil instrumento da terra.

Passou a proposta, lavrou-se a acta, e todos foram saudar o rei, e d'elle despedir-se agradecendo tanta bondade e tantos favores. A calumnia quiz atrozmente immolar o ex-derviche no altar do interesse, mas elle defendendo-se energicamente de taes imputações, determinou, diante de um povo que o não comprehendia, que se queimasse o seu laboratorio, e fiel aos seus principios, ordenou e prohibio a toda a sua descendencia o exercicio de um officio tão vil e tão baixo como seja o da physica e da chimica, mandando que tudo se incendiasse : e assim se fez.

Este facto do muphti, prova que um homem que se esquece do que foi, é um matricida; e que todos os matricidas desta ordem se consideram bisnetos de si mesmos.

Nada ha que estranhar : o escravo forro é o mais cruel dos senhores ; o peão fidalgo é o mais arrogante dos homens, o barbeiro millionario o mais insolente, e os que sobem pelas letras, bem depressa dellas se esquecem, desdenhando os que as cultivam; o mundo é um vasto theatro onde a tragedia da ingratição e o entremez deste burlesco matricidio se representam successivamente ; se não houvessem as silenciosas pateadas da historia, os Midas tinham melhor vida e melhor herança.

Ao muphti não faltavam amigos que roborassem e mesmo dessem vulto aos broxuleios da sua nova crença, pois lhe affirmavam que elle era um novo propheta, e muito mais nobre que o rei. Destruído o seu laboratorio, passada a esponja nessa aviltante pagina do passado de um muphti, desse passado, que como uma cadêa de ferro o prendia do alto de sua posição, em corpo e alma, ao ignobil povo, o futuro lhe parecia mais sereno e radiante ; e havia ainda a esperança de que elle só possuísse o segredo de engarrifar trovoadas e raios, e globolisar munições homœopathicas ; mas esta esperança lhe causava uma especie de arripios e mesmo nauseas : a imagem do passado tem caretas mui singulares.

Mas o rei, que é o que vimos, tinha tomado suas precauções, levando aos taes ensaios um jesuita portuguez, que ali estava de passagem, e que era habilissimo homem nas sciencias physicas e naturaes, e delle particularmente havia conseguido fazer com suas proprias mãos todas aquellas operações, e por processos mais simples, de maneira que estava contentissimo com a destruição do laboratorio do muphti, pois se achava só e sem igual ; e para mais corroborar os seus desejos, prohibio o uso da chimica e physica, como arte do diabo, e louvou o comportamento do muphti.

O reverendo padre Ayres de Menezes e Toledo, era um verdadeiro apostolo; e tinha de em breve ir á China : ligados pela nacionalidade, e pela sorte commum, o soldado e o sacerdote se amavam como irmãos, e eu tive a instancias suas, e para melhor cumprimento da minha missão secreta, de o acompanhar; pois os Inglezes estavam adormecendo os chins com opio, e abrindo as garras para os fechar nas unhas do leopardo, ou encraval-os na ponta do unicorné.

Eu tambem ia como mestre de mathematicas, e muito tinha que esperar, pois que o reverendo padre mestre me assegurava a sua protecção. Despedi-me dos amigos e do meu David, que era um judéo dos quatro costados.



5.º EXCERPTO.

Maravilhas da pintura chinesa.

∴ Antes de transcrever as paginas do livro de meu tio para esta publicação, antes de atirar com mais essa verdade aos incredulos da época, quero narrar umas cousinhas que me aconteceram a semana passada, tendo eu de ir, por Iguassú, ás alturas do Tinguá.

Como me ensinára meu tio, procurei, antes de subir á maior montanha da serra visinha, saber alguma cousa, alguma curiosidade, mas não me foi possível : a villa de Iguassú estava debaixo da influencia dessa molestia bissexual, ou epidemia quatriennial, a que chamam eleições, e que equivale a uma chuva de tintura de eleboro, a um terremoto da vida alheia, ou a uma inundação do Uruguay, que deixa tudo raso. Quando os homens se acham neste estado, não se importam com nada desta vida ; e se apparecer algum cometa no céo, é logo descomposto pelos candidatos, com medo de que lhe não meta o rabo na cabala, e *fure-lhe a chapa*.

Em Nankin, na minha ultima viagem, se havia inventado a *Tachigraphia Chromatico-Magnetica*, que apanha qualquer discurso por meio das côres : eu desejaria possuir uma dessas machinas para apanhar as mentiras que se pregam no tempo das eleições. Se se estampassem, ardia o Brasil em fogo, e as côres mudavam de nome, assim como as estações, as horas do dia, e até a marcha das estrellas. Que admiravel invenção ! Andei por tantas terras tranquillias, e tão bem governadas e optimamente policiadas, sem lá vêr chapas nem urnas, nem essas miserias que corrompem todas as classes da sociedade.

Felizes os estrangeiros, que veem passar a tempestade, voar a nuvem de raios, e que nem de leve os abala ; e se algum se intromette na contradação por abelhudo e desinquieta, merece ser surrado, porque é tolo e imprudente.

Até um arreador que encontrei, estava escrevendo sobre uma cangalha a sua lista ! mas deste não tenho razão de queixa, porque contou-me maravilhas do Tinguá, e autorisou-as com os nomes de Romão J. Pedroso e Ma-

nuel Zeferino, e outros que ainda vivem, em cujas palavras vou jurar como um discipulo de Pythagoras nas palavras do seu mestre.

Apezar de que nada encontrasse, sem duvida porque errei o caminho, tive por lá uma sensação das mais estranhas e das mais agradaveis que é possivel.

Anoiteci no lugar chamado a Mãe do Ouro, e onde se encontra uma grande cava, como obra de mineração começada, e ahi fazendo fogo, sentei-me sobre um tronco que estava no caminho, ao pé de uma lagoasinha formada pelo remanso de um correjo, como os muitos que descem do alto da montanha.

Sentado, como estava naquelle madeiro velho e de casca grossa, não dei-xei de admirar-me da lisura do seu exterior, mas quem não pensa, não in-daga. A noite tomou o aspecto variado que costuma tomar no cume das montanhas, mórmente quando ha passagem de nuvens; e se eu fosse poeta moderno, destes que levam a cantar no machete do Eu os seus amores, não deixaria passar o caso sem luar e sem uma cruz solitaria; não deixaria de me ajoelhar, de invocar as estrellas, de scismar com ellas, e de fingir-me um devoto, apezar de me não confessar, nem ir á missa.

Nem cruz, nem sepultura, nem estrellas, nem nada dessa poesia da moda, que pinta um joven nedio e dançarino da polka, schostisch, e redowa, como um novo Orestes, perseguido por furias, tateando no meio das trevas, e amanhecendo abraçado, em vez de uma cruz, com uma garrafa de cham-panha, e cadenciando a fumaça de um charuto de Havana.

Nada houve. Dormitava eu, quando de repente acordo, e vejo diante de mim dous quilombolas, cobertos de não sei o que, avançarem para mim com duas fouces alçadas; e eu só tive tempo de descarregar a minha pistola e de errar o tiro; pucho pela faca, e nisto curvo-me para o lado esquerdo, afim de livrar-me de uma fouce que me vinha á cabeça, e não sei como sinto ele-var-me um pouco, ouço um grande ronco, e acho-me todo molhado e dentro da lagoinha visinha! Olho para os lados, nada vejo; escuto, e só ouço o es-trepitar da fuga dos dous negros, e as suas vozes, exconjurando o diabo que lhes havia apparecido; e o mais é que eu tambem me beazi, e fiquei hor-rorizado por algum tempo.

Lembrei-me das palavras de meu tio, e disse: não ha mysterios na natu-reza senão aquelles que ella escondeu eternamente ao homem; isto deve ter uma razão; e demais, perdi a minha faca e a minha pistola, e o mais, e é necessario aqui esperar o dia.

Sahi da goa, voltei ao lugar, e admirei o somno marmoreo do meu pagem, que roncava como um porco no seu barreiro, depois de haver engolido uma tina de abobora com caldo de cosinha.

Apenas amanheceu o dia, fui ao meu banheiro, e fiquei abysmado de vér

boiando em cima da agoa a minha faca, com o cabo para cima, e a caminhar lentamente em roda daquelle pequeno remanço. Entro n'agoa, vou a pegar nella, qual?! e no momento em que faço esforços para arrancal-a não sei do que, que tanto me espantava, levanta-se um horrivel jacaré, dá um ronco, e um safanão tal, que de novo me atirou n'agoa; mas a faca não larguei: era o jacaré aquelle tronco enorme, que encontrei na estrada, e que me levou pelos ares, não só pela picada superficial que lhe dei com a minha faca, como pela pancada da fouce, que lhe fizeram acordar, e procurar o seu refugio.

Estive a pensar se devia ou não matal-o, mas veio-me á idéa o seguinte: jacaré não come gente; e este que se veio refugiar tão alto é porque teve razões para isso; e assim como me salvou das garras dos quilombolas, póde igualmente salvar a outro qualquer viajor que por aqui venha: passe muito bem, senhor jacaré, divirta-se, e escreva as suas memorias em folhas de inhame, ou de taioha, que eu continuo a subir pela montanha até encontrar o ponto onde o marquez de Quixeramobim plantou uma bandeira, e avistou tres provincias do imperio, o que já não é pouca cousa.

Bati mato, furei plantas, e estas tambem me furaram a roupa e a pelle, até que cheguei a uma altura immensa, e assentei-me sobre uma pedra coberta de um musgo fofo e igual, que a não ser as coegas que me fazia pela Hollanda e pela Belgica, vulgo paizes baixos, seria um excellente colção classico, bem proprio para se dormir uma sésta solar, ou para de novo seismar aos pallidos raios das estrellas, sem cruz, sem mosteiro, sem campas, nem cadaveres, nem espectros, que venham arripiar as carnes das meninas amorosas.

Seria boa occasião de descrever aqui uma bella paisagem, e de transformar o visto no não visto, mas eu não, que préso a verdade, como um cabalista, ou um deputado, que se não póde defender das brilbaturas que fez na sua ultima presidencia, digo o que vi: cabeços de montes cobertos de matto virgem; valles profundos, cheios de matto virgem; ronco de bogios, canto de irapongas, e alguns chilros e pipitos de passarinhos, que faziam algum reclamo amoroso.

Comi alguma cousa, e bebi aguardente da fabrica de Ignacio Dias, que me pareceu a menos cobrada e a menos venenosa, na analyse que fiz em Iguassú, com um pouco de amoniaco.

Continuei o meu caminho, tomando o rumo do céo, que é aquelle por onde sobem Ascios e Antipodas, e depois de muito furar, e de muito andar, e de muito cansar, não via termo á minha parada, pois o maldito pico parecia levantar-se de novo sobre novas alturas apenas eu galgava maior subida.

Eram quatro horas da tarde quando cheguei ao cume do Tinguá, e do qual não vi nem meia provincia quanto mais tres, porque estava carregado

de nuvens, que foram pouco a pouco se abaixando e deixando-me lá em cima como um naufrago no alto mar, e sentado n'um rochedo. Agora verás o que é bom.

Começa o céu a tomar um azul limpidissimo, e o sol a appareer por entre as nevoas do horisonte ; um vento gelido zunia, que me fez bater o queixo, como n'um assalto de febre intermitente; o meu pagem gritava misericordia, e eu contemplava o grande calote que o meu espirito abelhudo estava levando, e protestava de vingar-me do Tinguá com algum artigo anonymo e cheio de reticencias maliciosas.

Arma-se uma trovoadá lá pelos baixos, ronca, e ronca horrivelmente, os raios estavam tão desesperados, que surgiam fóra daquella grande esplanada de nuvens, e se me afiguravam um combate de serpentes de fogo sobre um lago gelado ! Derepente, após estalos e horrendos estrondos, sentimos um rumor que fez tremer a montanha, e que suppoz ser alguma rocha ou penedo que estalára e destacou levando couro e cabello á montanha, pois ao longe se me afigurava o rebentar de uma carta de bixas da China, e ao depois um marulho esquisito, que se desfez na fórma especial do som da sarraiva, e se perdeu com a dissipação de todo aquelle nevoeiro que foi rechasado por outro, mas por outro mais terrivel ! Era um incendio.

Ameaçados de tão visinho perigo, e de ficarmos sendo os leitões da festa, largámos barcos e rêdes e tomámos o caminho opposto á fumaça e á flamma, que era todo composto de matto virgem, até que démos n'um trilho batido, que bem marcava ser caminho frequentado por gente, e conductor de alguma esperanza.

Ás seis horas da tarde, rotos, molhados, cansados, desesperados, aborrecidos, resfriados e famintos, chegámos a um descampado, onde existiam as ruinas de um rancho, que pela sua construcção mostrava ter sido uma antiga habitação de industriosos quilombolas, de philosophos que amam e preferem a contemplação da natureza, e a liberdade das selvas, ao trabalho da enxada, e ao monotono compasso do vergalho do capataz, ou a se abraçarem com um esteio, e ahí cantarem a pungente aria do *Ai Jesus, já basta, meu senhor*. Vimos leitões de esteiras, trançadas na aria dos giraus, portas falsas, e uma estrada subterranea, que as aguas tinham arruinado, e que não sei aonde iria acabar ; vimos algumas gamellas quebradas, e cousa singular ! esqueletos de aves e de animaes presos ás cordas dos laços e mundéos que estavam á roda da mysteriosa cabana ; e nada de sahida, de indicio de outro trilho, senão o grito que deu o meu pagem de se haver estrepado junto ao correjo visinho, onde a vegetação tinha encoberto uma antiga picada que me parecia descer.

No meio de tantas duvidas e dos perigos que avultavam na minha imagi-

nação, perseguido ainda pela humidade e pela fome, e pelos mosquitos, não sabia o que fazer.

Bebi agua, e tomei o supposto caminho, e não me enganei, porque mais adiante encontrei uma encruzilhada e uma preta velha com um caxo de bananas que passaram das suas espadoas para as nossas goelas, sem o menor processo das permutações humanas: offereci-lhe palavras que a não moveram, e vendo esgotados os unicos recursos do homem civilizado e sem dinheiro, tomei o papel dos conquistadores silenciosos, apoderei-me daquelle producto espontaneo da natureza, como um filho da mesma natureza e seu legitimo herdeiro na hora da fome, que é a hora das tempestades sociaes. A preta velha ficou pasma, a olhar para nós, e sumio-se como por encanto, não sei para onde, porque a minha alma e todos os meus sentidos internos e externos se convergiram nas bananas.

O dia começava a despedir-se do céu com aquelle brilho com que costuma depois de uma tormenta; cheguei ao cabeça de um monte, e de lá vi a villa de Iguassú em baixo, já envolvida naquelle vapor cinzento, que é um precursor do crepusculo da tarde; medi e collei com a vista todas as cançadas voltas do rio, já semi-empanadas de palludas cacimbas; vi as aguas de Nitherohy, e ao longe a cidade do Rio de Janeiro, a Snra. D. Guanabara com seu penacho de fumo culinario, e com seus barquinhos á roda do vestido.

Gostei, e achei bem pago o meu trabalho, e convenci-me de que ha males que vem para bem, mórmente quando o ventre acaba de guardar o fructo de uma bananeira, e que o estomago não sobe á boca para perguntar aos dentes se mastigam.

Nesta contemplação, e no acerto que fiz de uma casa lá ao longe, sentia uma certa satisfação, que, apesar de não ser completa, por não me achar nesse vago indefinito, onde a alma descança, repousando os olhos sobre um bom farnel bem succulento, comtudo, não deixava de sentir uma especie de beatificação; e se fosse poeta arrojado tinha panno para as mangas de uma tunica colossal, toda bordada metricamente, mas só com amores da natureza.

Esta especie de canto mudo, este concerto de calada harmonia, este silencio eloquente e grandioso, foi interrompido por outro canto de vozes femininas ao longe, e que me pareciam as de um côro sagrado, com suas pausas e *crescendos*!

O que será isto? E as vozes augmentavam cada vez mais, e mais perceptíveis se tornavam!

Será uma procissão de donzellas, ou o vento que me traz as vozes de algum canto vespertino de freiras ou recolhidas nesta altissima solidão? E as vozes augmentavam cada vez mais! Será resa em alguma fazenda? mas a hora não é propria; ou serão crianças, e muitas crianças, que brincam em

algun terreiro proximo e se exercitam ao mesmo tempo nestes córos sagrados ? E as vozes mais se aproximavam, e então se ouvia claramente a ladainha de todos os Santos !

As vozes pararam, e derepente se escurece o céu, e uma nuvem negra voa sobre nossas cabeças ; as vozes estalam no alto, e nos descobrem com assombro mais uma maravilha !

Era uma nuvem de papagaios que voava, e que era precedida por um, que entoava os versos do canto, e a quem os outros respondiam : *ORA PRO NOBIS !*

Tratei de indagar do caso, e soube então de que houvera naquelles lugares, perto da estrada do Commercio, uma antiga fazenda que fôra arrasada e incendiada pelos quilombolas, e que havia na casa um celebre papagaio que cantava a ladainha, e era tão amador do canto que sahia da gaiola e vinha postar-se no peitoril da varanda todos os sabbados para cantar com a gente da casa.

Está tudo demonstrado. Este papagaio, vendo-se só, fugio para o matto, e lá industriou os outros, que, igualmente amadores da ladainha, o elegeram por chefe, e assim viviam nessa vida beata e harmoniosa.

Mas, pelas contas que fiz da existencia dessa fazenda, e do acontecimento grave nella havido, tremi da minha supposição, pois já se tinham passado não menos do que setenta e tres janeiros, e não havia nos lugares visinhos uma só alma viva contemporanea ; e parece obvio que um tal passaro não poderia existir.

Mas um facto, que encontrei em Humboldt, que é homem sério, e dos viajantes que escrevem com a verdade na penna, soube de que os papagaios tem vida secular, pois elle encontrou um no Orienoco, que fallava uma lingua desconhecida, que não era mais entendida por tribu alguma daquelles lugares, e que os velhos suspeitavam ser a lingua de uma tribu extincta pela guerra, e da qual ainda se viam os esqueletos sentados n'uma caverna profunda, e pintados de urucú.

Bem dizia minha avó, mãe de meu tio : menino, ou gente, que se assemelha a papagaio, tem vida longa ; porque este bicho come muito e não embuxa.

Ora, para se ser feliz na terra é necessario duas condições : bom estomago e máu coração ; bom estomago porque nunca perde o apetite, e máu coração porque não sente as miserias dos outros.

Vamos á nossa tarefa ; vamos a mostrar que a Italia, a França, a Hespanha e a Allemanha, ainda não conhecem o que é a arte da pintura, e que os Chins estão acima de tudo quanto se pôde imaginar.

Os Panoramas, Neoramas e Dioramas, apresentam, é verdade, uma illusão completa, e tão completa que um dos brasileiros mais instruidos e talentosos que eu conheço, ao sair do Diorama de Mr. Daguerre, que representava as vistas do Monte Branco, da Floresta Negra, e o magico interior da igreja de Santo Estevão do Monte, em Paris, disse-me o seguinte, olhando para o movimento dos boulevards de Paris, e n'um dia em que o sol os animava de uma belleza encantadora: — Se neste momento viesse um homem teimar comigo de que tudo o que vejo não é real, mas sim pintado, eu não ousaria contradital-o á vista do que se passou em meus olhos no Diorama!

Ora, a illusão dos Panoramas, ou Neoramas, é devida a um artificio optico, apesar da magistral execução da pintura; e tenho para comigo, que não sou profissional, de que essas telas em ar pleno não hão de produzir a illusão pasmosa que causam, collocadas nas suas camaras, e circunscriptas por esse horisonte e quadro artificial, que tão habilmente combinado, nos faz vêr, não pintura, mas a natureza com todo o seu relevo, com toda a sua luz prodigiosa, e com todos os seus encantos.

Ouçamos meu tio, e juremos sobre as suas palavras, porque nunca foi político, não cabalou, e nem se apresentou candidato; e muito menos teve negocio, nem concertou relogios, nem vendeu remedios universaes.

— A nossa installação na famosa cidade de Pekim não foi de um prognostico muito agradável, porque dias antes tinha havido uma matança de christãos, por causa da sua tenacidade em quererem romper as ordens da autoridade policial, que lhes prohibia as procissões publicas, e um culto de imagens, vestidas exoticamente, que aos olhos dos Chinezes são a mesma cousa que aos nossos os seus idolos horriveis, e as suas historias da carochinha.

Como eramos mathematicos, e só tinhamos commercio com as incognitas, e com os planetas e as estrellas, os homens nos deixaram passar livremente, não sem mil e uma precauções, e estender as nossas camas na casa do sol, que é o seu observatorio.

Tudo o que escreveu um certo Paw é uma grande e successiva calumnia sobre a China, quanto á probidade chinesa, porque ali ella reina em maior escala, apesar de todas as subtilezas de uma antiga e muito espalhada civilisação, que excede á da Europa em muitos commodos e vantagens, e no que se chama progresso material.

As maravilhas que vi na minha viagem de Nankim a Pekim, já não tem comparação com o que narra o veridico e sempre estimavel viajante Fernão Mendes Pinto, pois que o tempo tambem é ouro para os Chins, assim como para os Ingleses, apesar destes lhe embutirem o verdadeiro opio, e for-

çarem, por amor da civilisação européa e do commercio, a que o governo consentisse, que seus subditos se embriaguem continuamente e encurtem a vida com a fumaça do napião, que faz vêr as estrellas, e as uriz de Mr. Mahometh.

Encarregado de educar o principe Kiang-Tou-Belin-cangó nos usos europeus, pois devia um dia ir verificar o itinerario de Tamerlão, tive immensas occasiões de admirar a sabedoria chinesa, e de vêr que a par das adulações e lisonjas, tão naturaes á especie humana, haviam cousas marcadas por lei, como que para contrabalançarem quotidianamente os desvios de uma nação, formada entre os perfumes enganadores da cõrte; haviam em todas as paredes dos quartos do principe, nas suas salas de recreio, nos lugares de seu repouso, sempre e em letras douradas, sentenças, baseadas em uma santa moral, e lembrando-lhe o nada de uma curta existencia, a sorte variavel do homem; e sobre tudo os seus deveres no cumprimento de uma missão tão pesada, como a que lhe confiára o céu por meio do seu alto nascimento.

Todos os principes devem saber a fundo uma arte mechanica, para della viverem dignamente, no caso de perderem a sua posição; e para que não desçam a mendigar, o que é um dos maiores crimes na China.

Era o tempo da caça, e fui com o meu celeste pupilo para uma grande quinta a quatro leguas de Pekim, chamada Lao-tin, ou morada das flores.

Aos principes só é permittido caçar de uma certa idade por diante, e em conformidade de um codigo antigo e respeitado, que para elles fôra decretado: até os vinte annos, passarinhos; dos vinte aos quarenta, passarinhos, se estão doentes, e toda a sorte de caça marcada no codigo, que especifica quaes são os animaes immundos, quaes os nobres, quaes os de mero recreio, e quaes os uteis, que são aquelles que passam das mãos do monteiro-mór para as unhas do cozinheiro.

O meu pupilo estava ainda nos paragraphos passarinheiros, mas já podia apanhar aves do Paraizo, que além de estimadas, são muito difficeis de pilhar. Parece que estas aves foram adquirindo pratica dos artificios e armas com que as guerreavam, porque raras vezes eram pilhadas; e andavam tão ariscas que vêr um chin era para ellas signal de vôo longinquo.

Tinham corrido alguns annos já, sem se poder pilhar uma só ave destas; e como o governo chinéz é um Argos, e não dorme, propoz um premio para quem descobrisse um novo meio de as apanhar facilmente, mas em segredo de estado, porque era destinado sómente para os principes.

Appareceu Tao-hi, primeiro pintor da academia pekinense, e apresentando uma caixa, que mais se parecia com um volume in-folio, disse, que trazia ali o meio mais seguro de apanhar toda a sorte de passarinhos, mas que só preparára desta vez o seu segredo para as aves do Paraizo.

COBÉ

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NATURAL DE ITABORAHY.

PERSONAGENS.

D. RODRIGO.

D. GIL DA CUNHA.

D. FIAS.

COBÉ.

BRANCA.

AGASSAMU'.

VALENTINA.

A scena se passa no Rio de Janeiro, nos primeiros tempos da epoca colonial.



I

A PRAGUEJADORA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa parte d'um quintal murado: no ultimo plano da esquerda uma porta; ao fundo corre o muro, que antes serve de defesa, que de embelezamento; no terceiro e quarto planos da direita a frente d'uma casa com patim, para onde se sobe por uma escada de madeira; por baixo do patim duas portas pequenas, que dão entrada para dous quartos.

COBÉ, (*que entra pelo portão*).

COBÉ.

A guerra é certa: os brancos já se crêem
Poucos para lutar com nossos bravos,
E aliados indigenas concitam.
E pois em quanto Nicteroy submissa
Tolera em suas praias seus tyranos,
Meus irmãos mais álem erguendo o collo
A patria vingam, ou por ella morrem.
Só Nicteroy se humilha!... e onde seus filhos?!
Nicteroy.... de tupan a mais querida,
Cuja fronte encantado o sol doirava,
E extremoso o oceano os pés lambia,
Ei-la enfim offendida, e não vingada.
E onde seus filhos?... longe.... echo sinistro.
Raiva impotente exhala vão bramido.
Desses nobres tamoyos, que altaneira
Nicteroy se ufanava, hoje só restam
Ante ella alguns, para vergonha sua,
Servindo escravos, e soffrendo a vida:
Escravos!!! sim: escravos: porque tremo?...
Tambem o sou: acaso me envergonha
A baixa condição?... porque a suporto?...
Esta cabeça altiva, que outro tempo
Se ornava d'um cocar, hoje se curva
A's ordens d'um senhor.... oh!... sou escravo!...
Soffro que minha mãi comigo arraste
Infame captiveiro; desmentindo
De minha tribu a fama, perco a estima
Dos meus, e me contemplo envilecido!..
Um remorso cruel me despedaça....
Ao livramento os hosques me convidam,
E eu não fujo... eu persisto, e lico escravo!

SCENA SEGUNDA.

COBÉ e VALENTINA (*que apparece no patim e de lá falla*).

VALENTINA.

Cobé!..

COBÉ (*voltando-se promptamente*).
Quem é?...

VALENTINA.

Estáes só?..

COBÉ.

Sim: que me queres? (*desce Valentina do patim*).

VALENTINA.

Em nome da senhora te procuro.

COBÉ (*estremecendo*).

De Branca....

VALENTINA.

Sim: escuta. Apenas saia
O senhor D. Rodrigo, e só estejas,
Acode a um signal meu; no parapeito
Do patim me verás, e ao leve aceno
D'um lenço branco, sóbe, que te esperam.

COBÉ.

Prompto serei.... Porém tanto mysterio!...

VALENTINA.

D. Branca precisa assas fallar-te
Em confidencia: muito has merecido,
Confiança lh'inspiras, e um serviço
Immenso hoje t'implora.

COBÉ.

Amim!... implora?...

Não sou escravo della?...

VALENTINA.

Não de escravo

Antes de amigo officios vai pedir-te. (*Vai-se*).

COBÉ (*acompanhado Valentina até o patim*).

Ou escravo, ou amigo hei de, servil-a..

SCENA TERCEIRA.

COBÉ.

Ah! que enfim uma vez Branca seus olhos
Baixou sobre Cobé! A estranha dita
Me desatina: o coração recebe
A feliz nova, como o antro escuro,
Onde primeira vez penetra amigo
Raio de sol brilhante! Oh! não!. mais nunca
De escravo a condição ha de pezar-me.
Ser escravo de Branca é gloria immensa,
E' mais que a liberdade; mas que é isto?..
Porque tanto me exalto?.. como pôde
A só idéa de acudir ás ordens
De Branca, assim de gosto inebriar-me?
Ah misero Cobé! debalde intentas
A ti mesmo encobrir o louco affecto;
Da verdade cruel a luz se expande
E brilha no teu seio: humilde escravo
Ousas erguer o coração tó ellal..
Pobre insensató, as mãos estás alçando
P'ra tocar n'um thesouro resguardado
Muito ácima de ti, onde não chegas!..
Essa mulher tão fraca e delicada,
Que seu corpo quebráras entre os dedos,
Com o volver de seus olhos te governa,
Dobra a tua vontade a um leve aceno,
E abafa tua honra, e tua raiva.
Louco infeliz! preparas um supplicio
Horriavel, que terás.... talvez bem cedo:
Um dia...oh!. tarde chegue esse máo dia,
Tu mesmo... com teus olhos... has de vel-a
Em festivo cortejo ser levada
Aos braços d'um esposo... sim... tu mesmo,
Tu, que d'ella és escravo, has de segui-la,
E testemunha ser das glorias d'outrem.
Agora... onves as frases, que a ternura
Ensina a esposa amante... logo apanhas
Um suspiro d'amor, que ao peito escapa

Do apaixonado esposo... as vezes chega
 A teus ouvidos o estalar dos beijos,
 Que elle da, que ella paga... (*cedendo a um movimento de ciúme*) Que! não hei de!..
 Cobé.. primeiro..(*serenando*) insano pensamento!..
 P'ra que criar tormentos no futuro?...
 Branca inda tão pura, ainda innocente,
 Não se lembra de amor, nem mesmo em sonhos.
 Não pertubemos pois com vãos temores
 De um mal vindouro do presente a dita:
 Cá de baixo e de longe erguendo os olhos
 Em segredo furtemo-nos de amal-a
 Sem pretensões.... sem fim... sem esperanças,
 Como aquelle que amasse a visão bella
 Em um sonho nascida, e evaporada.

SCENA QUARTA.

D. RODRIGO, e D. FUAS, (*que descem do patim:
 COBÉ um pouco ao fundo*).

D. RODRIGO—*mostrando Cobé.*—

Eil-o, Senhor D. Fuas, decidi-o:
 Ao serviço do rei eu vol-o cedo,
 Se elle nisso convir; que mais não posso;
 Pois prudente não é mandal-o á força
 E expor-nos á traição d'um máu soldado,
 Ou a vel-o fugir de nossas filas,
 E augmentar o poder dos inimigos (*voltando-se para
 Cobé.*)

Cobé, attento escuta o que te off'recem,
 E o que eu permitto, que offerecer-te venham.
 (*voltando-se para D. Fuas*)

Julgo util deixar-vos só com elle;
 Ouvil-o-eis mais franco em minha auzencia.

COBÉ (*seguiendo com os olhos a D. Rodrigo que sahe pelo
 portão.*)

Que quererão de mim estes senhores?...

SCENA QUINTA.

D. FUAS e COBÉ.

D. FUAS.

Sabes, Cobé, que eu sou dos portuguezes
Um daquelles que só para os combates
Guardo o furor, que opprime a raça tua?...

COBÉ.

Senhor, sei que sois bravo, e sois humano;
Que vos bateis valente em campo razo;
Mas não sabeis escravisar selvagens.
Que mais quereis?

D. FUAS.

Mais nada: isso me basta.

Eu lastimo, Cobé, fataes abusos,
Com que meus companheiros se desmandam;
Ouço, e me dóe da humanidade o grito.
Missão sagrada de salvar-vos todos
Aqui nos trouxe; um Deos de paz sómente
Pregar viemos, e ensinar virtudes;
Vil ambição porém alguns cegando
Lhes tem feito olvidar tão nobre empenho,
E vós tendes soffrido os seus rigores:
Com torpe escravidão vos desnaturam,
Ensinam-vos vinganças se vingando
Roubam-vos filhos, pais, irmãos, esposas,
E o desespero vos acendem n'alma.

COBÉ

E essa espada, senhor, que ao lado tendes,
Não treme na bainha, e não vos pede
Ūa mão, que a maneje, e puna aquelles,
Que assim nossos direitos atropelam?..
Do cavalleiro a espada ser devia
O appello da innocencia, e da virtude;
E que causa mais justa achar podieis,
Que essa, senhor, que é nossa e haveis pintado?..
Não lembrar a innocencia espinhada
Desculpa as vezes um fatal descuido;
Mas ver o crime, e não querer punil-o,
Crime é tambem!

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

D. FUAS.

Quando o direito assiste
De castigar, Cobé; e esse eu não tenho.
Vós outros nos desertos vos punieis
Sem juizes, sem leis, sem fundamentos;
O offendido matava; e essa vingança
Era entre vós a punição do crime.
Mas comnosco outro tanto não succede;
Temos um rei e chefes, que governam,
E aquem cumpre fazer geral justiça.

COBÉ.

E chama-se justiça, o que soffremos?!!!

D. FUAS.

Já confessei que abusos se praticam;
Só o poder do tempo ha de vencel-os.
No entanto a causa sancta, que abraçamos
Avante levaremos; para bem vosso
Acesa ficará no mundo novo
A luz, que amostra o Céu, e aqui plantada
Da redempção a cruz, a lei do Christo.

COBÉ.

E um Deus, que é só de paz, pregaes com a guerra?..
Crenças, senhor, o sangue não fecunda.

D. FUAS.

Mas quando a estupidez foge á verdade,
E' justiça obrigar a conhecê-la.
Querieis que depois de esforços tantos,
Olvidando as mais doces esperanças,
De novo atravessassemos o oceano,
Deixando-vos nas garras do peccado,
E a terra de Cabral immersa em trevas?...

COBÉ.

A terra de Cabral?!!!

D. FUAS.

Sim: que te espanta?...

COBÉ.

A terra de Cabral?!!! um navegante,
Que açoitado por fêra tempestade,
Como a esponja, que o mar arroja ás praias,
Involuntariamente a nós se chega,

Tem juz acaso a possessão alheia?...
 A terra era já nossa e o será sempre;
 Quem, e com que direito ousou doar-lha?!
 A terra é de quem nasce sobre a terra;
 O deserto é do tigre, e do selvagem;
 Vós outros que deixaes vossas cidades,
 Se inda á vossa ambição os câmpos faltam,
 Pedi.... nós vol-os damos.... sobras temos;
 Mas a terra, Senhor, não, não é vossa.

D. FUAS.

E's altivo, Cobé, e eu te agradeço;
 Fallas comigo com franqueza extrema,
 Prova de confiança em minha honra.

COBÉ.

Sois leal.... e eu tambem nada receio.

D. FUAS.

Ouve-me pois e cede ao meu empenho.
 Erguido aqui o altar da christandade,
 A todo o custo conserval-o é gloria.
 Com a palavra, ou com a espada nós juramos
 O evangelho espalhar; tão nobre jura
 Cumpriremos a risca; em quanto os vossos
 A guerra nos fizerem, terão guerra;
 E todos vós, Cobé, q nós unidos
 Marchando á luta p'ra qu' a paz se obtenha
 Serviços prestareis a Deus, e a patria.
 Tão cedo brilhe a paz em nossos campos,
 Que logo o raciocinio ha de seguil-a:
 Esse tempo será feliz para todos;
 Como nossos irmãos vos olharemos,
 O ultrage feito a vós nos será feito
 Tereis vossa defesa em nossa espada.

COBÉ.

Sempre vos tenho ouvido essa linguagem
 E sempre um desmentido nos espantal..
 Falha por velha e muito usada a astucia.
 Em apertado trance irmãos chamaeis-nos;
 Tudo nos prometteis; mas finda a luta,
 Como dantes nós somos ultrajados.

Que precisaes de mim, senhor, é claro;
P'raque rodeios tantos?... fallai franco:
Que me quereis?...

D. FUAS.

Desconfiança inspiro?...

Cobé, quando me viste perseguindo
Teus irmãos, ou por actos cavillosos
Desmentindo a nobreza, que em mim falla?..

COBÉ.

Que me quereis, senhor?..

D. FUAS.

Não me respondes?!!!

COBÉ.

Ja disse que sois nobre, e cavalheiro,
Que não vos semelhaes aos meus tyranos:
Baste-vos isso; e o que quereis?.. dizei-me.

D. FUAS.

Sei que te peja a condição de escravo;
Honra o teu brio o desprezar os ferros;
Apraz-me a gloria de poder quebral-os.

COBÉ.

Nome de escravo por querer tolero,
Não me atribula a condição por tanto.
Pensaes, senhor, que á força aqui persisto?...
Ah!... e os bosques?... e a natureza immensa?...
E essas nobres montanhas orgulhosas
Qu'inda de vossos pés virgens se applaudem?...
Qual de vós ousaria ir lá buscar-me
Se eu quizesse escapar de vossos ferros?
Com minha agilidade de Tamoyo,
Como uma setta foge do arco adunco
A vossos olhos rapido fugira;
Atravessando selvas e torrentes
O pincar da serra galgaria;
Então aos ramos d'arvore prendendo
A rêde leve do feliz selvagem,
Lá de cima... embalado pelos ventos
Pelo bramir do tigre festejado,
Sobre a minha cabeça o sol brilhando,

Vós outros pelas praias espalhados,
 Se podesseis, ver-me-íeis nobre, altivo,
 Orgulhoso no cume da montanha,
 Como se eu fôra o rei da natureza ;
 E vos-olhando, ao muito, eu julgaria
 Ver pelos valles rastejantes, vermes.
 Se eu quizesse fugir, e ser-vos cáro !...
 Pagar-vos uma á uma as horas todas
 De minha escravidão !... porém... eu beijo
 Os ferros de meus pulsos !... desgraçado
 De quem ousar quebrar estes meus ferros !...

D. FÚAS.

Mas eu não comprehendo . . .

COBÉ.

Amo o socego...

Cansa-me a lucta... apraz-me o captiveiro.

D. FÚAS.

E entanto era um appello a tua audacia,
 Convite ao teu valor, que ia fazer-te.
 Numerosos terriveis inimigos,
 Hordas inteiras de crúeis selvagens
 Se ajuntam de redor de S. Vicente,
 Como essas nuvens negras, que annunciam
 A tempestade prompta a desfeixar-se.
 Pedido auxilio de enviar se trata ;
 Poucos são os soldados, que dispomos,
 E no trance, em que agora nos achamos,
 Cumpre chamar indigenas amigos.
 Queres partir, Cobé, e ser dos nossos ?...
 Sagrada causa defender galhardo,
 A santa religião manter illesa,
 Ganhar timbres de gloria, e de nobreza ?...
 Eu em tua bravura assás confio,
 Sinto em teu peito o coração de um bravo :
 Serás meu irmão d'armas.

COBÉ.

Não pretendo

Encobrir-vos, senhor, meus sentimentos,
 Nem falso motivar a minha excusa.

Ouvireis a verdade toda inteira.
 Essas ferreas columnas, que se aprestam
 Contra os miseros filhos do deserto,
 Inscrevem nas bandeiras—Deus e Gloria;—
 Esse, é o mote que apparente mostram ;
 Mas, se os seus corações fallar podessem,
 Aberto o peito, a palpitante viscera
 Gritaria—ambição!... ouro!... riquezas!...
 Talvez que um só lá vá por nobre empenho;
 Esse sois vós ; mas nem por isso devo
 Para servir-vos esquecer meus brios.
 Que!... havia Cobé de unir-se aos vossos,
 Combater seus irmãos, e após sem pejo
 Vêl-os gemendo ao peso das cadêas,
 E ao grito d'um senhor curvando a fronte,
 Que jámais se dobrara aos inimigos?...
 Senhor Dom Fuas, sois fidalgo, e rico,
 Civilisado e nobre cavalheiro ;
 Eu sou apenas rustico selvagem ;
 Mas o dever de amar o patrio berço
 É igual p'ra o fidalgo, e p'ra o Tamoyo.
 Ide pois combater... gloria suppondes...
 Servis ao vosso rei nos debellando ;
 Dai porém, que Cobé fique inda escravo,
 Não chegue a ser traidor não vos seguindo,
 Possa em fim nos segredos de su'alma,
 Ao vosso proprio Deos... pedir constante
 A morte para vós... p'ra os meus victoria.

D. FUAS.

Cobé!...

COBÉ.

Podeis expôr, quanto vos-dice:
 Cedo o castigo seguirá meu crime ;
 Severa punição... talvez que a morte...
 Ah senhor! mas a morte é paz eterna,
 E o sangue derramar de irmãos e amigos,
 Erguer o braço contra o patrio solo,
 É infamia... é torpeza. . é vilani a

D. FUAS,

Decidido tens pois ?...

COBÉ.

Dice o que basta.

D. FUAS.

Não me segues, Cobé ?...

COBÉ.

Prefiro a morte.

D. FUAS. *(depois de observar, se estão a sós).*

Cumpriste o teu dever... silencio agora ;
O que entre nós passou seja um segredo,
P'ra que não punam o que em ti é crime,
E n'outro honra seria : a tua excusa
Saberei desculpar: em paz te fica:
Adeus...

COBÉ. *(suspendendo D. Fuas).*

Senhor... ouvi-me: o nobre sangue

Não gelará de pejo em vossas veias,
Se a pertardes a dextra d'um selvagem ?...

D. FUAS *(estendendo a mão e apertando
a de Cobé).*

A honra, e o valor irmana os bravos! *(vai-se
pelo portão).*

SCENA SEXTA.

COBÉ. *(depois d'um momento de silencio).*

No entanto a minha raça, audaz, briosa
Toda antiga nobreza inda conserva:
Nenhum de meus irmãos desmenté a gloria,
Só eu me abastardeio por cobarde.
Cobarde!... oh miseravel paixão minha,
Que abaixo de mim mesmo me collocas!...
Em quanto os meus briosos companheiros
Em defesa da patria a morte arrostram,
Eu indolente e vil, dormito escravo,
Ou deixo que minh'alma vá de rastros
De feminil vestido após a cauda.
Vejo em minha fraqueza enorme crime,
Devora-me incessante atroz remorso,

E persisto no crime, e na fraqueza!...
 Maldicto coração!... oh! sim, maldicto,
 Que pôde mais que a patria, e que a virtude.

SCENA SETIMA.

COBÉ E AGASSAMU' (que entra por uma das portas
 que ficam debaixo do patim).

AGASSAMU'.

A que horas... quando partes?...

COBÉ. (confuso).

Por piedade...

Deixa-me.... eu soffro... e muito...

AGASSAMU'.

Aqui ha peste,

E deshonra, que é mais; e lá te chamam

Teus irmãos, e a vingança!...

COBÉ.

Eu sei... mas basta.

AGASSAMU'.

Resistes inda, e de pudor não còras,

Quando de um filho tal já me envergonho? !!!

COBÉ.

Oh miseria!!!

AGASSAMU'.

Ficar aqui não deves.

A tua hesitação é vil delicto,

Que só prompta partida lavar pôde.

Dentro do seio meu não se gerara

Um vil traidor... tu és Tamoyo ainda.

Vai!... não te sigo; porque os pés me arrastam.

Pésa a velhice, e demorar-te havia:

Vai, que eu te espero! e um dia esta vergonha,

Que eu sinto ao te julgar desnaturado,

Verás como se troca em gloria extrema,

Quando victorioso me trouxeres

O craneo d'um dos perfidos imigos:

Dar-te-hei por esse craneo a benção minha!...

Vai!... a través de campos e devezas

Chega onde os nossos a atacar se aprestam;

Chega a tempo, Cobé, de entrar em lucta,

E sê bravo como eras; vil piedade

Longe seja de ti; cada um teu golpe
 Custe uma vida ás Portuguezas hostes.
 Quanto mais sangue derramar teu braço,
 Tanto mais grata me acharás tornando:
 Ou não volta, ou voltando traz-me um craneo;
 Vencido não te quero: ou vence, ou morre;
 Vail!!!...

COBÉ.

De que modo esconderei meu rosto ?!!!

AGASSAMU'.

Inda ousas demorar-te?...

COBÉ.

Impraticavel

É a fuga... de espias 'stou cercado...
 Se dou um passo p'ra fugir... me matam.

AGASSAMU'.

Morto assim te amarei; vivo te o deio!

COBÉ. (*apparece Valentina no patim*).

Mas de que vale perecer sem gloria?

AGASSAMU'.

Muito mais que viver aqui sem honra.

COBÉ. (*volta-se e vê Valentina*).

Oh! eil-a... é Valentina... em que momento!...

AGASSAMU'.

Vail...

COBÉ. (*Valentina faz o signal com o lenço*).

Oh! não posso!... (*aparte*) ella me acena!...

(*vai-se Valentina*)

Eu corro.

Aos pés de Branco!... (*querendo ir-se pelo patim*).

AGASSAMU'. (*com brado terrivel, que suspende*

Cobé, que tem um pe na escada).

Infame, pára!... (*Cobé fortemente*
abalado até o fim).

Outro, não tu, me illudirá fingindo:

Eu sei o que te prende e te envilece,

E se em mim não cahisse a tua infamia,

Insensivel te houvera abandonado.

Escravo! escravo! os olhos tens erguido

Até á filha do senhor que serves;

Ousas amar a filha de um fidalgo,
 E a seus pés tua honra sacrificas.
 • Pois bem; cede aos impulsos desse affecto:
 Fica! e consumma a obra da vergonha!
 Devorador remorso hade pungir-te;
 Em toda parte te acharás com elle,
 Como um espectro vingativo e fero.
 Bastardo vil da geração dos bravos,
 Fica, que os bravos córarão de olhar-te
 Vivo, e te negarão morto uma coval
 Fica, e prosegue em teu amor nefando,
 Que será esse amor o teu castigo!
 Possa Branca jámais lançar-te os olhos,
 Ou te olhe somente como escravo!...
 Possa amante feliz de Branca esposo
 Com a gloria sua envenenar teus dias!...
 Possa esse teu amor levar-te á morte!...
 Fica, sim, monstro espurio, eu te renego!...
 Olvida teus irmãos, infame, fica!...
 Fica! mas vive a vida dos infames!
 Fica! mas soffre a morte dos cobardes!...
 (*Cobé cahe sobre a escada do patim assentado*).

O PANNO DESCE.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II

A ESCOLHA DO CONFIDENTE.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

O theatro representa um gabinete: ao lado esquerdo uma porta que dá para fóra; ao fundo outra, que se abre para a camara de Branca; cadeiras, ao lado direito e para o fundo uma mesa alta e sobre ella um oratorio fechado.

BRANCA E VALENTINA.

BRANCA.

Como elle tarda!...

VALENTINA.

A mãe lhe embarga os passos.

BRANCA.

Conversemos... distrae-me, Valentina;
Não me deixes ainda... eu tenho medo
De ficar só... entregue-a um pensamento,
Que hoje me pésa... que eu não sei que seja...
Que não se explica... ou que talvez do espirito
Seja uma previsão!...

VALENTINA.

Porém... que causa?..

BRANCA.

Não sei: vem cá de dentro; não se explica.
Infeliz despertei... respiro oppressa,
Eis tudo o que concluo de mim mesma,

VALENTINA.

Em nossa vida temos já de sobra
Desgostos a provar; p'ra que dobral-os
Males sonhando no futuro incerto?..

BRANCA.

E' a proprio pezar que me entristeço:
A alma, Valentina, não se doma.
Quando lugubre scena ante nós temos,
Fechando os olhos della nos livramos,
Ou indulgentes pés longe nos levam;
Mas os quadros do espirito triumpham;
O cego os vê... não ha fuga possivel;
Na solidão... na festa... no banquete,

Ufano, o pensamento inabalavel
Firme... dentro de nós, como que brada:
« Sempre aqui !.. »

VALENTINA.

E assim; eu comprehendo;
Porém, Senhora, dae que eu vos confesse;
Nada vossos pezares justifica;
Antes tudo assignala a vossa dita,
De vosso natalicio hoje é o dia...

BRANCA.

Julgar uma ventura ter nascida,
E bendizer a dor e amar a morte.

VALENTINA.

Sóis moço...

BRANCA.

Fui criança, e ferrei velha;
O anjo do presente é destruido
Pelas sanções de um passado ameno,
E pelo medo de um futuro incerto.

VALENTINA.

Sóis bella...

BRANCA.

Não se o e inconscientemente!
Por que trago a mulher paga a belleza!
Quanto se por que a rosa se abre linda
Se julgam com direito de colhe-la"...
E contudo p'ra adoçar seu captivoita,
Pobre rosa escolheu mão que a colhesse!..

VALENTINA.

Bien e n'vros...

BRANCA.

São dons, oh Valentina,
Que dos endois dobram-nos o peso.

VALENTINA.

Que mulher bendizia então a vida"...
& desgracia seira partilha nossa!..

BRANCA.

& mulher, Valentina!.. vil-a n'õ manda,
Menins alegre, que se agrita e brinca.

Que se sorri, oh misera insensata,
Porque não pensa, ou crê no seu futuro;
Que de dia e de noite se está rindo;
De dia com as festivas companheiras,
E de noite com os sonhos de su'alma:
Riso... inda o riso... e os annos vão passando
Até que chega o instante inopinado
Da reflexão primeira duvidosa.
Dentro d'alma de subito se accende
Um desejo que mal se explica ainda;
Sentê-se um vacuo no virgineo seio...
Começa de fallar a natureza:
De dia... em vez de rir, se está pensando...
E nos sonhos da noite vê-se um homem;
Mas um homem porque, não se compr'ende!
Emfim, rasga-se a venda; eis que apparece
Ante a mulher o homem já sonhado,
Pr'a quem propende a chama do desejo,
Por quem do seio o vacuo se preenche.
Quem a ensinou a amar, que o sabe tanto?..
Oh! quem?.. se no principio inda ella mesma
Nãosabe que ama, e ama apaixonada?..
Ella ausente desse homem vel-o almeja;
Presente estando não se atreve a olhal-o;
A voz lhe falta, se fallar procura,
E aos olhos d'elle toda pejo córa.
Córa?.. por que?.. ha crime no que sente?..
Não: e filha de Deus a natureza,
Suas inspirações de Deus procedem:
Portanto nesse amor tudo é sagrado;
Da mulher a ventura d'elle pende;
Entre os dous corações erguer barreiras
E' votar ao martyrio uma innocente,
E encher o seu porvir de negras cores.
Pois é este o destino, Valentina,
Que quasi sempre a nós, miseras, cabe.
Precisas de um exemplo?.. eil-o a teus olhos
De meu amor ha muito a historia sabes!

VALENTINA,

Mas então vosso pai...

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

BRANCA.

Ainda ignora,
Por minha f'licidade este segredo.

VALENTINA.

Por tanto, vossa magoa é prematura.

BRANCA.

Eu já lamento um mal que é sem remedio.

VALENTINA.

Pênsaes que vosso pai...

BRANCA.

Tenho certeza
De que elle ha de ser surdo a meus gemidos.
Frio, austero como é, eu temo tudo,
E nem terei valor para queixar-me.

VALENTINA.

Agigantaes, Senhora, as vossas penas;
O Senhor Dom Rodrigo vos estima.

BRANCA.

Mais estima seus'til'los de nobreza;
E nunca quererá dar sua filha
Ao pobre Estacio, um simples cavalleiro.

VALENTINA.

De temer o futuro razão tendes;
Mas chorar o presente é pouco justo.
Dest' amor vosso pai nada suspeita;
Talvez que em vos casar nem mesmo pense...

BRANCA.

Já disse que a mim propria não me entendo.
Dentro do peito sinto um dessocego...
Por que não sei... procuro distrair-me,
E sem querer de novo me entristeço.
O que é isto?... talvez mysterio d'alma:
O coração às vezes presagia.
Pôde ser que eu presinta uma desgraça;
Ah! Valentina, o coração não mente.

VALENTINA.

Socegai-vos...

BRANCA.

Socego eu só teria,
 Se o meu Estacio ao pé de mim velasse.
 Quem me póde animar, se elle está longe?..
 Fraca, qual sou, careço de defesa,
 Preciso ter quem animo me inspire,
 E escude o meu amor: e elle está longe!..

VALENTINA.

Vossa carta fará que cedo volte.

BRANCA.

E quererá Cobé...

VALENTINA (*sentindo ruido*).Silencio.. (*vai observar e volta*) é elle.

BRANCA.

Vai-tê, e vê que meu pai nos não surprehenda.
 (*Sahe Valentina e entra Cobé*).

SCENA II.

BRANCA e COBÉ.

COBÉ (*aparte entrando*).

Que quererá dizer-me?.. estou confuso...
 Tremo... porque, não sei...

BRANCA.

Cobé!..

COBÉ.

A sua voz no coração me soa!.. *Senhora... (Aparte e commovido).*

BRANCA.

Chega-te mais... (*Aparte e vergonhosa*) Acanha-me este passo,
 Toda vacillo e tremo...

COBÉ.

As vossas ordens

Anhelo receber p'ra executar-as
 Em tudo.

BIBLIOTHECA GUANABARENSE.

BRANCA.

Em tudo?

COBÉ.

Exp'rimentaê, Senhora.

BRANCA.

Pois sim, Cobé, em ti bem merecida
 Confiança deponho, e vou provar-t'ó,
 Depositar preciso nõ teu seio
 Um segredo infeliz...

COBÉ.

Fallae sem medo:

Sei ouvir e calar; morro e não fallo.

BRANCA (*aparte*).

Ah! gela-me o pudor! animo e força
 Amor me empreste, ensine-me o que devo.

COBÉ (*Aparte observando Branca*).

Vacilla e treme!.. Por que hesita ella?..

BRANCA (*Depois de algum silencio entre os dous*)

Cobé, tens padecido?

COBÉ.

Inda padeço:

Meus desertos o fogo tem queimado;
 A minha terra vejo conquistada;
 Livres ares que flexas só fendiam,
 Hoje rasga o canhão dos Portuguezes,
 E meus pais, meus irmãos por toda parte
 Em fuga ou mortos, ou que é mais, escravos!...

BRANCA.

E tu tambem, Cobé, captivo choras...

COBÉ.

Não é de mim, Senhora, que eu vos fallo;
 Prefiro á liberdade estes meus ferros.

BRANCA.

E outro mal, fóra esses, não conheces?

COBÉ.

O mundo é cheio delles.

BRANCA.

E que julgas?

Qual será o mais fero d'entre tantos?

Qual o maior?

COBÉ (*depois de reflectir diz sentidamente*).

O amor sem esperançal...

BRANCA (*estupefacta*).

Cobé!...

COBÉ.

Sim... sim... o amor sem esperançal..

BRANCA (*com força e paixão*).

Oh! tens razão!.. é isso!..

COBÉ (*aparte*).

O que diz ella?

Acaso penetrou meu pensamento?..

Por ventura se dóe dos meus martyrios?..

BRANCA (*aparte*).

Meu Deus! sabe elle já de meu segredo?..

COBÉ (*aparte*).

Oh! quanto soffro!... mas que dôr tão doce!...

BRANCA (*com fogo, voltando-se para Cobé*).

Então tu comprehendes as torturas

Com que dous corações se despedaçam,

Quando em laços de amor querem ligar-se,

E um destino cruel quebra esses laços?..

COBÉ.

Oh! sim! eu comprehendo, eu vejo mesmo

Ali o desgraçado que a fortuna

Faz rastejar no pó, tendo azas n'alma,

Que quer voar ao sol, onde fulgura

O bem que adora, e que na terra prezo

Não lhe é dado sorver lume tão bello!..

BRANCA (*aparte*).

Leu na minh'alma!.. quem?.. quem lh'o diria?..

(Para Cobé).

E' isso!.. é isso!.. e a misera que ama,

Que maldiz a fortuna, que tão alta
 Sem consultal-a apoz... Cobé, concebes,
 Quanto ella soffre quando as mãos estende
 Para esse que lhe mostra um céu de flores
 Em seu valle de amor, e apalpa e toca
 Em barreira de ferro que levantam
 Entre elle e ella,.. entre o desejo e a gloria?..

COBÉ.

E o desgraçado? ... pesaes bem; Senhora,
 Seus martyrios crueis?.. Ao desgraçado
 O amor é um flagello, e a vida um peso!
 A mulher que idolatra, é seu tormento;
 Junto della só bebe atro veneno;
 E o infeliz de continuo a está seguindo
 Por toda parte, e em toda parte esbarra
 Com a dita alheia e a miseria propria!..
 Ah! Senhora, quando elle apenas ousa
 Erguer timido olhar, sorrindo n'alma,
 Aos pés do caro objecto, mil mancebos,
 Tão altos como ella, vê que a cercam
 E lhe off'recem de amor ternos protestos,
 Que vêm soar do misero aos ouvidos.
 No saráu a mão delles toca a della,
 Seus vestidos se roçam, se confunde
 O ar, que elles respiram, ledos brincam...
 Gracejam... mutuamente trocam risos...
 Ah! não, Senhora, não! ninguem compr'ende
 O que se soffre então, sem ter soffrido
 Tambem martyrio igual: dentro do peito
 O pobre coração quasi que estala!
 Tudo é negro na vida; o dia... a noite
 Tem o mesmo tormento á toda a hora.
 Se no leito, um instante, em fugaz sonho
 Elle consegue o que acordado almeja,
 E um acaso feliz lhe off'rece a posse
 Da mulher que idolatra, a mão terrivel
 De um genio malfeitor vem sacudil-o,
 Acordal-o e ferir brado sinistro
 Que no futuro echôa: « nunca!.. nunca!..

Impossivell! Oh nunca!.. » e o seu sonho
 Em funesto pezar prompto se torna.
 De dia, se elle a segue, se atormenta:
 Cada encanto que vê é novo golpe,
 Pois vê o que ama e o que gozar não póde;
 Se lhe foge, suspira longe della,
 Quer distrair-se, e em seu amor só cuida.
 Oh! e jamais, Senhora, uma esperança;
 Na solidão, n'um ermo, em toda parte
 Esse praguento brado vem soar-lhe;
 Não ha silencio... não... em toda parte
 O destino lhe diz: « nunca! impossivell!.. »
 Ninguem falla, Senhora, e o miserando
 Ouve sempre o clamor do desengano!!!

BRANCA.

Cobé, tu amas?...

COBÉ.

Eu?... oh?... não... não amo.

BRANCA.

Só pinta assim amor quem o tem n'alma.

COBÉ.

Ah! Senhora!...

BRANCA.

Tu soffres como eu soffro...

Tambem amas, Cobé!...

COBÉ.

Pois sim... eu amo!...

Porém vós não sabeis como é que ferve
 Abrazada paixão no seio ardente
 Do filho das florestas: o selvagem
 E' o homem do amor e da vingança!
 Livre, forte, sem rei, sem leis, sem medo,
 Mal sente algum desejo, o braço é prompto
 Em preparar-lhe o gozo: os obstaculos
 Servem somente de atçar-lhe a flamma.
 Duas grandes paixões só nelle podem,
 Paixões que nutre, que os avós lhe ensinam,
 Por virtudes as tem, nunca as esquece,

Ninguém ha de extinguil-as. A vingança,
 Uma dellas, Senhora, inapagavel
 Dentro do coração se aninha e guarda,
 A's vezes dura o tempo de uma vida.
 E' a outra o amor: sentindo a chamma
 Que nelle o affecto de improviso accende,
 Aos pés d'aquella que o venceu se prostra
 O extremoso selvagem; só por ella
 Respira, vive e applaude a natureza.
 A adoração, que a um Deos só pertencia,
 Elle a essa mulher tributa ardente:
 A mulher é seu Deus! antes de amal-a
 Era seu coração de affeições baldó,
 Escura... horrivel noite; amiga lua
 E' esse amor que lhe dissipa as trevas.
 Ah! e quando, Senhora! iniqua sorte
 Entre elle e seu amor cava um abysmo;
 Quando esse fogo faz-se tão violento,
 Que abraza o seio, que envenena o sangue;
 Quando elle affeito a não domar desejos,
 Deseja emfim de balde e nada espera,
 O que resta ao selvagem se lhe arrancam
 Seu Deus e seu amor?.. o que lhe resta?..
 Senhora, não sabeis?.. resta a vingança!..

BRANCA.

Infeliz!.. e roubaram-te quem amas,
 Ou della te arrancaram?..

COBÉ.

Que!.. eu amo?..

Quem dice que eu amava?

BRANCA.

Quem? tu mesmo.

COBÉ (*com inesperado fogo*).

E' certo, ouvi: com esse amor de chammass,
 Com esse amor agreste e desabrido,
 Que nos ermos accende a natureza,
 Eu me abraço, Senhora; por quem amo
 Não ha... não ha perigo que me espante,

Sacrificio não ha a que eu recue.
 A mulher que idolatro me enlouquece;
 Ella é o astro que brilha p'ra os meus dias,
 Ar que nutre de minha vida a flamma,
 Pomba que doma e senhorêa um tigre.
 Quando seus olhos para mim se volvem,
 Meu furor de selvagem desaparece;
 Se escuto a sua voz, todo me abalo,
 Qual por doce harmonia arrebatado.
 Oh! Senhora, em silencio a um tempo immenso,
 Hoje emfim vós tocaes nesta ferida...
 Insensato escutei vossas palavras...
 Perdi-me... e pois... (*suspendendo-se*) vós ides talvez rir-vos...
 Ah! não!.. não vos riaes!.. ouvi-me... eu amo!.. (*suspendendo-se*
e diz com sigio)
 Cobé... que ias dizer?.. oh! desditoso!... (*a Branca com frieza*).
 Mandastes-me chamar, obediente
 Qual vosso escravo sou, corro a servir-vos;
 Que me ordenaes, Senhora?

BRANCA.

Tal mudança

De repente, Cobé!..

COBÉ.

Esquecei tudo:

Dice loucuras, olvidal-as cumpre;
 Fallei de mais: vós só fallar devieis.
 O que mandaes?

BRANCA.

Oh! Céos!...

COBÉ.

Em vosso escravo

Podeis fiar-vos.

BRANCA.

Sim, Cobé, eu fallo.

Tu que amas serás piedoso ao menos;
 De nós se dóe quem soffre o que soffiremos;
 Porque... Cobé... eu tambem amo...

Cobé (*interrompendo-a rapidamente*).

Amas!...

BRANCA.

Meu coração ha muito tempo escravo
 Tem sabido occultar seus sentimentos;
 Mas hoje enfim preciso confessal-os.

COBÉ (*com força*).

Ah! vós amaes?.. e a quem?..

BRANCA.

Cobé, tu tremes?..

COBÉ (*procurando em vão socegar*).

Não é nada... Dizieis...

BRANCA (*muito vergonhosa*).

Ternos laços

A Estacio me prendem...

COBÉ (*quasi suffocado*).

Que!...

BRANCA.

Não falles...

Deixa que de uma vez eu diga tudo.

COBÉ (*com desespero*).

Quereis então lançar mortal veneno
 No meu seio, e fazer-me o confidente
 Desse amor!...

BRANCA.

E que a prol delle te empenhes,
 Pois muito podes...

COBÉ (*rapido*).

Nada posso!... eu vejo
 Somente o inferno aos olhos meus se abrindo!...

BRANCA.

Ah! por que te exasperas? ouve ao menos:
 Vão partir esta noite alguns soccorros
 P'ra São Vicente; ha falta de guerreiros,
 E indigenas fieis são convidados:
 E's meu escravo, eu dou-te a liberdade;
 A São Vicente vai; lá está quem amo;
 A Estacio falla apenas desembarques;

Diz-lhe por mim o que eu dizer pudera;
 E mais ainda; diz-lhe que eu receio
 Muito por este amor que ambos juramos;
 Que a minh'alma presente uma desgraça;
 Dom Gil da Cunha minha mão pretende,
 E eu temo que meu pai lhe apoie o intento;
 Que cedo volte, pois anciosa o espero;
 Que venha p'ra salvar-me, e que não tarde.
 Eis quanto de ti quero, e o que te peço.
 Então, Cobé, que dizes? tu vacilas?..

COBÉ.

Sabeis o que pedis e a quem, Senhora?!..

BRANCA.

Eu o sei... porém dou-te a liberdade.

COBÉ (*aparte*).

Como o dia p'ra mim mudou-se em trevas!..
 Até o proprio amor de um pobre escravo
 Passa despercebido, e ninguem nota!..
 Póde elle amar um seculo... que importa?..
 Quem repara no vérme que rasteja?!!!

BRANCA (*como rogando*).

Cobé!.. Cobé!..

COBÉ.

Senhora... não... não posso!..

Ouvi.. vós não deveis.. um crime.. (*aparte*) ah! louco,
 Nem sei que digol.. (*a Branca*) sim.. talvez suspeitem..
 Descubram tudo.. ficarei perdido.. (*crecendo em força*).
 E por quem?.. por Estacio?.. Ama-vos elle?..
 Com que amor?.. Ah! Senhora, esses extremos
 Dos cavalleiros brancos são fingidos;
 Não tem da natureza o fogo ardente;
 Vossa civ'lisação o amor transmuda,
 Altera o sentimento... apaga a flamma...
 Vós não sabeis amar!.. mentis mil vezes!!!

BRANCA (*com tom de reprehensão*).

Cobé!..

COBÉ.

Perdão.. estás vendo que eu desvaireo...
 Insanias aventureo...

BRANCA (*com dôr*).

Desgraçadal..

COBÉ (*aparte*).

Quem mais soffre sou eu, e ella não pensa!!!

BRANCA.

E então... o que te peço?..

COBÉ:

Um impossivel!!!

Isso não... tudo mais... a minha vida

Prompto vos dou; mas cooperar p'ra ver-vos

Nos braços de outro homem... Que!.. oh! nunca!..

BRANCA.

Oh! céo! homem cruel, o que te importa

O amor de Branca?..

COBÉ.

O que?.. o que me importa?..

Pensa (*aparte*) que indifferente possa vel-a

Feliz junto de um outro que a idolatra,

Que terá sua mão presa entre as delle...

E ha de beijal-a... oh!... perco-me se fico...

Devo sahir... (*fazendo um movimento para sahir;*
entra Valentino).

SCENA III.

BRANCA, COBÉ e VALENTINA (*apressada*).

VALENTINA.

Senhora!..

BRANCA (*correndo para Valentina*).

Valentina!..

VALENTINA.

Vosso pai a fallar-vos se encaminha.

BRANCA (*assustada*).

Meu Deus!.. (*a Cobé*)... sahil..

VALENTINA.

E' tarde; elle o veria,

Eo por que estava aqui saber quizera.

COBÉ.

33

COBÉ *(calmo)*.

E eu não diria.

BRANCA.

E então?..

VALENTINA.

Cumprê occultal-o.

BRANCA.

Onde?..

VALENTINA *(apontando para o quarto de Branca)*.

Depressa... aqui...

BRANCA *(como querendo oppor-se)*.

Céos! no meu quarto!...

VALENTINA.

Por um momento só: Cobé, silencio!...

COBÉ *(suspirando entra no quarto)*.

No seu quarto!!!

BRANCA *(a Valentina)*.

Tu não me desempares. *(procura socegar)*.

SCENA IV.

BRANCA, VALENTINA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO *(a Valentina)*.

Retira-te... *(retira-se Valentina)*.

BRANCA.

Meu Deus!..

SCENA V.

BRANCA e D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Ouve-me, Branca,

Serio dever ao pé de ti me chama.

Vejo que os annos rapidos se volvem,

E é tempo de cumprir missão sagrada,
 Que a natureza, que te fez, te incumbe.
 Talvez que ha muito o coração te pede
 O esposo que feliz deve tornar-te;
 Como pai desvelado não me esqueço
 Do que convém de minha filha á dita.
 Esposo te escolhi, e posso dar-me
 Os parabens do noivo que te off'reço;
 Como somos, é nobre, honrado e rico:
 Nobre, o nome não póde marear-nos;
 Honrado, a estima publica merece;
 Rico, póde fazer que a vida passes
 No seio de prazeres e venturas.
 Das nupcias o altar se accende em breve,
 De tal saber julguei que estimarias,
 Como pai amoroso vim dizer-t'o
 E portanto dispõe-te p'ra bem cedo
 Seguir o esposo que te o céu destina:
 Seu nome o coração já te adivinha,
 E' D. Gil.

BRANCA (*a parte*).

Oh! meu Deus!..

D. RODRIGO.

Muito não tarda,
 Que ordens de um pai cumprindo, vás seguil-o.
 Esta noite a teus annos dedicado
 Um saráu te preparo; no fim delle
 Publicada será a feliz nova
 De teu consorcio; e presto o casamento
 Seguirá a noticia venturosa.
 Dispoe-te pois: eis tudo o que me cumpre
 Dizer-te como pai; em paz te fica. (*Querendo ir-se*)

BRANCA (*suspendendo-se e cahindo-lhe aos pés*)

Meu pai!.. meu pai!..

D. RODRIGO.

Que é isto?.. o que me queres?..

BRANCA.

Não me lanceis, Senhor, de vós p'ra longe
 Tão cedo... inda sou moça... inda não quero
 Ligar-me a um homem que meu pai não seja.
 Ouvi-me: eu ficarei mais alguns annos,
 Ou, se quizerdes, minha vida inteira
 Ao pé de vós! Senhor, sou vossa filha,
 Quem, melhor do que eu, póde sensivel
 Zelar cuidosa vossos velhos annos?..
 Não é assim?.. eu ficarei com vosco...
 Vós vos arrimareis sobre os meus hombros
 Passeando... De tarde no meu collo
 Pousareis a cabeça enbranquecida;
 A' noite minhas mãos hão de aquecer-vos
 Os pés, e eu viverei para servir-vos
 Como filha que sou, ou como escrava;
 Mas casar-me, Senhor, ah! não; piedade!...

D. RODRIGO (*erguendo-a*).

Ergue-te, Branca, e respeitosa cuida
 Em cumprir minhas ordens.

BRANCA.

Pai!..

D. RODRIGO (*interrompendo-a*)

Silencio.

Não me devo abaixar a ir ver a causa
 De tão inesperada repugnancia.
 Não quero conhecê-la: sim, quem sabe
 Se pudera depois chamar-te filha,
 Ou se de castigar-te não teria?..
 Desprezo a causa como as preces tuas;
 Contenta-me mandar que me obedeaças.

BRANCA.

Infeliz!...

D. RODRIGO.

Não serei um pai tão fraco
 Que esqueça meus direitos, p'ra dobrar-me
 Ao que me diz avoz da inexperiencia.

Devem os nobres dar exemplo ao povo,
Devem aos pais obedecer os filhos.
Dom Gil é já teu noivo, e dentro em pouco
Teu marido será, assim t'o ordeno. (*Vai-se.*)

SCENA VI.

BRANCA (*exasperada*).

BRANCA.

Dom Gil da Cunha!.. oh! Deus!.. que sacrificio!..
Eu mulher de Dom Gil ?!! (*lança-se ao oratorio, abre-o
e cahe de joelhos.*)

SCENA VII.

BRANCA e COBÉ (*pallido e combatido por diversos
affectos*).

COBÉ.

Nunca!.. isso, nunca!..

Vós mulher de D. Gil, Senhora, oh! nunca!..

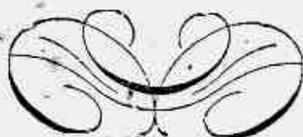
BRANCA (*sem reparar em Cobé*)

Meu Deus!.. meu Deus!.. valei-me neste transe!..

COBÉ (*estendendo o braço sobre a cabeça de Branca e
para o lado do oratorio*)

Juro por vosso Deus, que hei de salvar-vos!..

O PANNO DESCE.



III

O SARAU.

ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

A mesma decoração do 1.º acto. É noite: luzes por toda parte: o quintal está illuminado; ha saráu na casa de D. Rodrigo.

D. RODRIGO E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL.

E ouvistes, Senhor, minha sentença?

D. RODRIGO.

Tua sentença só de mim pendia.
De minha filha prescrever a sorte
Como pae, era um jus do céo provindo:
De um tal direito prescindir não devo;
E Branca é fida á educação que ha tido,
Póde só desejar o que eu lhe ordeno,
E eu só lhe ordeno o que o dever me inspira.
Quando mesmo de moça um devaneio
Podesse a hesitação lançar-lhe n'alma,
A voz de um pae a hesitação vencera,
E soubera abafar paixão mesquinha,
Dando victoria de fidalga aos brios.

D. GIL.

A vossa austeridade ha muito admiro:
Nome, que avós sem mancha vos legaram,
Mais nobre ainda o legareis aos filhos.
Inda antes de vos vêr vos respeitava,
De vós tão alto me bradava a fama,
Junto de vós, Senhor, dobrei respeitos;
E quando me accendi de amor por Branca,
Nos sonhos doces de um consorcio honroso
Ignoro o que mais em mim podia,
Se a posse della e da paixão o enlevo,
Se de chamar-vos pae a gloria immensa.
Hoje porém, Senhor, que sinto prestes
A dita peregrina, que almejava,
Começo a reccar tanta fortuna;

E amando mais que muito vossa filha,
Temo a seus olhos parecer tyranno.

D. RODRIGO.

Que generoso sejas não me espanta,
Grandes virtudes são dos grandes nomes,
E um nobre sangue não desmente a origem;
Mas não vejo razão p'ra que estremeças.
Se ha só nobreza d'alma no que sentes,
Honras assim de cavalleiro os brios;
Se de Branca porém ousas sómente
Menos firmes suppôr proximas juras,
O pae offendes offendendo a filha,
E assás me vingo te quebrando os laços.
Livre és ainda.

D. GIL.

Mal me comp'rendentes:

Sei respeitar de Dom Rodrigo a filha.
Porém sabeis tambem que ou... devaneio,
(Foi a palavra de que ha pouco usastes),
Ou natural pendor d'alma sensível
Fez, e muito não ha, que Branca ingenua
Entre todos Estacio distinguisse:
Nada houve ahi que desdourasse Branca;
Foi simples distincção... trato mais terno...
Meigo olhar sem querer... mas isto sobra,
Senhor, ao pae prudente e desvelado,
E áquelle a quem o amor torna zeloso.
A esforços meus (confesso esta fraqueza,
Vós, que o passo approvastes, perdoae-a),
Estacio, em commissão longe mandado,
Deixou-me em paz vencer o meu ciume:
Hoje, Senhor, vossa bondade extrema
Julgou que eu merecia a mão de Branca;
Mas no instante em que vou minha chamal-a,
Reccio, outra vez digo, em vez de esposo,
Amante e amado, ser verdugo impio!

D. RODRIGO.

A simples distincção que inda recordas
Foi um sonho, D. Gil, da mocidade:

Quem sonha dorme, e no dormir não pecca.
 Se ao Branca despertar, lanço-lhe em rosto
 O esquecimento da mais nobre stirpe,
 Ou vê-a-hás corar, ou não mais hade
 Chamar-me pae, D. Gil, mal não fizeste
 Em desviar Estacio; mas embora
 Aqui ficasse, o mesmo succedêra.
 Tu lhe poupaste a dôr de vêr a amada
 (Se os olhos se atreveu a erguer para ella)
 Passar aos braços d'outro. Lamentemos
 Esse misero Estacio; é cavalleiro
 Fido e valente... mas não é fidalgo.

D. GIL.

É comtudo orgulhoso como um nobre!

D. RODRIGO.

Na sua espada tem o seu orgulho:
 Razão lhe sobra, confessar devemos.
 Entre as boas espadas Portuguezas
 Conta-se a delle: feitos de bravura
 Lhe apontam muitos; nunca sangue inutil
 Derramado; tão bravo como humano
 O julgam todos... mas não é fidalgo.

D. GIL.

Que se contente pois com seu renome,
 É misturar ousado não pretenda
 O sangue de vilão com nobre sangue.

D. RODRIGO.

Vamos, D. Gil, como offendido fallas;
 Mas se elle ousou nutrir a idéa altiva,
 Vingança não pequena ambos tomamos
 De prompto a ti se unindo minha filha.

D. GIL.

Por tão doce união todo me abalo,
 Nem misturo a vingança em meus anhelos.

D. RODRIGO.

Pois bem, D. Gil, ao terminar da festa
 A inesperada nova publicamos,
 E amanhã, ante Deos, Branca te entrego.

D. GIL.

Ah! meu pae!

D. RODRIGO.

Por demais nos demoramos

Esquecendo os amigos que cuidadosos

Certo já nos procuram. D. Gil, creio

Os teus receios vão ter dissipado.

Subamos pois, tornemos para a sala.

D. GIL (*retirando-se D. Rodrigo para na porta de Cobé,
e convida D. Gil a subir antes d'elle*).

Lá tenho o coração, feliz vos sigo.

D. RODRIGO (*chama e apparece Cobé á porta*).

Cobé! não te descuides, vae, observa

Se acaso em algum ponto as luzes faltam;

Quero que nesta noite tudo brilhe

Como no seio meu luz a ventura. (*Vae-se pelo patim*).

SCENA II.

Cobé (*pensativo*). |

Cobé.

« Fica!.. mas vive a vida dos infames!

« Fica!.. mas soffre a morte dos cobardes!.. »

Minha mãe razão teve: hei merecido

A formidavel praga! Envileci-me

Em torpe captiveiro: o nobre manto

Dos caciques, meu arco poderoso,

Minha tacape, que invejavam tantos

Ao vêr-lhe as marcas de inimigo sangue,

Tudo esqueci na escravidão maldita!...

Bravo guerreiro, uma mulher venceu-me!...

Sou como um tigre atado ao debil tronco

De um arbusto florido!... E qual meu premio?..

Amei essa mulher, como a tapira

Os filhos seus estima; de seus olhos

No fogo ardia, e os olhos seus buscava,

Qual nas chammas se arroja a negra serpe:

E o que lucrei? Oh! mais do que o desprezo!...

O meu amor por baixo de seus olhos

Passou por treloucado impercebido!...
 Quem crêr podia que um escravo amasse?!
 Do escravo ao muito faz-se um mensageiro
 De amor mysterioso; e essa fidalga
 Julgou talvez que já de mais fazia
 O papel me off'recendo insultuoso
 De mensageiro vil... a mim, que a amava!
 É a praga fatal que se realisa:
 « Fica!.. mas vive a vida dos infames!.. » (*momentos de silencio*)
 Inda posso salvar-me... o que me prende?..
 Oh!.. não terei a morte dos cobardes!..
 Fugir-lhe vou... de seu desprezo horrivel
 D. Gil da Cunha deixo p'ra vingar-me.
 D. Gil! D. Gil da Cunha!.. em meus furores
 Tinha jurado devorar-te a carne:
 Tu te fizeste o caçador de escravos,
 Me prendeste em teus laços, e de rastos
 A' praça me trouxeste e me vendeste!..
 Teu sangue á minha raiva era preciso!..
 Pois bem, D. Gil, agora eu te perdôo;
 Sem o pensar minha vingança forjas:
 Arrasta a nova escrava aos teus altares;
 Da-lhe o teu nome, infama a vida sua
 Solidaria fazendo-a de teus crimes:
 Sim! consinto... triumpho... ao leito a guia...
 Seja tua... tu vingas-me (*com terrivel prazer*) como é doce
 Que ella soffra tambem os meus tormentos!... (*mudando de tom*)
 Mas que penso?.. é possivel tanto olvido?..
 Pelo Deus dos Christãos jurei salvá-la...
 Não devo deshonnar meus juramentos. (*com força*)
 Não será de D. Gil!.. (*em outro tom*) mas será d'outro!..
 Hei de eu portanto assim sacrificar-me
 Por gloria alheia?.. oh! não! não sendo minha
 Que importa de quem seja?.. talvez mesmo
 Fosse o Deus dos Christãos que me mostrasse
 O desprezo de Branca, p'ra punir-me
 De esquecer minha terra e a liberdade.
 Selvagem sou!.. não devo amar fidalgas!
 Partirei pois; e aquelles que cá ficam,
 Aquelles que á fidalgas amar pôdem,

Se Branca o merecer, pugnem por Branca.
(*Vae-se pelo portão*).

SCENA III.

D. GIL DA CUNHA E D. FUAS.

D. GIL.

Então nem mais uma hora?

D. FUAS.

Não; não posso;

Já de tanta demora me crimino.

Antes que ás nossas festas, nos devemos
Ao rei e á patria. Esperam-me os soldados,
Devo ir dispôr a proxima partida.

D. GIL.

Pois bem, D. Fuas, um momento apenas...
Quero fallar-te.

D. FUAS.

Falla.

D. GIL.

Porque causa,

Quando todos me cercam lisongeiros,
E parabens me chovem, tu me foges
Sendo de todos meu mais velho amigo?..
Pesa-te a dita que a gozar me apresso?..

D. FUAS.

D. Gil!..

D. GIL.

Quero que falles.

D. FUAS.

Não insistas.

D. GIL.

Tenho o direito de exigir franqueza.

D. FUAS.

Pois que o exiges, abro-te a minh'alma,
Vejo no teu consorcio um sacrificio
Imposto á mais modesta e nobre virgem;

E me resinto ao vêr que um cavalleiro
Opprime uma mulher.

D. GIL.

D. Fuas... pensas l..

D. FUAS.

Sei e sabes tambem que a tua noiva
Não te ama e não póde nunca amar-te :
Sabemos todos que encantou-a Estacio :
E tu te abaixas a roubar-lhe a amada.

D. GIL.

E não vês que esse amor insulta os nobres?
Devemos consentir que se misture
O sangue de vilões com o de fidalgos?..
Meu D. Fuas, a causa é de nós todos ;
E este hymenêo, que faz minha ventura,
Equivale tambem a uma vingança.

D. FUAS.

Com a espada é que se vingam cavalleiros :
Exemplos taes nos deram Portuguezes
De quem provimos ; e olvidar-lhe a deixa
Será bastardear-nos por fraqueza.

D. GIL.

Julgas-me fraco, ou queres offender-me?..

D. FUAS.

Dice o que penso, a consciencia falla ;
Nem tu tens o direito de aggravar-te.
Teu hymenêo é hollocausto impuro,
E tua noiva a victima arrastada.
No futuro cruel, que te preparas,
Não poderás queixar-te do destino.
Vás unir-te á mulher que te não ama,
Que ha muito o coração votára a outro ;
Rompês os laços de fieis amantes,
Que, hoje apartados, por se vêr suspiram,
E que talvez distancia superando
Se correspondem por secretos meios.
Vê bem o que semeas, e adivinha
O triste fructo que colher procuras.
Como amigo fallei : faze o que deves. (*Vae-se pelo portão*).

SCENA IV.

D. GIL DA CUNHA (*pensativo*).

D. GIL.

« Que, hoje apartados, por se vèr suspiram,
 « E que, talvez distancia superando,
 « Se correspondem por secretos meios !... »
 Quem pudera aclarar o pensamento
 Occulto nestas phrases ?.. será crível
 Que, a despeito de minha vigilancia,
 Branca e Estacio se escrevam mutuamente ?..
 Oh ! que duvida horrível !.. Quanto eu dera
 Por saber a verdade... Mas quem chega ? (*apparece Cobé*).
 Cobé (*reflecte e diz*), vêm cá.

SCENA V.

D. GIL DA CUNHA E COBÉ.

COBÉ (*aparte e com rancor*).

O caçador de escravos !...

D. GIL (*aparte*).

Sobra o ardil em todos os selvagens.
 Talvez este... não perco exp'imentando.

COBÉ (*aparte*).

Vejo sempre a traição naquelle rosto !..

D. GIL.

Cobé, eu te buscava : antes que a noite
 Siga o dia outra vez, serei esposo
 De Branca : a tua sorte é presa á della,
 E como escravo seu virás servir-me.
 Dá-te pois parabens, porque te estimo ;
 Tu me serás fiel e dedicado,
 E em troco has de sentir como eu sou grato.
 Estás contente ?..

COBÉ.

Escuto-vos : ávante,
 Que mais do que isso pretendeis dizer-me.

D. GIL.

Pois que pareces entrever minh'alma,
 Ouve tudo. Quem ama não socega,
 Arde-lhe sempre o coração em zêlos.
 Agora mesmo que a ventura em risos,
 Parece-me saudar, dentro em meu peito
 Tenho um tormento horrível: sei que outr'ora...
 Alguem ousou erguer olhos de amante
 Sobre aquella que adoro... eu soffro... e temo...
 Receio mesmo que inda inexperiente
 Branca alguma esperança alimentasse...
 Dessipa minhas duvidas se podes:
 Moras aqui; daqui jámais te apartas;
 Podes ter descoberto algum segredo...
 Falla... confia em mim... dize o que sabes.

COBÉ.

Nada sei.

D. GIL.

Nem suspeitas?..

COBÉ.

Nem suspeito.

D. GIL.

E se eu te propuzesse que vigilante...
 Dia e noite velasses espiando...

COBÉ (*interrompendo-o com voz terrível*).

Seu espia!!!..

D. GIL.

Receias?..

COBÉ (*dolorosamente*).

Praga horrível...

« Fica! mas vive a vida dos infames!.. »

D. GIL.

Então?...

COBÉ.

Vós insultaes minha miseria!..

Sou escravo... inda o sou... mas não cobarde.

D. GIL.

Tu me deves, Cobé, mais do que a vida.
 Foste um pobre infiel que dos desertos

E do crime arranquei p'ra Deos mostrar-lhe.
O que eras tu nos bosques?..

COBÉ.

Homem livre

D. GIL.

Tão livre como as feras; como as feras
De sangue e carne humana te fartando;
Não conhecendo Deos, nem leis, nem honra.
Tu deves bemdizer a mão piedosa
Que te arrancou das trevas e dos crimes.

COBÉ (*contendo-se á força*).

Senhor... poupae-me!...

D. GIL.

Que dizer podias?

COBÉ.

Que o bem maior que aspiro é só a morte;
E quem despreza a vida é mais que bravo...
Nada recceia... e ousa até...

D. GIL (*com tom de ameaça*).

Repara!..

COBÉ (*não podendo mais contêr-se*).

Sim! reparo que todos me escarnecem!
Que sobre me lançarem duros ferros
Querem que eu beije a mão que ousou forjál-os...
Que bem-diga essa mão, que me deshonra!..
Bem dizel-a!! Senhor, misero escravo...
Ergo os olhos a vós talvez a medo;
Porém se livre um dia... bem-dizel-a?!!!...
Mordel-a, sim! e como o cão raivoso,
Ou como a anta que espedaça a victima!
Oh!.. que piedade é essa que vos guia?..
O serviço de Deos?.. Deos quer acaso
Que em grilhões os seus filhos se debatam?..
Offende ao pae quem lhe escravisa os filhos,
Vós a Deos offendeis... irmãos chamaes-nos?..
Féroz hypocrisia!.. irmãos aquelles
A quem roubaes a patria, os filhos, tudo,

Lançando fogo ás placidas aldéas ?..
 Irmãos !.. irmãos aquelles que em algemas
 A's praças arrastaes, e em hasta pondeos
 Como fardos á venda ?.. irmãos... oh! nunca !
 Quando mesmo quizesseis não queria
 Chamar irmãos tyranpos que me opprimem,

D. GIL.

Miseravel!..

COBÉ.

A vida assás me pésa,
 Já vos disse uma vez e vos repito ;
 Qualquer que seja o meio me contenta
 P'ra fazer que m'a tirem.

D. GIL.

Não te afflijas,
 Talvez que o desespero t'ó ministre :
 Jámais me esquecerei dos teus furores,
 E amanhã... tu serás dos meus escravos.

(Vae-se pelo patim).

SCENA IV.

COBÉ.

Seu escravo? Cobé escravo delle ?..
 Amanhã ha de rir-se no meu resto,
 Vêr-me em pé... respeitoso... de olhos baixos
 Ouvindo, humilde, injurioso escarneo?...
 Oh! Gil da Cunha a confiança é cega ;
 O dia de manhã ninguem conhece :
 Quem sabe se um de nós amanhã morre?...
 Amanhã!.. esta phrase é prova certa
 De nosso orgulho vão; homem vaidoso,
 Que hoje levantas insolente a fronte,
 Amanhã por teu rosto o vérme passa,
 E o vil adúlador que hoje te incensa
 Amanhã cuspirá no teu cadaver!..
 Amanhã!.. amanhã!.. D. Gil da Cunha!
 O dia de amanhã saudemos ambos *(suspendendo-se, ouvindo um canto).*

SCENA VII.

COBÉ E AGASSAMU' (que ouvindo o canto vêm collocar-se ao lado de Cobé).

BRANCA (cantand o dentro).

Pobre Tamoyo captivo
 Joven fidalga adorou,
 Sua paixão extremosa
 Com façanhas illustrou.
 Era bello, forte e bravo,
 Mas era tambem escravo.

AGASSAMU'.

Ouves o canto seu?..

COBÉ.

Ouçõ: silencio.

BRANCA.

Pobre Tamoyo captivo
 Que adoras com tal primor,
 Está mui alta quem amas,
 Lá não chega o teu amor,
 Tu és bello, forte e bravo,
 Mas ai que és tambem escravo.

AGASSAMU'.

Ouves o canto seu?

COBÉ.

Ouçõ: silencio!

BRANCA.

Pobre Tamoyo captivo
 Foge para a solidão,
 Se não queres vêr o escarneo
 Pagar a tua paixão.
 Não és nem forte, nem bravo,
 Porque soffres ser escravo. (Termina o canto: applausos).

AGASSAMU'.

Ouviste o canto seu?

COBÉ (com muito fogo até o fim).

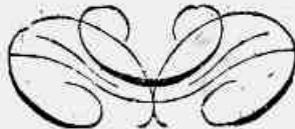
Sim!.. e dou graças

Ao poder dessa voz harmoniosa,
 Que o encanto desfez que me prendia.
 Por minhas véas corre o sangue em chammas;

Dentro em meu coração sôa, retine
 Da inubia a voz guerreira : eia!.. a meus bosques!..
 Vou quebrar os grilhões que me deshonram,
 Vingar-me dos tyrannos que nos pisam!..
 Eis-me livre!.. sou livre!.. emfim, sou livre!..
 Já portanto sou bello, forte e bravo;
 Minha paixão não mais tolera o escarneo.
 Onde está meu cocar? onde essas pennas
 Sobre as quaes namorado o sol brilhava?
 Onde estão minhas flexas? que é do arco?
 Que é da tacape minha? é tempo! devo
 P'ra o festim da vingança preparar-me!..
 Eis-me outra vez no empenho dos combates
 Em cada setta a morte despedindo!..
 A mim! a mim, Tamoyos denodados!..
 Carregae sobre os perfidos imigos!..
 Zombemos do trovão!.. menos que a morte
 É elle, e um só de nós morte não teme!..
 Eil-os que fogem!.. carregae... matac-os!..
 Tingi de rubro sangue os nossos rios!..
 Sim!.. victoria!.. vencemos!.. salve amigos!..
 Salve!.. o triumpho é nosso! .ávantel ávantel!..
 Sim! victoria!.. victoria!.. e a liberdade!..

O PANNÓ DESCE.

FIM DO TERCEIRO ACTO.



IV

O ANJO DA MORTE.

ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa a mesma decoração do acto 1.º Rompe o dia : Branca se acha adormecida em um banco de reiva. Tem terminado o saráu,

BRANCA E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL (*considerando Branca*).

Do saráu á fadiga o somno aeode.
Dorme tranquilla ; mas no seu semblante
Vê-se a melancolia derramada.
Minha ventura faz o seu tormento!
Oh ! barbara mulher, tu me desprezas ;
Louco te adoro, e o meu amor insultas :
Pois bem, apesar teu vás pertencer-me.
Já que não posso ser esposo amado,
Serei senhor ao menos ! Dorme, Branca,
Dorme tranquilla ainda, que hoje mesmo
Ao meu destino presa, escrava humilde
Vêr-te-ei a meus pés ajoelhada
Pedindo compaixão... Mas que?... vacila...
Sonha...

BRANCA (*sonhando*)

Dom Gil...

D. GIL.

Comigo ?!!!

BRANCA (*sonhando ainda*)

Desposada...

Eil-o... mas não... o outro... meu Estacio...
Sou tua...

D. GIL.

O coração lhe falla em sonhos !.. (*momento de silencio*)
Portanto ella é fiel ao seu amado ;
E amanhã minha esposa ante os altares.
Pureza exterior embora ostente,

Dentro do coração ser-me-á traidora.
 Por um desconhecido aventureiro
 Despreza extremos de um fidalgo illustre.
 Tenho por meu rival quem me não vale ;
 E se eu triumpho aos pés do sacerdote
 N'alma daquella ingrata elle triumphá.
 Miseravel!.. se acaso da vingança
 Soasse a hora p'ra mim... como eu soubera
 Aproveitar-me della!.. acceso em odio,
 (Sou capaz de o fazer ; sôe essa hora!)
 Acceso em odio lhe rasgára o peito ;
 E o moribundo vira como pesam
 No rosto de um vilão pés de um fidalgo ;
 Depois p'ra refinar minha vingança
 O seu cadaver arrastando eu mesmo
 A Branca o levaria e lhe bradára : (*bradando*)
 Eis aqui meu rival ! vêde-o, matei-o!..
 E então...

BRANCA (*dispertando assustada*).

Ah!...

D. GIL.

Perdão...

BRANCA.

Senhor... (*atirando-se no banco*) meu sonho!..

D. GIL.

Que franqueza cruel!.. então sonháveis?..

BRANCA (*erguendo-se diz tristemente*).

Sim, sonhava.

D. GIL.

E esse sonho?..

BRANCA.

Arcano é d'alma.

O meu sonho? ah! senhor, foi simplesmente

Uma dessas mentiras deleitosas

Mil vezes mil mais doces que a verdade.

D. GIL.

E é no entanto um segredo?

BRANCA.

Oh! sim, sagrado!..

Uma doce visão que teve a um tempo
 Na minh'alma seu berço e sepultura.
 Um sonho não se explica: é sacrilegio
 Do pensamento revelar mysterios.

D. GIL.

Senhora, e se eu dissesse o que sonhaveis?..

BRANCA.

Só se os labios trahiram a minha alma.

D. GIL.

Portanto corareis?..

BRANCA.

Corar de um sonho!..

D. GIL.

Quando em desperto por demais se finge,
 Vém no somno a verdade á flôr dos labios.

BRANCA.

E quem finge acordada?..

D. GIL.

Vós, senhora.

BRANCA.

Nada finge, senhor, quem nada explica,
 Quando muito o silencio é só fraqueza.

D. GIL.

Isso quer pois dizer...

BRANCA.

Que ao pai obedeço.

D. GIL.

Ah! senhora, apagaes tão sem piedade
 A debil chamma de uma rara esperança?..

BRANCA.

Senhor, senhor, em mim é que se apaga
 Da mais doce esperança a luz fagueira.

Pois bem : tudo me ordena a pôr á mostra
 Meu coração e o que nelle se passa.
 D'alma ao segredo foi traidor o somno ;
 Vós mesmo descerrastes os meus labios ;
 E inda mais... dentro em pouco serei vossa,
 Justo é que conheçaes quem vai seguir-vos,
 Senhor, ao despertar-me a juventude
 Sentí de amor o fogo arder-me toda :
 Amei... qual sabe amar coração virgem ,
 Fui amada, senhor, com fogo ardente .
 Moça, e portanto cheia de esperanças,
 Julguei que Deos amor abençoava,
 Que o futuro delicias me offrecia.
 E o terno amor no coração guardado
 Foi sempre o meu thesouro bem querido.
 De dia, se eu pensava, era por elle ;
 De noite me inspirava meigos sonhos,
 E ia no coração sempre crescendo,
 Como uma flôr... oh ! sim ! a minha rosa !..
 Elle era a minha rosa !.. os seus perfumes,
 Senhor, no coração se me entranharam,
 E pois da rosa o aromã hade haver nelle
 Sempre... apezar de tudo : em seu começo
 Quicá tão triste amor vencer podesse ;
 Agora não, é tarde, eu sou captiva...
 Presa tenho a minh'alma, e até confesso
 Que amo, que beijo meus queridos ferros.
 Eis o que eu sou... eis o que eu sinto e penso.
 Senhor Dom Gil, não posso nunca amar-vos ;
 Em respeito a meu pai seguir-vos heide,
 Vossa escrava serei, não vossa esposa.

D. GIL.

Foi um sonho esse amor, cumpre esquecel-o.
 Nobres costumes que acatar devemos
 De Estacio com um abysmo vos separam :
 Simples plebêo, de vós é menos digno,
 E a vossos pés um cavalleiro existe.
 O amor, de que fallaes, tambem se doma ;

Quando se quer, á força da vontade
Póde, senhora, o coração dobrar-se.

BRANCA.

Talvez se dobre o coração dos homens,
O da mulher, senhor, ou tarde ou nunca.
Tem na alma a mulher de amor o throno,
E ama só uma vez porque bem ama.

D. GIL.

Entretanto, senhora, ha de o futuro
Desmentir previsões que vos affligem.
Vossa franqueza admiro, e, se é possível,
Por ella mais vos amo e vos respeito.
Quem tão firme guardou a fé de amante
Guardará fé de esposa inda mais firme.

BRANCA.

Isso é assim : serei fiel escrava,
Servirei meu senhor com zêlo e honra.

D. GIL.

E eu á força de extremos me prometto
Vencendo tão cruel indifferença,
Valer, se não amor, estima ao menos.
Quanto em tão nova, agreste e pobre terra
Póde ao desejo succeder o gozo,
Vós o tereis a esforços meus subidos.
Não posso, não, vencer a paixão minha,
Ceder-vos crime fôra imperdoavel.

BRANCA (*exaltando-se*)

E o que se chamará lograr-me á força?..
Aproveitar-se de um respeito immenso
Que ao pai tributo, para possuir-me?..
Vosso amor quereis vêr alimentado
Com o pranto de meus olhos?.. é ventura,
E' gloria para vós vêr magôas, dôres,
Ir quem amaes matando pouco a pouco?...
Amor isso chamaes?.. amor é nobre,
E' grande e generoso! em seus extremos

Sabe mll vezes, sim, sacrificar-se ;
 Porém sacrificar... nunca !

D. GIL.

Senhora !..

BRANCA (*com muito fogo*).

Vós por mim só sentis paixão mesquinha !..
 Sereis o meu verdugo ! eternamente
 Verei em vós sómente o meu tyranno.
 Oh ! que aspiraes ?.. o meu amor ?.. ao menos
 A minha estima ?.. haveis ambos perdido.
 Eu vos detesto... sim!.. (*mudando de tom*) mas eu desvairo!.. (*cur-*
 Ah ! perdão, meu senhor, eis-me curvada... *vando-se*
 Esquecei a expressão dos meus delirios.
 Vós sois bom ; vós deveis ser generoso ;
 A vosso lado estou vendo uma espada,
 Nobre signal que um cavalleiro indica ;
 Condoei-vos de mim !.. hão de pagar-vos
 Na terra a consciencia, e Deos lá em cima.
 Condoei-vos de mim !.. dó vos mereço...
 Ide a meu pai, fallai-lhe com prudencia ;
 Com qualquer evasiva desligae-vos
 Das pretensões fataes... eu não sou digna
 De trazer vosso nome... amo já outro,
 E um nobre e generoso cavalleiro...

D. GIL (*interrompendo-a*).

Basta, senhora ! erguei-vos ; por mais tempo
 Não abuseis da minha paciencia.
 Em tudo que dizeis vejo um insulto ;
 E desde hoje deveis respeitar-me.

BRANCA.

Já desde hoje, senhor ?!!! oh ! que futuro !..

D. GIL.

Nada sei... nada tenho com vossa alma ;
 Pertence a Deos ; e os vossos vãos segredos,
 Guardae-os para vós, se amor lhes tendes,
 Que de mim só desprezo valer pôdem.
 Minha esposa sereis, e o que haveis dito

Só devieis dizer a Dom Rodrigo.
 Romanesca qual sois e fida amante,
 Porque ás ordens de um pai sois tão submissa,
 Ou porque não fugis p'ra o vosso amado?...

BRANCA.

Porque o mundo está hi sobre as mulheres!
 Porque a moral está qui e a obediencia!
 Porque Deos e a virtude m'o prohibem.

D. GIL.

Pois então, sêde em tudo conseqüente,
 E em nada desmenti tão bons principios.
 Sois minha desposada, e o dever manda
 Respeitar quem bem cêdo ha de orgulhoso
 Cobrir-vos com seu nome e defender-vos.
 Hoje vos aconselho; mas não tarde
 Poderei exigir quanto vos digo.
 Ficae, sêde prudente e menos féra,
 Que eu saberei tornar-vos venturosa.

(Vae-se pelo portão).

SCENA II.

BRANCA.

Sem querer escutei minha sentença!..
 E agora então dobrei os meus martyrios;
 Abri minh'alma aos olhos de um tyranno,
 E dentro em pouco aos olhos seus tremendo
 Hei de curvar-me como pobre escrava (*Momento de silencio*).
 Oh! Estacio, tão longe tu não sabes
 O que eu soffro, e é por ti que estou soffrendo:
 E um dia has de accusar-me de inconstante;
 E um dia has de bradar: « perjura! falsa!
 Mulher emfim!.. ou, pelo menos, fraca! »
 Perjura... falsa não; fôra calunnia;
 Fraca sim, tens razão, fraca, cobarde,
 Que amo uma vida de pezares cheia:
 Fraca, que não triumpho do destino,
 Que a leis de ferro facil me submetto!..

Fraca, que p'ra viver de amor me esqueço,
 E aos braços de Dom Gil vou entregar-me.
 Oh! fraca! fraca!.. Não, eu me levanto: *(Isto depois de repectir
 Entre a vida e a desgraça existe a morte. com força).*
 Agassamú!.. *corre á porta de Agassamú e bate).*

AGASSAMU' *(falla de dentro).*

Quem me procura?

BRANCA.

Escuta.

(Apparece Agassamú, Branca trava-lhe da mão e tral-a á scena).

SCENA III.

BRANCA E AGASSAMU'.

BRANCA *(rapidamente).*

Vêm cá, escuta: eu sei que me detestas,
 Que o odio que te inspiram Portuguezes
 Também em mim recabe. Não me interrompas...
 Mal não te quero; serve-me o teu odio
 Agora ao menos: dize, quanto deras
 Para um branco matar?..

AGASSAMU'.

Não te percebo.

BRANCA.

Desconfias de mim? ouve: eu sou rica,
 Dom Rodrigo outro filho jámais teve,
 Morre-lhe o nome se eu morrer sem prole;
 Demais, quem me matar a muitos fere,
 A um noivo, que me impõe, veste de lucto,
 Mata quiçá um homem que me adora;
 Vê pois a quantos toca a minha vida:
 E tu és para mim o anjo da morte,
 Agassamú!..

AGASSAMU' *(aparte).*

Pretende ella illudir-me?.. *(a Branca)*
 Porque intentas morrer?..

BRANCA.

Porque me forçam
A um consorcio que odeio.

AGASSAMU'.

Então que queres?

BRANCA.

Hervas mil venenosas tu conheces;
De alguma o succo prompta morte offrece;
Dá-me uma gotta do licor sinistro.

AGASSAMU' (*aparte*).

Que fareil.. se me illude!..

BRANCA.

Oh! por piedade!..
Eu não te peço a vida, e o tempo insta;
Em breve sou a esposa de um tyranno,
E quizera votar-lhe o meu cadaver.

AGASSAMU'.

Desejas pois morrer?..

BRANCA.

Sim.

AGASSAMU'.

Não me enganas?..

BRANCA.

Não.

AGASSAMU'.

Jura por teu Deos!

BRANCA.

Juro por elle.

AGASSAMU'.

Bem; que morte preferes?

BRANCA.

A mais prompta.

AGASSAMU'.

Basta uma gotta de um licor que tenho.

BRANCA (*tirando um anel do dedo*).

Basta uma gotta?.. então este anel serve.

AGASSAMU' (*examinando o anel*).

Sim, aqui dentro conterà bastante.

BRANCA.

Oh! presente de amor! quem se lembrara

Que me serias conductor da morte?..

Basta, toma o anel e vêm depressa. (*Dá o anel*).

AGASSAMU'.

Volto em breve. (*Entra no quarto*).

SCENA IV.

BRANCA.

Seu odio em mim se vingá;

Detesta a minha raça e me detesta;

Porém sua vingança me é propicia.

Vou ficar superior ao meu martyrio,

E quando me guiar ao altar quizerem

Só poderão levar o meu cadaver.

SCENA V.

BRANCA E AGASSAMU'.

AGASSAMU' (*mostrando o anel*).

Eil-o.

BRANCA (*recebendo o anel*).

Bem: e é veneno, que não falha?

AGASSAMU'.

Sobra para apagar-te a debil vida.

BRANCA (*pensativa e triste*).

E a morte é dolorosa?..

AGASSAMU'.

O que te importa?

A quem despreza a vida a dôr é nulla. (*Apparece Cobé á porta de seu quarto*).

BRANCA.

Obrigada. Eis-me livre!.. (*Vae-se pelo patim*).

AGASSAMU'.

Eis-me vingada.

SCENA VI.

AGASSAMU' E COBÉ.

COBÉ (*olhando para o patim e com voz grave*).

Que vai naquelle anel?..

AGASSAMU'.

Cobé! meu filho!

Prompto enfim para fuga te apresentas?..

Graças!..

COBÉ.

Sim; estou prompto, e apenas sôem
 Os bellicos tambores que annunciem
 A partida dos nossos inimigos,
 Da confusão geral me aproveitando
 Prompto me entranharei pelas florestas:
 Furto-me á vista de crueis tyrannos,
 Vou longe preparar minha vingança:
 Quebro esse encanto poderoso e forte
 De uma mulher que amei. Que hoje abomino!.. (*dizendo como
 á força*)
 Que vai naquelle anel!.. (*Mudando logo de tom e como perseguido
 por uma idéa*).

AGASSAMU' (*sem attender-lhe á pergunta*).

Foge e te vinga!

Vai: dize a meus irmãos que, velha e fraca,
 Não te acompanho porque marcho a custo;
 Mas aqui fico, e vélo p'ra vingal-os;
 Se forças já não tenho, sóbra a astucia (*com tom sinistro*)
 E vestirei de negro os Portuguezes.

COBÉ (*vivamente e estremecendo*).

Que vai naquelle anel?..

AGASSAMU'.

Tremes?..

COBÉ (*querendo disfarçar a perturbação*).

Não tremo;

Sabes que meu amor tornou-se em odio;

Mas quero saber tudo.

AGASSAMU'.

Em poucas horas

Branca e D. Gil em doce nó se apertam...

COBÉ (*interrompendo-a furioso*).

Oh! perfida!.. nem o amante lembra ao menos!..

AGASSAMU'.

Lembra-o de mais...

COBÉ (*rapido*).

E então?..

AGASSAMU'.

Vota-se á morte:

E essa morte, Cobé, vinga a nós todos.

COBÉ (*terrivel*).

Que vai pois nesse anel?..

AGASSAMU'.

Mortal veneno.

COBÉ (*com grito de dôr immensa*).

Branca!!!

AGASSAMU'.

Inda a lembrás?..

COBÉ.

Branca!!!

AGASSAMU'.

Miseravel!..

COBÉ.

Oh! hade assim morrer uma innocente

Porque se vê no mundo abandonada?!!!

Onde estão esses nobres Portuguezes,
 Que não vêm defender tanta virtude?!
 Cavalleiros, a causa é da belleza,
 Qual de vós é por Branca?.. será crível
 Que uma mulher assim se desampare?.. (*suffocando-se em soluços*)
 Oh! Branca!.. infeliz Branca!..

AGASSAMU'.

Vil escravo!..

COBÉ (*com vehemencia*).

Perpetraste nefando horrivel crime!..
 Só corações selvagens como os nossos,
 Duros como as mais negras penedias,
 A belleza e a virtude não respeitam.
 O raio ardente poupa a flôr do valle,
 E devora o madeiro da montanha;
 O tigre o touro investe, e a pomba deixa,
 E o selvagem no entanto nem perdôa
 A misera mulher!.. oh! Branca! Branca!

AGASSAMU'.

Insensato! recorda os que te esperam;
 Vai, e deixa que morra uma inimiga.

COBÉ (*decidido e forte*).

Não! não deve morrer; prometto, juro!..
 Não se ha de consummar tão feio crime.
 Já de muito votei-lhe a minha vida;
 Se um abysmo a separa da ventura,
 Sobre o abysmo se estenda o meu cadaver,
 E por cima passe ella salva e livre.
 Entre Branca e Dom Gil Cobé se mostre!
 Seja embora depois de Estacio esposa,
 Não! não deve morrer! (*com ternura*) oh! tão formosa,
 Deve viver p'ra embellezar a terra!..
 Oh! Branca! oh! cara Branca! o vosso escravo
 Sua fidelidade não desmente:
 Já não vos peço amor... sei que o não valho...
 Sei bem que o não mereço... eu já sei tudo!..

Mas ao menos deixae que eu vá de rojo
 Seguindo os vossos pés, que vos defenda,
 Como um cão vigilante, que espedace
 Quem ousar contra vós! oh! Branca!.. (*ouve-se o toque de tambores*).

AGASSAMU'.

Ouviste?

Eis o signal... é tempo!...

COBÉ.

Não! não parto:

Eu fico p'ra salvá-a. Mãe tyranna,
 Não! não hasde insultar o seu cadaver!..
 Eu vou buscá-a!.. eu vou!.. o anel sinistro
 Heide arrancar-lhe á força: se é preciso,
 Para arredar de Branca a desventura,
 De vida um sacrificio, a minha vida
 Há muito é della!.. morrerei contente
 Por Branca! Nada mais me embarga os passos,
 Nada póde mudar meu nobre intento.
 Não parto, não; eu fico, e para sempre!..
 Esqueço patria, irmãos, vingança e tudo!
 Pertença á Branca, e vou morrer por ella!!! (*corre pela escada
 do patim*).

AGASSAMU' (*furiosa*).

Fica! mas vive a vida dos infames!..
 Fica! mas soffre a morte dos covardes!...

O PANNO DESCE.

FIM DO QUARTO ACTO,



V

COBÉ POR BRANCA.

ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

O theatro representa a mesma decoraçãõ do acto segundó.

BRANCA.

Pouco falta... ao soar a hora solemne
Virão embalde procurar a noiva.
No emtanto não será grande a mudança ;
Haverá um cortejo em todo caso ;
Em todo o caso a Igreja lá me espera ;
Terei sempre uma benção : simplesmente
Em vez de nupcial será funérea.
Pouco falta... mas ah ! que é bem terrivel
Morrer assim com o desespero n'alma,
Quando a vida podia inda encantar-me!..
Mas tambem condemnar-me a um sacrificio
Abominavel!... não ! prefiro a morte!
Este vago terror que ella nos causa
Certo é sem fundamento : um leve sopro
Que apaga debil chamma, eis o que é ella.
Porque temel-a?.. a dôr pertence á vida.
Estou resignada, e não me assusto (*Momento de silencio*).
Oh ! minha mãe!.. naquelle bello tempo,
Em que com vossos beijos me embalaveis,
Não podieis pensar que um tal destino
Coubesse á vossa tão querida filha!..
Se por ventura póde a vossa sombra
Invisivel vagar... (*Mudando de idéa*). Que pensamento!..
Se a despeito da morte a alma viesse
Assentar-se no lamulo do corpo,
E daquelles que em vida conhecera
Voasse em torno... oh ! céos ! se não é sonho!..
Eu... a minha alma, todo amor ainda,
Voára a vigiar junto de Estacio,
E o pranto de saudade, que lhe visse
Por Branca, pagaria lhe inspirando
Meigos sonhos, mais puros que os da terra,
Todos cheios de amor celeste e santo.

SCENA II.

BRANCA E COBÉ.

COBÉ (*examinando Branca com os olhos*).

Emfim!...

BRANCA (*admirada*).

Cobé!..

COBÉ (*respirando e aparte*).

Está bem; é tempo ainda;
Em seu rosto não ha signaes de morte,
Posso salvar-a.

BRANCA.

Que imprevista causa
Te traz a este lugar?..

COBÉ.

Missão sagrada
A vossos pés conduz o vosso escravo.

BRANCA.

Que queres pois de mim?.. falla e depressa;
Não sobra o tempo... eu sei porque não sobra.

COBÉ.

Tambem o sei, por isso aqui me tendes. (*Aparte vendo o anel*),
Eis o anel assassino no seu dedo!..

BRANCA.

Que sabes pois?...

COBÉ (*depois de reflectir um momento*).

Agassamú não pôde
De seu filho esconder fatal segredo.
Quereis morrer, senhora?!

BRANCA (*dolorosamente*).

Ah! fui trahida!...

COBÉ.

Morrer!.. morrer tão bella, e quando a vida
 Tão feliz para vós correr pudéra!..
 Que intento é esse?.. o que vos acobarda?..
 Só desculpar se deve o desespero,
 Quando da salvação todos os meios
 Se empregaram debalde; e vós, senhora,
 Recursos tendes que lembrar-vos cumpre.

BRANCA:

Que recursos?..

COBÉ.

Cobé é vosso escravo,
 Em corpo e alma todo vos pertence;
 Fallae e será prompta a obediencia.

BRANCA.

Nada podes por mim.

COBÉ.

Por vós, senhora,
 Cobé ousará tudo, e nada teme,
 Menos vêr-vos morrer. Se ha neste mundo
 Um homem que atrevido vos offenda,
 Dizei seu nome, que sereis vingada.
 Se em summa o sacrificio de uma vida
 P'ra vossa f'licidade é necessario,
 Fallae... e a vida de Cobé se apaga;
 Porém morrerdes vós... oh! não! não posso;
 Isso não soffro eu.

BRANCA.

Nobre Tamoyo,
 Tanta dedicação eu te agradeço;
 Mas tarde vens, e para o mal que eu tenho
 O remedio propicio é só a morte.
 Tu que amas, Cobé, podes julgar-me;
 Dize, se algum poder que respeitasses,
 Contra o qual não podesses levantar-te,

Erguesse uma barreira entre tu'alma
E a alma de quem amas, que farias?

COBÉ.

Com meu braço a barreira destruiria.

BRANCA.

Que! tua dextra contra um pai se armára?!!!

COBÉ (*com força*).

Não, senhora; a barreira é esse infame
Sem nobreza, sem honra... esse covarde
Que esposo quer-se impôr sem ser amado.
Já é demais na terra Gil da Cunha!
Antigas contas cumpre que ajustemos,
E eu vou...

BRANCA.

Não vás; prefiro antes a morte;
Minha resolução está tomada:
Morrerei...

COBÉ.

Por piedade!..

BRANCA.

Morrer devo.

COBÉ (*aparte*).

Só me pôde valer um artifício;
Tente-se tudo, empregue-se a mentira (*a Branca*)
Então nada vos muda o féro intento?

BRANCA.

Amor me dá firmeza.

COBÉ.

E pois é força
Cumprir fatal missão, útil a morte.
Senhora, Agassamú a vós me envia:
Um engano feliz pôde trahir-vos;

Em vosso anel não ha subtil veneno,
Ha licor innocente....

BRANCA.

Oh! Deos! que escuto!..

COBÉ.

Agassamú seu erro conhecendo,
Presto me manda a vós... convém que cêdo
Esse anel lhe envieis; devo leval-o
P'ra que cêdo tambem nelle vos traga
Veneno certo que affiance a morte.

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ.

Dae-me o anel!

BRANCA (*desconfada*).

Ah! tu me enganas!

COBÉ.

Esse anel!.. esse anel!..

BRANCA.

Queres roubar-me
A unica esperança que me resta?..

COBÉ.

Esperança fatal!..

BRANCA.

Ella me é doce:
E' por amor que eu morro... isto me anima.

COBÉ (*com muito empenho*).

Mas vêde que esse anel não tem veneno:
Pensae... se o quereis ter... dae-m' o depressa.

BRANCA.

Cobé!..

COBÉ.

Dae-me esse annel.

BRANCA.

Duvida horrivel!.. *(depois de reflectir alguns momentos exclama)*

Mas oh! de amor inspiração ditosa!

Cobé, o annel te dou; juras trazer-m'ó

Cêdo outra vez?..

COBÉ.

Sim; juro.

BRANCA.

Bem, attende:

A morte vás buscar-me; no entretanto,

Se o que existe no annel não é veneno,

Bebo, e não morro; se é veneno, apenas

A hora apresso, que chegar presinto:

Eil-o... *(tira o annel e o leva á boca).*

COBÉ *(arrebatao promptamente o annel).*

Nunca!.. era morte!.. *(com indisivel prazer)* oh! finalmente

És meu licor sinistro!.. annel querido,

Não te cedera, não, por mil thesouros!

BRANCA *(exasperada).*

Oh! nefanda trahição!.. insano escravo!..

COBÉ *(sem attendel-a e contemplando o annel).*

Eis uma pedra pequenina e leve

Fechando a vida do homem!.. uma gotta

De limpido licor é já de sobra

Para sumir da terra o mais vaidoso

Dos animaes!.. oh! vil miseria humana!..

BRANCA.

Oh! Deos!.. *(a Cobé)* por compaixão!.. morrer preciso....

Restitue-me o annel!.. Cobé, piedade!..

Cede a meu pranto... eu peço de joelhos... *(curvando-se)*

E's agora o senhor... eu sou a escrava!...

COBÉ (*querendo em vão erguel-a*).

Que fazeis?...

BRANCA.

Que te importa a minha vida?..

Esse anel é presente de quem amo ;
Não o cedo a ninguém, e hoje me guarda
Debaixo de uma pedra a minha esp'rança.

COBÉ.

Tereis o vosso anel, senhora, eu juro...
Mas não agora.

BRANCA (*erguendo-se exasperada*).

Barbaro selvagem!..

Eu te suppunha generoso e nobre,
E's vil como a serpente, que rasteja :
Miseravel!.. se acaso vale a praga
Sahida dos umbraes da sepultura,
Eu que já peso a pedra do meu tumulo...
Eu te maldigo!.. vai!.. miseria horrivel
Te persiga... e a teus olhos quem amares
Em desespero e longo transe morra!..
Sê maldito, selvagem, sê maldito!..
Foge da minha vista!.. eu te abomino!..
Por toda a parte féra te persiga
A minha maldição!.. deixa-me! vai-te!..
Sê maldito, selvagem, sê maldito!..

COBÉ (*frio*).

Parto, mas voltarei ; e a praga horrivel!
Vereis, senhora, se de vós mereço. (*Vae-se*).

SCENA III.

BRANCA.

Estou perdida!.. a ultima esperanza
Para mim se apagou!.. misera victima

Vão arrastar-me a horrendo sacrificio!
 Eis-me só... sem amparo, abandonada... (*girando a scena*)
 Quem por mim!.. quem por mim!.. ah!.. Valentina!..
 (*entra Valentina.*)

SCENA IV.

BRANCA E VALENTINA.

VALENTINA.

Senhora, é tempo; só por vós se espera.
 Deixae que o véo e a virginal corôa
 Prenda em vossos cabellos.

BRANCA.

Desgraçada!..

VALENTINA.

Que recurso vos resta?.. vossas lagrimas
 Infructíferas são; cedei ao fado;
 Não offendaes a Deos, desesperando;
 Nossa vida é assim... soffremos sempre.

BRANCA.

Valentina!..

VALENTINA.

Sentae-vos... eu vos peço... (*Branca senta-se machi-
 nalmente. Valentina põe-lhe o véo e a grinalda de rosas
 brancas*).

BRANCA.

O vestido da noiva em que differe
 Da mortalha da virgem?.. não são ambos
 Brancos?.. e a corôa da donzella
 Não se leva ao altar e á sepultura?..
 Sim! prenda-me esse véo... põe-me essa c'róa;
 Amortalha-me em vida!...

VALENTINA.

Inutilmente

Redobraes vossa dôr!

BRANCA.

Ah! Valentina!...

VALENTINA.

Socegae ; vosso espirito agitado
 Prevê e soffre de antemão tormentos,
 Que no futuro não tereis por certo.
 Vosso esposo ha de amar-ves ; tão formosa
 Tereis nelle um amante apaixonado :
 Vinde... no espelho vossa imagem vêde ;
 Os vossos olhos luminosos brilham
 A despeito do pranto ; como alvejam
 Entre as vossas madeixas negras, bastas
 As brancas rosas da virginea c'róa !
 Como fulge a belleza em vosso rosto !
 No arfar do seio exaltam-se os desejos...
 Amor ardente vossas graças movem ;
 Sois bella... sois gentil... e a f'licidade...

BRANCA.

Basta : sou bella, sou gentil !.. qu'importa ?..
 Malditas sejam tão funestas graças !
 D'ave sonora o doce canto é origem
 De sua escravidão ; porque é formosa,
 Do ramo que a sustenta a flôr arrancam ;
 E a mulher, por ser bella... oh ! mil... mil vezes
 E' condemnada a detestaveis laços !

VALENTINA.

Exagerada a vossa dôr desvaira.
 Ouvi, senhora : o amor do terno esposo,
 Que embora não amado vos adora,
 Em breve ha de estancar as vossas lagrimas ;
 O tempo o resto faz ; grata aos extremos
 Que a Dom Gil deveis, a indiferença
 Do vosso coração irá fugindo,
 Cedendo o posto pouco a pouco á estima,

Se não ao proprio amor : a natureza
 Os vossos laços ornerà de flôres ;
 Mimosos fructos da união sagrada,
 Filhos queridos tornarão suaves
 Essas cadeias que vos pesam hoje.
 Ah! leio no futuro a vossa dita :
 Sereis feliz!...

BRANCA.

Estacio!..

VALENTINA.

Oh ! não, senhora,
 Nunca mais esse nome em vossos labios...

BRANCA (*exaltando-se*).

Sempre em meu coração!.. aqui não manda,
 Aqui não tem poder a prepotencia!..
 Arrastada ao altar do sacrificio,
 Enregelada mão darci ao esposo
 Que o destino me impõe; porém minh'alma
 Nunca será perjura: eu não sou noiva!
 Sou victima infeliz!.. irei de rastos
 Aos pés do sacerdote!.. ao céu não hade
 Chegar o falso voto que dos labios
 Vão arrancar-me!.. Deos não póde ouvil-o!..
 Será maldito este hymenéo sacrilego!
 Seja esteril meu seio; Deos me escute!..
 E quando em minha face o meu tyranno
 Quizer depôr primeiro beijo.. e os braços
 Ao collo me lançar... em vez de esposa,
 Beije... abrace um cadaver!.. Deos me escute!..

VALENTINA.

Ah! senhora!

BRANCA.

Retira-te: um momento
 De liberdade á misera concedam. (*Vai-se Valentina tristemente*).

SCENA V.

BRANCA.

Sem remedio!.. perdida sem recurso!..
 Não ha nada a esperar... oh! Deos mais nada!..
 Se o meu annel ao menos me restasse...
 Se o veneno... Cobé! porque não voltas?.. (*girando a scena*)
 Cobé! Cobé! soccorre-me!.. inda é tempo!..
 Cobé!.. (*estacando defronte do espelho*) oh! eis a victima enfeitada!..
 Sobre a minha cabeça alveja a c'rôa
 Das virgens; mas por baixo destas flôres
 Ha espinhos que pungem; não importa:
 Mulher, ergue a cabeça!.. o véo das noivas
 De meus cabellos pende... ao pé dos olhos
 Serve para enxugar as minhas lagrimas!..
 Brancas vestes... brilhantes... ricas joias...
 Que mais falta?.. mulher! bemdiz teu fado;
 Inda que tenhas n'alma o desespero,
 Estende um bello riso nesses labios!..
 Illude a teu senhor, engana ao mundo;
 Arrasta os teus grilhões, e diz que és livre;
 De dôr estala, e jura que és ditosa!.. (*fugindo do espelho*)
 Oh! Deos!.. (*entra D. Rodrigo*) meu pai!..

SCENA VI.

BRANCA E D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Amada filha!

BRANCA (*aparte*).

Eu tremo!..

D. RODRIGO.

Filha, a missão de pai prestes acabo;
 Junto ao altar de Deos eu vou despir-me
 De minha autoridade, e meus direitos,
 Que assume o teu esposo; vás por elle

Para sempre deixar-me: não me queixo;
Mandam assim da sociedade os usos
E os dogmas sagrados; porém antes
Que chegue essa hora deves escutar-me.

BRANCA (*aparte*).

Que irá dizer?.. que mais de mim pretendem?..

D. RODRIGO.

Serás esposa: nobre tí'lo é esse;
Mas com elle vos vêm serios deveres.
Eu não te recommendo honra e virtude;
Fôra desconhecer-te o recordal-as;
Mas talvez sejas mãe: filha, o que hei sido
Para ti, p'ra teus filhos tu ser deves;
Do nome que me levas zela a fama;
Dá-lhe herdeiros que o brilho lhe conservem;
Ensina aos filhos teus, que alta nobreza
Altas obrigações contrahe difficeis;
Não é de si um nobre; a gloria sua
Está em preferir ao proprio gosto
O que dê mais renome aos seus vindouros;
E' da patria e do rei tudo o que é delle;
Sabe abafar paixões... odios... amores
Em favor da nobreza de seu sangue.
Basta o que dice; cumpre o que te ensino:
Tenham teus filhos sorte como a tua.

BRANCA (*aparte e á meia voz*).

Seja esteril meu seio!.. Deos me escute.

D. RODRIGO.

Meus conselhos ouviste, amada filha;
Agora o altar te espera; mas consente
Que inda um momento aqui nos demoremos.
Teu bello noivo apaixonado aspira
A' gloria de beijar a mão formosa,
Que em breve vai ser delle; quer de novo

Talvez jurar-te amor, e antes de esposo
 Inda uma vez admirar-te as graças.
 Entrae, D. Gil!

BRANCA (*aparte*):

O algoz contemple a victima.

SCENA VII.

BRANCA D. RODRIGO E D. GIL DA CUNHA.

D. GIL (*a Branca*).

Senhora, a vossos pés venho curvar-me
 Agradecido pela dita immensa
 Que emfim me concedeis; de nobre orgulho
 Sinto-me cheio admirando aquella
 Que vai ser minha esposa: aos santos dotes,
 A's virtudes que Deos vos plantou n'alma
 Deu-vos ainda a natureza encantos;
 Que a palma da belleza vos consagram:
 Minha ventura o meu amor iguala;
 E outra vez ante vós ajoelhado,
 Senhora, eu peço que este amor ardente
 Com terna estima me pagueis ao menos,
 E que inda mais ao meu ardor cedendo
 Não demoreis mais tempo o doce instante
 Em que no altar de Deos sagrados laços
 Em ditosa união devem prender-nos.

BRANCA.

Sòa a hora fatal!

SCENA VIII.

BRANCA, D. RODRIGO, D. GIL E VALENTINA.

VALENTINA (*a Rodrigo*).

Vossos amigos,
 Senhor, enchem a sala e vos procuram.

D. RODRIGO.

Vou recebê-los já : Branca, não tardes ;
 Dom Gil off'rece a mão á tua esposa,
 E vêm apresental-a aos convidados. (*Vae-se com Valentina*).

SCENA IX.

BRANCA E D. GIL.

D. GIL.

Vamos, senhora !

BRANCA.

Inda um-momento... eu peço...

D. GIL.

Branca!...

BRANCA.

Por compaixão... dae-me um instante!..
 Quero resar primeiro...

D. GIL.

Tereis tempo
 De sobra p'ra resar junto de um padre,
 E aos pés do altar...

BRANCA.

Senhor!..

D. GIL.

Vamos!..

BRANCA.

Não posso!..

D. GIL (*agarrando-a e furioso*).

A' força mesmo se preciso fosse!!!...

BRANCA (*exasperada*).

Ninguém tenho por mim!.. ninguém me vale!..
Oh!.. (*Cobé aparece á porta: D. Gil larga Branca,*
que corre a elle) Cobé!..

SCENA X.

BRANCA, D. GIL DA CUNHA E COBÉ á porta.

BRANCA (*a Cobé*).

Meu anel!..

COBÉ (*a D. Gil*).

Dom Gil da Cunha!..

Emfim te encontro!..

BRANCA.

E o meu anel?.. depressa!.. (*estendendo o braço*).

COBÉ (*abre o anel, bebe o veneno, e entrega o anel a Branca*).

Eil-o (*fica em pé e de braços cruzados*).

BRANCA.

Que fazes?..

D. GIL.

Misero selvagem (*Cobé tem os olhos em D. Gil*).

Ousas aqui entrar?..

BRANCA.

Ah! que fizeste?..

COBÉ (*frio*).

Marquei um termo á minha desventura.

BRANCA.

O veneno?!!!

COBÉ.

Está dentro do meu seio.

Oh!!!... BRANCA.

D. GIL.

Póde acaso um insolente escravo
Embargar-nos o passo?.. Branca, vamos;
E' já de mais,

BRANCA.

Cobé!...

COBÉ (*dando um passo*).

Cobé por Branca!..

D. GIL.

Ousarias...

BRANCA.

Cobé!.. Oh! desgraçada!..
Sacrifiquei-te!..

COBÉ (*olhando com desprezo para D. Gil*).

Eu nada mais receio.
Agora não os temo; o meu cadaver
Terão sómente, e ao muito como abutres
Dilaceral-o pódem: tal vingança
Digna é de meu desprezo, e digna delles.

D. GIL.

Cobé! repara...

COBÉ.

A morte se aproxima;
Mortal veneno em minhas veias gira;
Urge o tempo (*sinistramente*). Brillou por fim o dia
Da vingança!.. o selvagem se levanta!.. (*terrivel até o fim*)
Dom Gil da Cunha!.. a hora é de nós ambos:
Quem á traição na choça surprehendeu-me
Foste tu!.. quem n'um jugo vergonhoso
Fez gemer minha mãe, tu foste ainda!..

A nossa escravidão a ti só devo!..
 Não vês pois que o teu sangue me é preciso?..
 Não adivinhas que por mim chegamos
 Ambos ao nosso dia derradeiro?..
 Ah! tu tremes, D. Gil?.. empallideces?.. (D. Gil atterrado)
 Onde está teu valor?.. não tens ao lado
 A espada dos guerreiros?.. soffrer podes
 Injurias de um escravo!.. vil!.. cobarde!..
 Grande só nas traições, infame em tudo!..
 Oh!.. arranca essa espada da bainha!..
 Vem!.. ataca o selvagem!.. não te moves?!!!
 Eu te desarmo pois!.. (arranca-the a espada) quebro essa espada!
 (quebra e atira-a)

Não pertence a um cobarde a arma dos bravos.
 Ficas immovel? crês que assim te deixo?..
 Esperas vêr extincta a minha vida,
 Para pisar talvez o meu cadaver,
 E ao altar de teu Deos levar de rastos
 Uma mulher que te não ama?.. oh!.. nunca!..
 Devo Branca salvar... quero vingar-me!..
 Não me has de escapar!.. aos pés de Branca
 Jurei matar-te!.. vem!.. (avança sobre D. Gil e agarra-o)..

D. GIL.

Oh! soccorro! soccorro!

COBÉ.

Em vão tu chamas?

Primeiro morrerás...

D. GIL (succumbindo).

Perdão!!! piedade!..

BRANCA.

Cobé!.. Cobé!.. perdão p'ra o desgraçado!..

COBÉ (arrastando D. Gil).

Não posso dilatar minha vingança...

Sinto as ancias da morte no meu seio... (arrastando D. Gil aos
 pés de Branca)

Oh!.. vem!.. vou deshonrar-me derramando

O sangue de um cobarde!.. não importa:

Morrerás.

D. GIL (*subjugado*).

Oh! perdão!..

BRANCA.

Cobé!.. perdoa!..

COBÉ (*erguendo uma faca*).

Não ha perdão p'ra o caçador de escravos!.. (*fere a D. Gil*)
Morre!.. (*cahe D. Gil*).

BRANCA (*atirando-se de joelhos adiante do oratorio*).

Meu Deos!.. meu Deos!.. eu desfalleço!.. (*Cobé mal se sustém*).

COBÉ (*desanimando*).

Branca!.. estaes livre!..

BRANCA.

Deos!.. misericordia!..

SCENA XI.

BRANCA sempre de joelhos defronte do oratorio; D. GIL, morto; COBÉ, arquejando e sentindo os effeitos do veneno mortal; AGASSAMU', que entra e vai tomar a frente da scena, sem reparar no estado de Cobé).

AGASSAMU'.

Fica!.. mas vive a vida dos infames!..

Fica!.. mas...

COBÉ (*desfallecendo*).

Minha mãe... suspende... eu morro...

(*) Branca!.. Branca!.. eu te amava!.. adeos!.. (*expira aos pés de Branca*).

AGASSAMU' (*com um grito desesperado*).

Meu filho!..

(*Agassamú corre ao filho já cadaver*).

O PANNÓ DESCE.

FIM DO DRAMA.

(*) Branca, que está de joelhos junto do oratorio, solta um grito e vem a Cobé; mas, vendo-o expirar, cobre o rosto com as mãos e vai outra vez cahir de joelhos no mesmo lugar.